



Espiritualidade

Nº 88

**NUEVAMERICA**

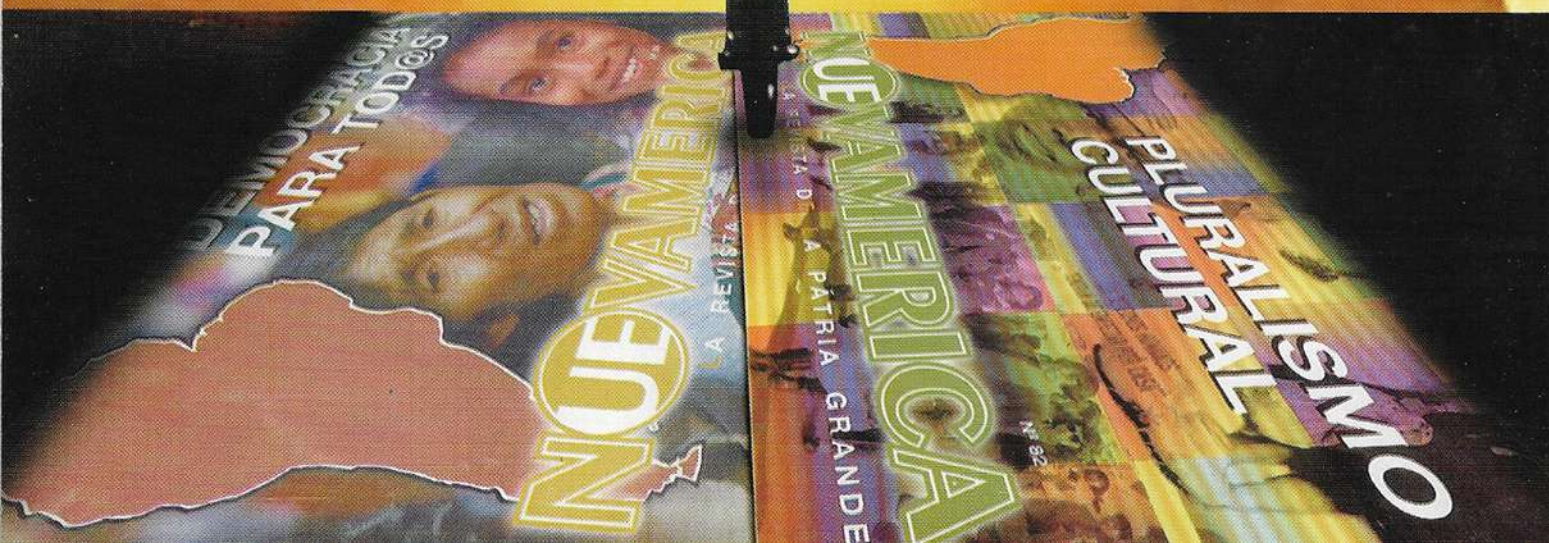
LA REVISTA DE LA PÁTRIA GRANDE



**NUEVAMERICA**  
*una revista  
y mucho más...*



**NOUAMERICA**  
*uma revista  
e muito mais...*





# Espiritualidad

## Espiritualidade

**P**orque hablar de espiritualidad, hoy?

En el umbral de un nuevo siglo, lo religioso vuelve a ocupar un espacio cada vez mayor en el imaginario social de las personas. Sin embargo, ni siempre, la vivencia de lo religioso se expresa a través de una mayor vinculación a las organizaciones religiosas institucionalizadas. A pesar de que para estas, se les plantea la necesidad de repensar y de recrear el significado y las formas de expresión de la espiritualidad, quebrando con los esquemas tradicionales.

La espiritualidad no se reduce a la adhesión a una determinada confesión de fe. Hasta se puede expresar en una confesión particular, pero ante todo, es algo que configura toda la vida. La espiritualidad es un modo de ser, de vivir, de valorizar, de sentir, de amar, de soñar. Por eso es difícil hablar de espiritualidad en singular.

Mismo restringiéndonos a la espiritualidad cristiana, a la cual se refieren la mayoría de los artículos incluidos en este número, nuevas comprensiones de espiritualidad emergen, nuevas imágenes y nuevos símbolos adquieren significado.

Mujeres e indígenas, en especial, desde la forma peculiar con que viven su espiritualidad, imprimen en ella su marca, abriendo camino para la aceptación de la pluralidad, de la diferencia, de la singularidad de personas y grupos, de género, de religiones. Es ese desafío, el de acoger la pluralidad, lo que nos posibilita la vivencia de una espiritualidad verdaderamente ecuménica.

A pesar de la crisis tan difundida, la espiritualidad cristiana latino-americana va bien, "está viva y goza de buena salud", dice uno de los autores. Uno de los grandes ejes de renovación y que a su vez es un gran desafío parece ser, exactamente, el del pluralismo religioso, que supone no sólo dialogar con otras religiones sino también reformular, reinterpretar todo el cristianismo: sus tratados teológicos, su cosmovisión, su espiritualidad y también su práctica.

Reafirmase la opción por los pobres en cuanto única forma posible de seguir a Jesús en el contexto actual de América Latina. Como afirma Gutiérrez, en un mundo cada vez más polarizado, que parece destinar centenas de millones de personas ("insignificantes" e excluidos) a una situación deshumana, "uno de los grandes desafíos para el discípulo de Jesucristo es ser testimonio de una auténtica comunión entre las personas, de la defensa de la vida y de la justicia en un mundo de exacerbado individualismo".

Se redescubre la dimensión de lo comunitario. Frente al individualismo creciente de nuestras sociedades, no sólo se resalta el valor de la subjetividad, sino que se potencializa la experiencia comunitaria en cuanto expresión del carácter relacional de toda persona humana y como dimensión esencial de la propia vivencia eclesial.

Una espiritualidad plural, personal y comunitaria, mística y encarnada, amorosa y profética, contextualizada y comprometida viene siendo construida y sembrada en estas nuestras tierras latino-americanas.

**P**or que falar de espiritualidade, hoje?

Neste limiar de um novo século, o religioso volta a ocupar um espaço cada vez maior no imaginário social das pessoas. Nem sempre, entretanto, a vivência do religioso se expressa através de uma maior vinculação às organizações religiosas institucionalizadas. Mesmo para estas, coloca-se a necessidade de repensar e de recriar o significado e as formas de expressão da espiritualidade, rompendo com os esquemas tradicionais.

A espiritualidade não se reduz à adesão a uma determinada confissão de fé. Até se pode expressar em uma confissão particular, mas antes de tudo, é algo que configura toda a vida. A espiritualidade é um modo de ser, de viver, de valorizar, de sentir, de amar, de sonhar. Por isso é difícil falar de espiritualidade no singular.

Mesmo se nos restringimos à espiritualidade cristã, à qual se referem a maioria dos artigos incluídos neste número da revista, novas compreensões de espiritualidade emergem, novas imagens e novos símbolos adquirem significado.

Mulheres e indígenas, em especial, a partir da forma peculiar com que vivem a sua espiritualidade, imprimem nela a sua marca, abrindo caminho para a aceitação da pluralidade, da diferença, da singularidade de pessoas e grupos, de gênero, de religiões. É esse desafio de acolher a pluralidade que nos possibilita a vivência de uma espiritualidade verdadeiramente ecumênica.

Apesar da crise tão propalada, a espiritualidade cristã latino-americana vai bem, "está viva e goza de boa saúde", diz um dos articulistas. Um dos grandes eixos de renovação e um grande desafio parece ser exatamente o do pluralismo religioso, que supõe não só dialogar com outras religiões, mas também reformular, reinterpretar todo o cristianismo: seus tratados teológicos, sua cosmovisão, sua espiritualidade e também sua prática.

Reafirma-se a opção pelos pobres enquanto a única forma possível de seguir a Jesus no contexto atual da América Latina. Como afirma Gutiérrez, num mundo cada vez mais polarizado, que parece destinar centenas de milhões de pessoas ("insignificantes" e excluídos) a uma situação desumana, "um dos grandes desafios para o discípulo de Jesus Cristo é ser testemunha de uma verdadeira comunhão entre as pessoas, da defesa da vida e da justiça em um mundo de exacerbado individualismo".

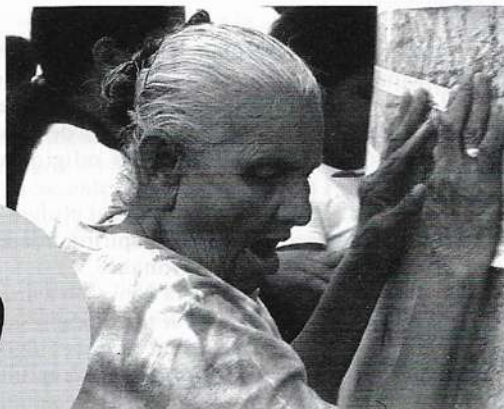
Redescobre-se a dimensão do comunitário. Ante o individualismo crescente das nossas sociedades, não só se resalta o valor da subjetividade, mas potencializa-se a experiência comunitária enquanto expressão do caráter relacional de toda pessoa humana e como dimensão essencial da própria vivência eclesial.

Uma espiritualidade plural, pessoal e comunitária, mística e encarnada, amorosa e profética, contextualizada e comprometida vem sendo construída e semeada nestas nossas terras latino-americanas.



## *De cuerpos, relaciones y compromisos – mujeres y espiritualidad*

Ute Seibert, diretamente de Santiago do Chile, nos brinda com um instigante texto sobre espiritualidade feminina. Vale a pena conferir: *De cuerpos, relaciones y compromissos - mujeres y espiritualidad*.



10



## *Espiritualidade*

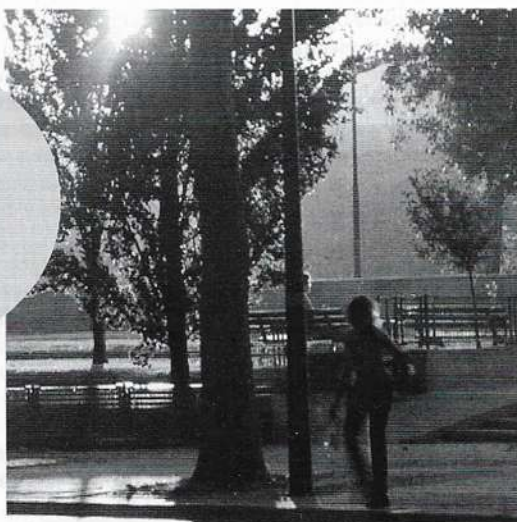
16

Nesta edição, a teóloga Ana Maria Tepedino apresenta suas reflexões sobre **Espiritualidade** hoje. Seu texto é poético, envolvente e nos convida a viver uma experiência espiritual.

36

## *Confissões*

De Costa Rica, Elsa Tamez faz suas **Confissões**. Seu texto é pura emoção e nos incentiva a manter sempre viva a chama de nossa fé.



NESTE NÚMERO EN ESTE NUMERO



REALIDADES REALIDADES

4

ESPIRITUALIDADE NA ERA DIGITAL  
*Brenda Carranza*

DE CUERPOS, RELACIONES Y  
COMPROMISOS - MUJERES Y  
ESPIRITUALIDAD  
*Ute Seibert*

10

ENTREVISTA ENTREVISTA

16

ESPIRITUALIDADE  
*Ana Maria Tepedino*

CIDADANIA CIUDADANIA

20

NUEVAS TENDENCIAS EN LA VIVENCIA  
DE LO RELIGIOSO EN EL URUGUAY  
*Guillermo Kerber*

BALANÇO DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO  
CONGRESSO ORGANIZADO PELA SOTER  
*Consuelo Vélez C.*

26

ENFOQUES ENFOQUES

30

TEOLOGIA Y ESPIRITUALIDAD HOY  
EN AMÉRICA LATINA  
*José María Vigil*

CONFISSÕES  
*Elsa Tamez*

36

42

APUNTES PARA UNA ESPIRITUALIDAD  
EN LA ENCRUCIJADA DEL 2000  
*Oscar A. Campana*

EDUCAÇÃO EDUCACION

52

UNA NUEVA EDUCACION RELIGIOSA  
PARA BOLIVIA - UNA MIRADA ME  
HABLA DE UN CAMINO  
*Onno Meyer*

46

O ENSINO RELIGIOSO ABRINDO CAMINHOS  
*Carmencita Seffrin*

IDENTIDADES IDENTIDADES

62

PROTESTANTISMO E ESPIRITUALIDADE  
*Edson Fernando de Almeida*

56

LA FUERZA ESPIRITUAL DE LOS INDIOS  
*P. Eleazar López Hernández*

RESENHA RESEÑA

66





# Espiritualidade na era digital

Brenda Carranza  
Campinas - Brasil

*Formada em Ciências Sociais e Teologia, atualmente faz doutorado na área de Cultura e Política no Instituto de Filosofia e Ciência Humanas da Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil. Autora do livro: Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências. Editora Santuário (2000).*

¿Qué teorías nos pueden ayudar a entender la religión en una era "digital"? ¿Qué religión es esa? ¿Cómo es la frontera que separa fundamentalismo de pluralismo religioso, en ese contexto? ¿Se puede hablar de una profundización de la privatización de la religión a través del uso que se hace de Internet? Estas son apenas algunas de las instigantes preguntas que atraviesan el texto de Brenda Carranza que le presentamos a continuación. ¡No se lo pierda!

**E**ntrevistado Gianni Vattimo, filósofo italiano, sobre a revolução silenciosa que a internet está fazendo na indústria cultural declarou: "É uma época de transição, em que ainda estamos atentos às mudanças; a nova cultura digital guarda muitos traços da velha, o que é bom, enriquecedor (...) preocupa-me o uso que formas modernas de dominação podem exercer sobre a pluralidade pós-moderna (...) não sei apontar o completo significado dos efeitos dos meios digitais sobre a arte, a cultura, a religião pois as vantagens dos novos meios são claras mas as desvantagens ainda não..." (CP, 08.10.2000; CC1).

Ao procurar o termo religião nos diferentes buscadores nacionais (termo utiliza-



do para designar ao computador das temáticas, produtos e serviços disponíveis nas páginas *web*), podemos nos encontrar, por exemplo, com a seguinte oferta: 100 categorias classificatórias, 469 *sites*, 49.300 *links* (yahoo); 58 categorias classificatórias, 880 *sites*, 100 mil *links* (cadê); 88 categoria/sugestões, 492 *links* (uol); 542 categorias/sugestões, 10 ou 15 *links* por sugestão (altavista). Como é evidente mapear a oferta religiosa torna-se difícil, porque além do volume de informação temos o fator tempo, que faz com que a rapidez com que circula torne quase impossível ter um controle sobre ela. É importante lembrar que é justamente essa a proposta da *internet*: circulação e acesso livre e democrático, impedindo, aparentemente, qualquer tipo de controle.

Diante desse vertiginoso volume de informação surge o questionamento: que religião é essa? Lendo a interminável oferta de *felicidade* que cada *site* promete a seus internautas:

*Na atualidade,  
há um leque de  
oportunidades maior  
para escolher as  
respostas que mais  
agradam acerca da  
morte, felicidade,  
destino,  
relacionamentos.*

o que é salvação no universo ofertado? Mais ainda, que conceitos permitem o provedor classificar como religião, espiritualidade, crença determinadas expressões religiosas que circulam pela Internet? Qual pode ser o arcabouço teórico que nos ajude pensar a religião e nela a espiritualidade, numa era tida como *digital*? Quais são os mecanismos que estão fazendo a passagem entre igreja eletrônica e igreja digital? No âmago da revolução tecnológica há implícitos questionamentos à religião, especificamente à escatologia contemporânea e à espiritualidade, outrora portadoras das respostas sobre a felicidade, destino, morte, alteridade, referenciais éticos, que os homens e mulhe-

res contemporâneos não dispensaram perguntar, muito pelo contrário (Bauman, 1998).

## COMUNIDADES RELIGIOSAS VIRTUAIS

Na modernidade a religião perde sua função de estruturadora de leis cósmicas e leis sociais, lugar que passa a ocupar o estado e a ciência. Na globalização, além dessas funções não serem domínios da religião, com a multiplicidade de escolhas de sentido, veiculadas pela mídia eletrônica e seus fluxos comunicacionais, o homem moderno tem muito mais para escolher as respostas que mais lhe "agradem" em questões que dizem respeito a destino, felicidade, morte, relacionamentos (Beyer, 1994).

Assim, o impacto social e cultural da *internet* se encontra, de um lado, na convergência de trabalho, casa e lazer que encontramos num mesmo meio, do outro lado, na cultura da virtualidade que é portadora. Compreendida a cultura da virtualidade como a realidade em si da pessoa, sua existência material e simbólica, que está imersa num embate de imagens virtuais, nas quais os símbolos não são apenas metáforas, mas abarcam experiências reais (Turkle, 1996; Castells, 1999).

Através da interatividade o *internauta* tem a oportunidade de criar, desde sua casa, mecanismos que tornam encontros religiosos em *comunidades virtuais*, onde a cultura da virtualidade lhe favorece experiências reais. Ora se comunidade é um termo precioso para a compreensão conceitual da religião e suas experiências, se ela delimita fronteiras e se converte em elemento identitário fundamental, o que pode significar a veiculação de infinidade de propostas religiosas, que se tornam, ou não, em experiências virtuais, através da *internet*. Dito de outra maneira, o que pode significar para os internautas latino-americanos, referenciados a comunidades religiosas tradicionais, acessar a imensa gama de ofertas religiosas que circulam na *internet*, inseridos na tênue fronteira demarcada entre pluralismo e fundamentalismo religioso.

## FIÉIS-DEVOTOS-INTERNAUTAS


Um rápido mapeamento dos *sites* religiosos nos permite observar que as ofertas para o internauta vão desde o Candomblé (velha batalha de legitimação religiosa no Brasil,



Vudú, no Haiti) até a *New Age* (Nova Era) movimento que desperta fundamentalismos cristãos entre católicos e pentecostais, não faltando os *sites* de Islamismo, Judaísmo, Budismo, Xintoísmo.

No campo das religiões afro-brasileiras a oferta consultada oscila entre explicação do que significam os Orixás, até receitas para fazer as comidas rituais dos cultos afro. Há também consultas *on line* sobre qual o orixá do internauta; consulta sobre buzios, consulta

*on line* com o pai de santo, troca de receitas e encantamentos ([www.4sul.com.br](http://www.4sul.com.br); [www.candomblé.com.br](http://www.candomblé.com.br); [wwwusers.sti.com.br](http://wwwusers.sti.com.br); [www.domai.com.br/cliente](http://www.domai.com.br/cliente); [pwpercio/index](http://pwpercio/index); [www.olorunaxê.com.br](http://www.olorunaxê.com.br);) Ora, num país como o Brasil onde até o início do século as religiões afro-brasileiras eram caso de polícia, não sendo diferente os ataques das igrejas pentecostais e a Renovação Carismática Católica neste final de século, é interessante a fluidez que o espaço *democrático* da internet



*O internauta  
pode criar encontros  
religiosos em  
comunidades  
virtuais desde sua  
casa.*

oferece, questionando diretamente na sua forma e conteúdo o recrudescimento desses fundamentalismos (Prandi, 1997).

Já nas ofertas da *New Age* (Nova Era), nome que na *internet* agrupa tudo o que não é reconhecido ortodoxamente como religioso, o campo é vasto e instigante. Sobre misticismo encontramos *sites* dedicados às ciências ocultas, textos sobre satanismo e vampirismo ([www.members.xoom.com](http://www.members.xoom.com)); vidas passadas, oferecendo informação sobre reencarnação e possibilidade de contato com o além ([www.geocities.com/vidaspassadas](http://www.geocities.com/vidaspassadas)). Na oferta da astrologia no [www.guruweb.com](http://www.guruweb.com) são feitas consultas online gratuitas com acesso a: tarô, numerologia, astrologia, esoterismo. O imaginário construído sobre anjos é fantástico em criatividade, produtos e serviços: análise sobre os anjos pessoais, os anjos da guarda *online*, hierarquia dos anjos, informações sobre almas gêmeas, cabala, anjo da guarda, os arcanjos e suas qualidades ([www.numerologia.com](http://www.numerologia.com); [www.poçosnet.com](http://www.poçosnet.com); [www.redival.com.br](http://www.redival.com.br); [www.terravista.com/cabala](http://www.terravista.com/cabala); [www.anjosecienet.com](http://www.anjosecienet.com)).



## SALVAÇÃO ON-LINE

Observe-se a variedade de propostas de sentido que fazem da *internet* um mercado de trocas simbólicas, utilizando os termos de Bourdieu, local sem lugar, espaço sem tempo que homogeniza as ofertas, substraíndo-as dos contextos sócio-históricos onde foram construídas (Bourdieu, 1992). Cultura da virtualidade religiosa imersa num embate de imagens virtuais, recompondo o imaginário e a prática religiosa. Se é verdade que só a informação não garante as mudanças de hábitos, também é certo que na medida que se converte em hábito resolver problemas em solitário, somado à inúmeras vezes que se consulta o *site* para outras questões cotidianas, altera-se a prática social. É possível, então, arriscar pensando que a prática constante de consultas religiosas reforça o traço pós-moderno da privatização da religião? Será possível que navegar na *internet*, procurando respostas e conselhos diante da morte, pergunta fundamental da escatologia humana, torna-se mais uma atividade de lazer, portanto, relegando a religião, nos termos de Allain Touraine, ao entretenimento?

O fenômeno da globalidade, que afeta diretamente as questões individuais e civilizacionais, traz embutidas as mudanças intrasocietárias, que, por sua vez, são contemporâneas e sincronicamente simultâneas (Robertson, 2000:125). Assim, por exemplo, estar no topo do avanço tecnológico não suprime manifestações religiosas consideradas anacrônicas, tradicionalistas e conservadoras, nos meios midiáticos a disposição, como também evidencia emergentes fundamentalismos (compreendido esse como formas reativas à modernidade, atitude frente ao mundo ameaçado pela concorrência, delimitação obsessiva de fronteiras identitárias). Basta clicar Centro Apologético Cristão, para admirar-se da existência de grupos ancorados em elementos ultraconservadores, como defesa de uma só maneira de salvar-se no mundo: a fé católica ([www.geocities.com/revelação](http://www.geocities.com/revelação)). Ao mesmo tempo que circulam diversas formas de fundamentalismo, há também no mesmo espaço e tempo atemporal ofertas ecumênicas que apoiam comunidades desprivilegadas, sem qualquer exclusividade

de natureza religiosa, étnica ou político-partidária. ([www.cese.org.br](http://www.cese.org.br))

De tal forma que a era digital participando de uma cultura da virtualidade real, tende a criar um novo estilo de vida, centrado na casa (para trabalho, serviços e entretenimento) e no individualismo. A mídia eletrônica homogeniza padrões sócio-culturais, através da segmentação dos diferenciadores culturais: usuário e expectador; estratificando os usuários em gerenciadores (os que manipulam e



constróem) e receptores (os que consomem os pacotes), e integrando todos as mensagens em um padrão cognitivo comum (Castells, Vol. 1: 393). No plano religioso, essa cultura da virtualidade real, com sua proposta de analisar os receptores virtuais ou receptores religiosos, como consumidores de pacotes de salvação, torna-se instigante. Se a *internet*, se constitui num meio capaz de construir identidades, nos termos de Sherry Turkle, visto sua capacidade de interatividade simulando alteridade real, os *chats* tornam-se espaços privilegiados desse jogo.

## DIREÇÃO ESPIRITUAL EM TEMPO REAL

Consultando o *chat* do Pe. Marcelo Rossi, padre da Renovação Carismática Católica, que no Brasil tornou-se emblema de sucesso publicitário com a "aeróbica de Jesus", pretende ser uma direção espiritual *online*, chamou-me a atenção as regras de participação ([www.terra.com.br/padremarcelo/htm](http://www.terra.com.br/padremarcelo/htm)). Assim, o moderador do *chat* é o representante do provedor, no caso Terra, o entrevistado, Pe. Marcelo, que lerá só o que o moderador

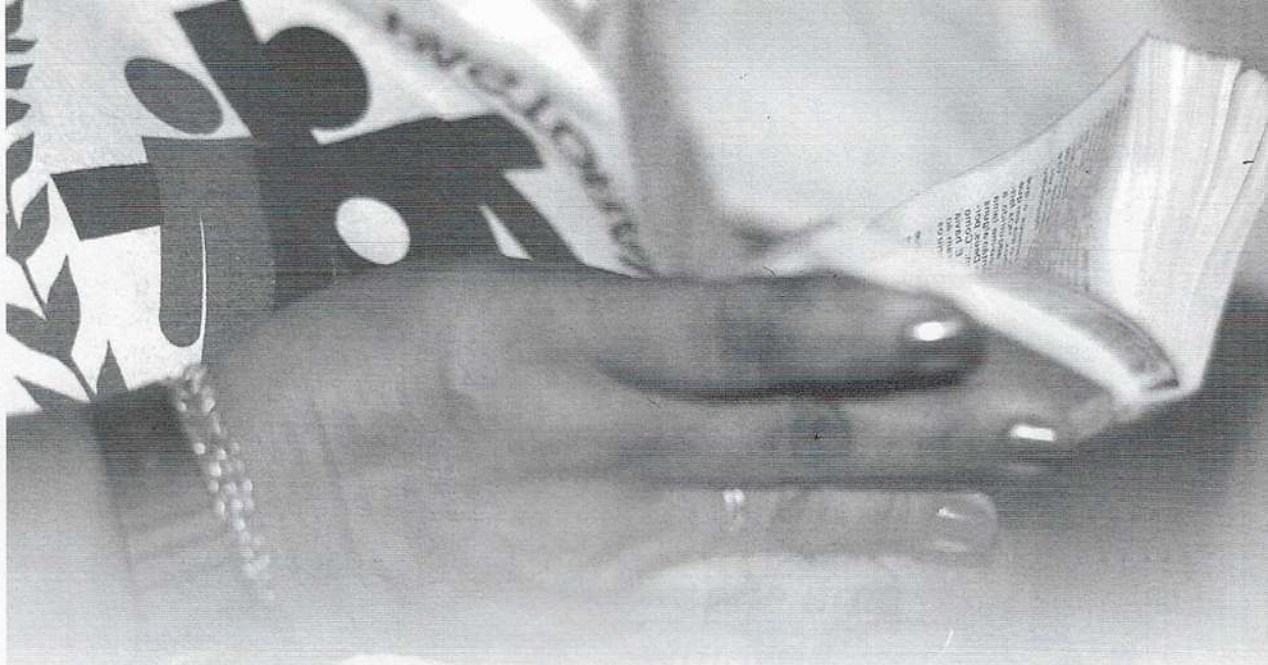
passar para ele. Ora a direção espiritual, na mística cristã, divulgada amplamente pela espiritualidade jesuíta, por exemplo, caracteriza-se pela relação estritamente pessoal, sem intervenção de terceiros, além de um acompanhamento pessoal que faz dos encontros momentos de um processo de crescimento. Como pode ser compreendida essa dupla intervenção, máquina e provedor, que seleciona o que é ou não motivo de conversa numa proposta que solicita o contato interpessoal direto, facilitador, no mínimo, dessa interação primária, dado constitutivo das propostas religiosas do catolicismo, no caso.

Quando o *fiel-internauta* se submete a uma direção espiritual num *chat* o que está mudando na sua percepção das relações interpessoais? Sabemos que as perguntas e as

*"As ofertas religiosas na Internet oscilam entre a pluralidade religiosa e o fundamentalismo".*







respostas para fazer sentido e ser resignificadas tem que estar ligadas a espaços e tempos concretos, mas a lógica que dirige o novo paradigma tecnológico é a do *tempo real*, simultâneo e efêmero, portanto, não se pode esquecer que o meio é também a mensagem. Além disso, a simultaneidade de significados, a imposição de uma lógica de lugares segmentados dá passo ao espaço de fluxos. Nele se identifica a experiência desligada de lugares, abstraída de poder e separada de conhecimento.

Com isso os ritmos de vida, associados ao ciclo de vida, são alterados. O tempo como repetição de rotinas transforma-se em tempo de fluxos, o tempo linear altera-se para tempo segmentado, o tempo biológico e social, passa a ser um tempo existencial e individual. O tempo cronológico, para um tempo intemporal: o tempo tempo real (Giddens, 1992). O tempo do sagrado, das práticas ritualizadas, das resignificações, transformado no *tempo real*, prolonga no campo religioso o que acontece na estrutura social: a mudança de ritmos de vida. É a lógica do mercado dirigindo a religião? Na *internet* observamos a oferta religiosa levada a seu mais alto grau de expressão no espaço midiático, revelando o nível de sofisticação que a sociedade informacional coloca a religião através de um *www*.

O espectro de ofertas religiosas na *internet* oscila entre a pluralidade religiosa e o fundamentalismo. Entendida a primeira, como a inserção de opções religiosas, num contexto que admite como possibilidade a manifestação do diverso e o diferente, e, a segunda, uma atitude no mundo que leva os membros de determinados grupos concentrar suas energias na afirmação da identidade, como já foi enunciado anteriormente. Perce-

ber que o ritmo de vida foi e está sendo, cada vez mais, alterado; que a filiação a instituições, igreja no caso, são transformadas pelas próprias interações sociais; e que a religião passou de ordenadora de um mundo coerentemente pré-determinado a uma opção de entretenimento, talvez nos coloque no caminho da compreensão do que pode surgir, ou está surgindo, como igreja digital, colocando fiéis, devotos, crentes na categorias de internautas e suas buscas em sintonia com experiências religiosas virtuais. ■

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol. 1 A Sociedade em Rede. São Paulo, SP, Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol. 2 O Poder da Identidade. São Paulo, SP, Paz e Terra, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. Religião Pós-moderna? In O Mal-Estar da Pós-modernidade. Rio de Janeiro, RJ, Jorge Zahar Editor, 1998.

BEYER, Peter. A privatização e a influência pública da religião na sociedade global. In: Cultura Global, Nacionalismo, Globalização e Modernidade. Mike Featherstone (org). Petrópolis, RJ, Vozes, 1994

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo, Perspectiva 1992.

PRANDI, R., & PIERUCCI, A. F., A Realidade Social das Religiões no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1996.

GIDDENS, Anthony. As Consequências da Modernidade. São Paulo, SP, 1992.

ROBERTSON, Roland. Globalidade japonesa e religião japonesa. In Globalização: Teoria Social e Cultura Global. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.

TOURRAINE, Alain. La Sociedad Post-Industrial. Ediciones Ariel, Barcelona, España, 1971

TURKLE, Sherry. Life on the Screen - Identity in the age of the internet. London, Wiedenfeld and Nicholson, 1996

Correio Popular, Campinas, SP. 08.10.2000; Caderno C.





José Ripper

# De cuerpos, relaciones y compromisos – mujeres y espiritualidad

Ute Seibert  
Colectivo Con-spirando  
Santiago de Chile

Neste texto, se aborda o tema da espiritualidade feminina, no sentido de entendê-la no entrelaçado de dois processos de mudança. Um, a partir do mergulho na própria história de vida das mulheres estudadas; e outro, que surge da sua consciência pessoal, compartilhada e comprometida no aqui e agora. Fique por dentro!

**"E**mpecé a cambiar mi visión y fui comprendiendo que no tenía que ir a la esquina a buscar a este Cristo, a este Dios, sino que tenía que buscarlo dentro de mí, entonces él está vivo, es un ser vivo que está, vive y reina dentro de mí pero porque yo lo quiero allí; si hablamos de elegir, nos hemos elegido mutuamente" (N., 43 años, católica)

"Dibujé una espiral, le puse harto color, traté de ponerle los más colores posibles; para mí ahora la imagen de Dios es como esta energía que se va repartiendo y que está con cada uno de nosotros, que se da para todos, que va creciendo siempre, está en cada ser humano creyente o no creyente. Dios es un Dios que se mueve, que no está nunca

1 Cordero, Verónica, Seibert, Ute: Entre búsquedas y pertenencias. Mujeres y espiritualidad; Informe de investigación, Santiago 1999. Participaron en esta investigación mujeres pertenecientes a comunidades católicas, pentecostales y un tercer grupo de sanadoras (que son un grupo emergente a partir de su participación en organizaciones sociales y comunidades) de diferentes partes de Santiago de Chile. El artículo retoma parte de las conclusiones de esta investigación.



quieto, pero que se está dando siempre, cuando está dentro de uno" (E., católica)

Dos testimonios de mujeres con trayectoria de compromiso social, político y cristiano -como ellas mismas lo expresan- muy motivadas por la teología de la liberación en su momento y con un largo trabajo en organizaciones de mujeres, acompañando a mujeres en salud mental, violencia intrafamiliar, buscando resolver los problemas cotidianos y construyendo nuevas maneras de relacionarse. Estos procesos llevan a una revisión también de la tradición cristiana, dejan emerger nuevas comprensiones de espiritualidad y adquieren sentido otros símbolos e imágenes:

*"Traje esta fuentecita de greda con piñones. Pensé hartito en los símbolos, ya no tengo signos. Ahora, cuando me comunico con lo sagrado ya no pienso en la cruz, en María, aunque los tengo presente en mi corazón y en mi vida, pero siento que es muy importante para mí la naturaleza, que desde ahí me comunico con lo sagrado. Los piñones son un alimento importante para el pueblo mapuche, pienso en lo importante que significa el alimento y lo sagrado que debe ser que a nadie le falte el alimento ....." (E.)*

Las siguientes reflexiones recogen experiencias de trabajo con grupos de mujeres y también los resultados de una investigación<sup>1</sup> que partió de la pregunta de cómo viven su espiritualidad las mujeres, y cuáles han sido los cambios que ésta ha experimentado como parte de sus procesos de vida. Llegamos a describir la espiritualidad como la "respiración de la identidad", contrastando un "sentido común" donde la espiritualidad es lo incorpóreo, etéreo (según el Larousse) y abriendo el sentido cristiano de la espiritualidad como "la realización de la fe, la experiencia de Dios en el seguimiento de Jesús, que es siempre una experiencia tanto individual como comunitaria."

¿Cuáles han sido los desplazamientos, especificidades, semejanzas y diferencias en el desarrollo y la vivencia de la espiritualidad de estas mujeres católicas, pentecostales y sanadoras?<sup>2</sup> ¿Cuáles son a partir de esta revisión de vida, los cambios en la espiritualidad? ¿Qué imágenes, qué símbolos, qué prácticas hacen sentido para vivirla? ¿Cuáles serían los elementos que surgieron los recorridos de este grupo de mujeres como parte de una espiritualidad emergente entre búsquedas y pertenencias?

## UN DIOS CASTIGADOR Y DISTINTAS PERCEPCIONES

Desde su momento actual y revisando su proceso, las mujeres con que trabajamos hablan de su niñez. Aparece una percepción compartida, limitantes y carencias que implican la situación social de los sectores populares. Recuerdos del temor infantil y las diferentes maneras de enfrentar los problemas de pobreza: la organización social o política, el sindicato, la migración a la ciudad.

*Espiritualidad es "respiración de identidad" y no lo "incorpóreo y etéreo" que está arraigado en el sentido común.*

La mayoría de las mujeres de esta investigación se refieren al Dios de su niñez como a un Dios que les suscitaba miedo, un Dios todopoderoso, siempre presente y vigilante, un Dios castigador; el ojo en el triángulo y la correa simbolizan esta vivencia.

*"...eso es lo sagrado. Un Dios como muy lejano, un Dios muy sufrido y para mas remate, los más culpables éramos las y los que estábamos en la tierra y colocábamos una espina más en su corona de espina cada vez que desobedecíamos." (N.43 años, católica)*

*"Dios castigaba, estuvimos con miedo a Dios, no con temor a Dios" (R..55 años, católica)*

Para algunas de las mujeres ahí se producen las primeras contradicciones acerca de este Dios que castiga y del cual a la vez se afirma que es amor. Otras mujeres, en nuestro caso varias de las que hoy son pentecostales, compartían esta imagen de un Dios todopoderoso, teniendo, sin embargo, esa afirmación otras consecuencias: a ellas les ayudó a separar los espacios de la casa donde vivían la soledad, el maltrato y la carencia de este otro lugar que era la iglesia, donde se podían encontrar con otras niñas y adultos,

<sup>2</sup> Para acercarnos a estas vivencias realizamos entrevistas en profundidad y dos talleres con cada uno de los tres grupos, centrados en la historia de vida, los hitos significativos que han marcado los procesos de cada una y que están relacionados con los ciclos de vida, con momentos de crisis y también con el contexto político del país; sus visiones acerca de su ser mujer y de las relaciones con el poder.



un espacio de acogida y libertad, avalado y dado por Dios.

*"Cuando niña, mi papá era un alcohólico, y sufrimos mucho... él la castigaba a mi mamá, teníamos que andar de casa en casa, arrancar a medianoche... mucha prohibición, mucho temor, entonces para mí, la iglesia fue un refugio. Ahí, yo encontraba libertad... para mí era como salir del infierno, para ir a refugiarme." (R.32 años, pentecostal)*

Otras experiencias muestran una diversidad de prácticas de la religiosidad popular en la ciudad y tradiciones que rescatan prácticas de mujeres mapuches en el campo, las cuales relativizan las enseñanzas del dios castigador también presente. Una fuerte identidad de clase y el compromiso político en la casa, relativizan la religiosidad dominante que deja de ser el único marco de referencia posible, el "tatita Dios y la mamita virgen" acompañan los procesos de los pobres desde otro lugar. La experiencia ecuménica en la niñez, en el caso de otra mujer, abre desde muy pequeña la mirada hacia la posibilidad de expresar la fe de diversas maneras.

*"Lo sagrado desde mi niñez tenía que ver mucho con mi abuela. Cuando la familia pasaba por etapas económicas muy serias, las mujeres en la ciudad trabajando, había esta práctica de ir a dejar a los niños allá (al sur). La abuela, para mí era sagrada. La imagen sagrada era su comida, el agua... ella tenía todo un ritual con el agua, el poner y armar el fuego por la mañana, todo eso era muy hermoso; la tierra... ella hacía ritos para limpiar el trigo, para comer, eran bailes para pelar el mote. Creo que fue ella la que nos conectó con lo sagrado, desde las personas... Mi abuela hacía una ceremonia todos los años para San Juan, me encantaba: lo que es el año nuevo mapuche aquí, allá era la noche sagrada, la noche de San Juan. Para mi abuela, cada vez que había niños nuevos en la familia, había que bendecirlos". (E. 45 años, sanadora)*

Encontramos en algunos relatos de la niñez experiencias religiosas que podríamos llamar místicas: la experiencia al contemplar el cielo estrellado en el desierto, pero también la experiencia del bautismo en el río o el contemplar la sagrada familia en un lugar íntimo de la escuela y que constituyen un hito que hasta el día de hoy es evidenciado como liberador.

## MUJERES ADULTAS – ENTRE BÚSQUEDAS Y PERTENENCIAS

Al revisar los acontecimientos que las participantes relatan en sus historias de vida, encontramos cómo a lo largo de sus vidas, dentro de sus roles asignados y asumidos (maternidades, matrimonio...), toman opciones con relación a la participación en la comunidad cristiana, el centro de madres, la iglesia pentecostal, en la organización social, que les permiten encontrar espacios no sólo para el servicio y el compromiso en tiempo de dictadura, sino para ellas mismas. A partir de esta participación, se abren diferentes caminos que pueden implicar el

*En la vida adulta se realiza un cambio en las relaciones con lo sagrado, derivado del cambio de la relación con Dios.*

autoconocimiento (estrechamente relacionado en algunas mujeres pentecostales con el conocimiento del Señor), una revisión de sus relaciones cotidianas, un cuestionamiento del rol de la mujer en la sociedad y en la iglesia, una toma de conciencia de las relaciones de poder y de sus propias potencialidades.

Las crisis forman parte de su vivencia y están muchas veces relacionadas con los espacios domésticos, con enfermedades y separaciones que las llevan a plantearse opciones: continuidades, rupturas y la búsqueda de nuevos caminos. Al acompañar los recorridos de las mujeres aparece la espiritualidad como un proceso constante entre la búsqueda y la pertenencia.

La espiritualidad como "respiración de la identidad" va con las mismas mujeres, es parte de ellas. y forma parte de sus procesos de búsqueda. Desde ahí se generan múltiples relaciones con los diferentes espacios en que esta identidad se vive. Aparecen distintas maneras de relacionarse con los espacios establecidos, las instituciones religiosas, las organizaciones sociales, la familia, que





muchas veces son recreadas según las necesidades; aparecen también nuevos espacios, se crean grupos o colectivos y se toma conciencia del espacio interno, de la relación consigo misma.

La búsqueda de espacios que van más allá de los roles de esposa, madre y dueña de casa es un elemento característico en la mayoría de las mujeres entrevistadas. Ya sea que hayan cumplido con una etapa en la vida, por un cierto aburrimiento o la sensación que la vida no puede restringirse a la casa y la familia, ellas se abren hacia otros espacios, y ahí responden a la invitación de la comunidad cristiana, del centro de madres o de la iglesia pentecostal.

La búsqueda de espacios donde es posible vivir la solidaridad, el compromiso y la entrega resalta en el relato de varias mujeres. Buscaron, durante la dictadura, ser catequista en la comunidad de su población, participaron en actividades del Hogar de Cristo, de la Vicaría, de la Pastoral Obrera, en la organización del "comprando juntos", etc. como espacios comunitarios que sirvieron

para resolver problemas económicos, de salud o de represión política. Al mismo tiempo, estos espacios respondían a la necesidad de encontrar lugares seguros para compartir, informar y organizarse, lugares de refugio y resistencia.

Surgió también la búsqueda de espacios de formación y de autoformación en los nuevos temas que iban apareciendo dentro de sus procesos, tales como las relaciones y la violencia intrafamiliar, la sexualidad, la conciencia de ser mujer y tener derechos, el género y el ecofeminismo, llevaron a más preguntas con relación al rol de las mujeres dentro de las iglesias. Eso llevó a la necesidad de encontrar otros espacios, tanto para mujeres católicas que permanecían dentro de sus comunidades, como para aquellas que preferían construir espacios autónomos de mujeres.

En las mujeres pentecostales aparece la iglesia como espacio fundamental a la par con la casa y el hogar. Allí se borra la división entre lo público y lo privado. Desde ahí se realizan las actividades de la comunidad den-



tro de la población que responden –en el caso de varias de las mujeres entrevistadas- a las necesidades sociales y de acogida de las personas necesitadas.

La búsqueda de espacios para realizar distintas formas de servicio continúa; de múltiples maneras se expresa la necesidad de ayudar a los demás, de vivir lo solidario, ya sea en la comunidad, en la catequesis, en el grupo de las dorcas, o en los nuevos espacios encontrados por las sanadoras: trabajadoras sexuales, niños de las calles, drogadictos, mujeres golpeadas.

En las distintas actividades que las mujeres realizan, aparece un elemento que antes, aunque hubiera estado presente, no había sido señalado tan claramente: la conciencia de la calidad de su servicio, del apoyo que pueden prestar a otras personas está relacionada con sus propios procesos. En el grupo de las sanadoras hablan de la necesidad de sanar sus propias heridas para poder ayudar

o sanar a los demás. Aparece la conciencia del espacio propio, la conciencia del cuerpo y de una misma, la posibilidad de cada una para conocerse y sanarse y desde esta experiencia aprender a compartir.

Esta conciencia tiene un paralelo en las mujeres pentecostales: es a partir de su experiencia personal, de encuentro con el Señor que se genera un espacio íntimo de comunicación constante y de oración. Desde ahí todo espacio se abre a la posibilidad de ser un lugar donde es posible experimentar la presencia de Dios.

## ELEMENTOS DE LA ESPIRITUALIDAD

*Como resultado de este recorrido por las historias de vida y de fe, de este proceso entre la búsqueda y la pertenencia es posible señalar algunos elementos de la espiritualidad de las mujeres entrevistadas. Sin limar las*





contradicciones, ni armonizar las diferencias, desde las identidades de cada una y sus procesos particulares, vemos sin embargo, algunos rasgos comunes que parecen formar parte de la espiritualidad emergente<sup>3</sup> de las mujeres. Encontramos elementos de una espiritualidad incorporada, relacional y comprometida.

### UNA ESPIRITUALIDAD INCORPORADA

Calificamos como incorporada esta espiritualidad para marcar una primera diferencia frente a una comprensión común que contrapone lo espiritual a lo corporal.

Todas nuestras experiencias están en nuestro cuerpo (las de violencia, enfermedades, hambre, de amor, de solidaridad, tristeza y placer); eso se manifestó también en los relatos y los hitos marcadores en la vida de las mujeres entrevistadas. La religión ha jugado un rol en la manera como cada una ha vivido estas experiencias en su cuerpo; muchas veces, estas enseñanzas fueron represivas o negadoras de lo corporal. Sin embargo, los testimonios muestran experiencias religiosas de algunas mujeres en su niñez que tienen un carácter místico y están estrechamente relacionadas con la vivencia corporal.

La sanación y la experiencia del bautismo del Espíritu Santo, relatada también en cuanto a sus efectos en el cuerpo, muestran otra vertiente de una espiritualidad incorporada.

Las manos que tocan, transmiten energía y sanan constituyen elementos de esta espiritualidad al igual que la vivencia de unión entre las personas, entre el cuerpo personal y la naturaleza, de la unión de todo con todo. Las mujeres relatan de diferentes maneras cómo en sus procesos de crecimiento personal se han parado de otra manera frente al abuso y la violencia y cómo la impotencia de responder desde la fe a estas situaciones las ha enfermado. En otros relatos aparecen las experiencias del amor, de la sexualidad, el descubrimiento de la capacidad de placer en el propio cuerpo y de cuerpo entero, asumidos hoy día como fundamentales en la vivencia de la espiritualidad.

### UNA ESPIRITUALIDAD RELACIONAL

En los procesos de las mujeres entrevistadas se destaca un cambio en sus relaciones con lo sagrado en la vida adulta que tiene como una característica importante el cambio de la relación con Dios. En lugar de la

*En el grupo de las sanadoras hablan de la necesidad de sanar sus propias heridas para poder ayudar o sanar a los demás.*

relación jerárquica donde ellas se ubicaban frente a un dios castigador, hoy día se refieren a esta relación en términos de mayor igualdad: el Dios Vivo, el cercano, el amigo, el Señor siempre presente en la oración y que acompaña, marcan una relación de cercanía, presencia y confianza que es mutua: "nos hemos escogido mutuamente", afirma una de las entrevistadas.

La comunidad, el pan compartido, el fuego, las amigas, círculos de mujeres y la naturaleza son espacios donde se refleja una relación diferente con lo sagrado y se experimenta el poder compartido. La experiencia de la energía universal, de lo sagrado en la naturaleza, de la relación de todo con todo abren caminos y comprensiones más allá del poder jerárquico y de las relaciones dualistas, aparece el poder en relación, la reciprocidad y la clara vivencia del propio poder de escoger, decidir y relacionarse.

### UNA ESPIRITUALIDAD COMPROMETIDA Y CONTEXTUALIZADA

*Comprometida y contextualizada* aparecen como otras características de la espiritualidad que resulta de esta nueva relación de las mujeres con ellas mismas. El hecho de que las mujeres se comprometen no es nuevo, a lo largo de los relatos aparecieron los múltiples espacios donde ellas han realizado su compromiso social, político y cristiano. El cambio parece ser que el componente del "deber ser" tiene menos fuerza y llega a ser reemplazada por una entrega porque lo bueno (los descubrimientos, las liberaciones, las nuevas herramientas y visiones) necesita ser compartido, y abre la posibilidad de iniciar otros procesos, nuevos caminos, revisiones y proyectos. Es desde este camino, entre búsquedas y pertenencias, que las espiritualidades y las vidas de estas mujeres creadoras seguirán transformándose. ■

3 Término tomado de Mary John Mananzan: Espiritualidades emergentes de mujeres asiáticas, citado en *Con-spirando*, No.3 Transformando una pirámide en un arcoiris, Santiago, 1993.



# *Espiritualidade*



*Ana Maria Tepedino*

Carioca, brasileira, Ana Maria Tepedino é Teóloga, professora do Departamento de Teologia da PUC do Rio de Janeiro. Membro da Comissão Teológica da Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (EATOWT) e da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER). Autora do livro *As Discípulas de Jesus*, Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1990, além de inúmeros artigos.

João Ripper



O que se entende, hoje, por espiritualidade?

Espiritualidade é uma experiência de amor. Sempre é difícil falar de uma experiência de amor. As palavras parecem inadequadas como uma pintura aguada de uma vivência multifacetada e multicolorida.

Entendo por espiritualidade uma caminhada de aprendizagem no amor, uma interiorização progressiva que, como afirma Santa Teresa necessita uma determinada determinação, para que se realize este encontro amoroso entre nós e Deus. Trata-se de uma experiência de relação entre cada um de nós e Deus. Relação de proximidade, de afetividade, de ternura, de carinho, de amor, de comunhão.

S. João afirma que Deus nos amou primeiro... (1 Jo 4,9). Na espiritualidade fazemos esta experiência de nos sentirmos amadas, como criança amada, protegida, aconchegada nos braços dos pais. Proteção que ao mesmo tempo me acolhe, me impulsiona para fora de mim em direção aos/as outros/as. Nesta relação, se estabelece como que um vai-e-vem. Eu vou a Deus e me sinto encontrada, envolvida pelo Mistério. Abraço e sou abraçada no mesmo ato. Experiência de movimento, que é ao mesmo tempo parada, paz, tranquilidade. Coração plenificado. Mel deramado. Tempo fora do tempo (Kairós) que

*Entendo  
por espiritualidade  
uma caminhada de  
aprendizagem no amor,  
uma interiorização  
progressiva.*

ilumina o tempo do relógio (chronos). Repouso que me faz ir à luta.

É uma experiência de amar e sentir-se amada, querida, cuidada, uma entrega onde nos recebemos de volta enriquecidos, fortalecidos, encorajados. Ao mesmo tempo que isso acontece comigo sei, sinto, percebo que acontece com os/as outros/as e com todo o mundo criado. Amor sem limites, que se multiplica sempre.

*No mundo atual – plural e globalizado- qual o espaço da espiritualidade?*

Penso que é o espaço do respirar, da humanização, do sonho, do sentido, do





amor. A globalização negativa, que produz exclusão, não conseguirá acabar conosco se cultivarmos esta perspectiva, por isso, parodiando o Pe. Pedro Poveda, fundador da Instituição Teresiana, ousaria afirmar que "nunca como agora precisamos ser amigos/os fortes de Deus", como ele pensava a respeito do seu tempo. Aliás, isso é que é interessante, cada tempo tem seus desafios, que são enormes, aos quais somos chamados a enfrentar. Sozinhas nada podemos.

*Tendo presente ainda a realidade atual, podemos afirmar que existe uma só espiritualidade ou várias?*

Existem tantas quantas são as formas de amar. Espiritualidade vem da palavra Espírito, que é apresentado na Bíblia como vento, sopro, hálito, brisa, fogo, todas realidades em movimento, transformadoras, "o vento sopra onde quer, não sabemos de onde vem e para onde vai" (Jo 3, 8). O Espírito inspira em nós as palavras, as orações, as ações, nos consola e nos ensina, ainda geme em dores de parto, quando não logramos seguir suas orientações.

*Neste contexto, qual seria a especificidade das espiritualidades cristãs?*

A relação de filiação, fraternidade e amor, ou seja, a relação com o amor do Pai, a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo e a comunhão do Espírito Santo (2 Cor 13,13). Esta experiência espiritual desemboca, se for verdadeira, numa experiência ética.

*Qual a relação entre subjetividade e espiritualidade? E espiritualidade e compromisso social?*

Quanto mais profundo é o conhecimento de nós mesmos/as que vamos realizando neste processo, quanto mais me sinto presente a mim, com mais intimidade comigo mesma, mais contato e mais intimidade vou tendo com Deus. Santa Teresa fala nas Moradas que são os momentos fortes desta caminhada. Estes momentos fortes transbordam, irradiam. Não podem ser calados. Como afirma a comunidade joanina "O que vimos, ouvimos, experimentamos do verbo da vida vos comunicamos para que entreis em comunhão conosco e a vossa alegria seja completa" (1 Jo 1,1-5). Não dá para calar, senão explode o coração. A experiência espiritual está necessariamente ligada à experiência ética, por isso S. João afirma que crer é amar, que a mística está ligada à política, o grito da ética ao evangelho da espiritualidade. Ao Deus bíblico se

*Cada um/a sente a Deus de uma maneira particular, peculiar, a seu modo.*

corresponde com ternura e com a busca da justiça. No capítulo 15 do Quarto Evangelho o autor insiste que devemos permanecer em Deus, no seu amor e na sua palavra, ou dito de outra forma, devemos ter proximidade, uma proximidade afetiva com Deus para podermos ser fecundos/as, isto é, dar frutos que permanecem, que são os frutos da justiça e do amor.

*Que contribuições as mulheres, os jovens e os indígenas, bem como outras religiões e outros sujeitos sociais oferecem hoje à espiritualidade?*

Cada um/a sente a Deus de uma maneira particular, peculiar, a seu modo. Estas experiências nos possibilitam um profundo diálogo inter-religioso, bem como nos servem de exemplo, de inspiração, até de modelo para descobirmos novas maneiras de vivermos e aprofundarmos nossa experiência espiritual.

*O que você diria a uma pessoa que quisesse se introduzir nessa experiência?*

Querer já é meio caminho andado. Olhe ao seu redor e descubra a beleza do amanhecer/entardecer, da flor que se abre, do sorriso da criança, da ternura dos jovens, da sabedoria dos velhos, e sinta brotar em você um agradecimento à Matriz da vida. Converse com pessoas que lhe parecem diferentes e busque as razões abaixo da superfície, descubra sinais de generosidade dentro da realidade egoísta e individualista, sinta sinais de outra realidade: a vida com fé, uma realidade onde a beleza da vida, a música da vida, a verdade da vida existe, mesmo com dificuldades, mas onde existe solidariedade, mais amor, onde as pessoas contam, pois são amadas por um Pai que é mãe amorosa e ama a todos/as. Procure informação sobre livros, sobre os/as grandes místicos/as cristãos/ãs e abra o coração para alguém em quem confie e saiba que tem fé.

Muitos são os caminhos para experimentar esta sedução e chegar a proclamar como o profeta Isaías: "Tu me seduziste Senhor, e, eu me deixei seduzir". ■





João Ripper





# *Nuevas tendencias en la vivencia de lo religioso en el uruguay*

Guillermo Kerber  
uruguayo, doctor en Ciencias de la Religión  
(UMESP - Brasil), docente en la Universidad  
de la República y en la Universidad Católica  
(Uruguay), director del SEDHU y miembro  
del Comité de Asuntos Internacionales de  
Caritas Internationalis (Roma).  
E-mail: kerher@adinet.com.uy

Como se vivencia o «religioso» no Uruguai? Por que mudanças atravessaram as representações e práticas do religioso neste país? Qual é o lugar que ocupa o novo papel do Estado na produção dessa nova «religiosidade»? Se quiser encontrar respostas a estes interrogantes e a muitos outros, não deixe de se aventurar nesta viagem pelo passado e presente das tendências religiosas no Uruguai.

**C**omo una realidad tremenda y fascinante puede ser definida la vivencia de lo religioso en los albores del siglo XXI en el Uruguay. La adjetivación, como habrá notado el atento lector, no es arbitraria. Con esos dos conceptos hace 80 años, Rudolf Otto caracterizaba la experiencia de lo sagrado<sup>1</sup>.

Otto es un temprano representante de esta nueva forma de aproximación al fenómeno religioso que son las Ciencias de la Religión. Estas, con el subsidio de sus respectivas disciplinas, pretenden ahondar en el fenómeno religioso en sus múltiples manifestaciones. Así surgen y se desarrollan en el siglo XX la Sociología de la Religión, la Psicología de la Religión, la Historia de las Religiones, la



Antropología Religiosa, la Fenomenología de la Religión. Todas estas se distinguen de las teologías que suponen la fe religiosa en su formulación.

Nuestro abordaje en el presente artículo seguirá los aportes que las Ciencias de la Religión han realizado al estudio de la temática concentrando nuestro estudio en el caso de Uruguay.

### DATOS DE UNA REALIDAD TREMENDA Y FASCINANTE<sup>2</sup>

Un joven uruguayo golpea a su madre hasta la muerte con la intención de exorcizarla, o en sus palabras, «quitarle a Satanás del cuerpo», como confesara posteriormente.

Un grupo religioso es noticia en los medios masivos de comunicación y su líder es procesado judicialmente por delitos vinculados a la violencia física y psicológica de los adherentes al grupo.

Cientos de miles de uruguayos llenan las playas del Río de la Plata el 2 de febrero para conmemorar a Iemanjá, divinidad femenina de la Umbanda (culto afroamericano)

Otros tantos concurren a las peregrinaciones de la Gruta de Lourdes en Montevideo o la Virgen del Verdún en Minas (Lavelleja).

Los líderes religiosos son referencia constante en los Medios Masivos de Comunicación. Tanto autoridades de la Iglesia Católica como de Iglesias Pentecostales o de cultos afroamericanos. También rabinos son consultados acerca de diferentes temas de la realidad nacional.

Lo que en otros países de nuestra América pueden ser situaciones conocidas, en Uruguay son noticia y muestran un cambio en el imaginario uruguayo. ¿Por qué?

### UN POCO DE HISTORIA

En el contexto regional latinoamericano, la separación Iglesia Católica – Estado, se realizó en una época temprana en el Uruguay. La Constitución de la República de 1917 que consagra esta separación es fruto de un proceso de años anteriores que no sólo tiene su expresión en esta Carta Magna sino que configura una identidad nacional que acompañará al país a lo largo del siglo XX.

Desde fines del siglo XIX, el catolicismo uruguayo, la religión con mayor cantidad de adeptos de la época, polemizó fuertemente con las corrientes positivistas, en algunos ca-

*“Lo religioso ha pasado a ocupar un mayor espacio en el imaginario social de los montevideanos.”*

João Ripper

<sup>1</sup> OTTO, Rodolfo, Lo santo, *Revista de Occidente*, Madrid 1925.



sos espiritualistas y enfrentó los embates del agnosticismo que ganó a una gran parte de la élite universitaria y política.

En las primeras décadas de este siglo se concretó finalmente la separación entre Iglesia y Estado y, además, este proceso coincidió con la implementación de un proyecto reformista que tendía al desarrollo de políticas sociales y a una más justa distribución del ingreso. Este proceso de reformas sociales, de gran importancia para la conformación de la sociedad uruguaya, no fue impulsado únicamente por aquellos sectores que se oponían a la Iglesia Católica. Sin embargo, como estos sectores ocupaban los roles de gobierno, tal transformación de la sociedad y sus contenidos de igualdad y de justicia social, se vieron identificados o asociados a la prédica contraria a la Iglesia Católica, a pesar de que en dicho proceso importantes representantes del pensamiento católico uruguayo fueron elementos de significación en medidas de transformación y reforma.

Comienza aquí lo que en Uruguay se conoce como el Uruguay batllista, ya que José Batlle y Ordóñez fue el presidente uruguayo que impulsó y puso en práctica este modelo. El proceso aludido que culminó con la

separación entre Iglesia y Estado fue un proceso fuertemente marcado por enfrentamientos de las élites positivistas y del gobierno con la Iglesia Católica. Esto además se ve reforzado por la llegada al país de mano de obra calificada proveniente de Europa y con una alto contenido socialista y anarquista que se vio beneficiada por las políticas sociales del proyecto reformista antes mencionado y con quienes el gobierno compartía el sentimiento anti-religioso o, más específicamente, anti-clerical.

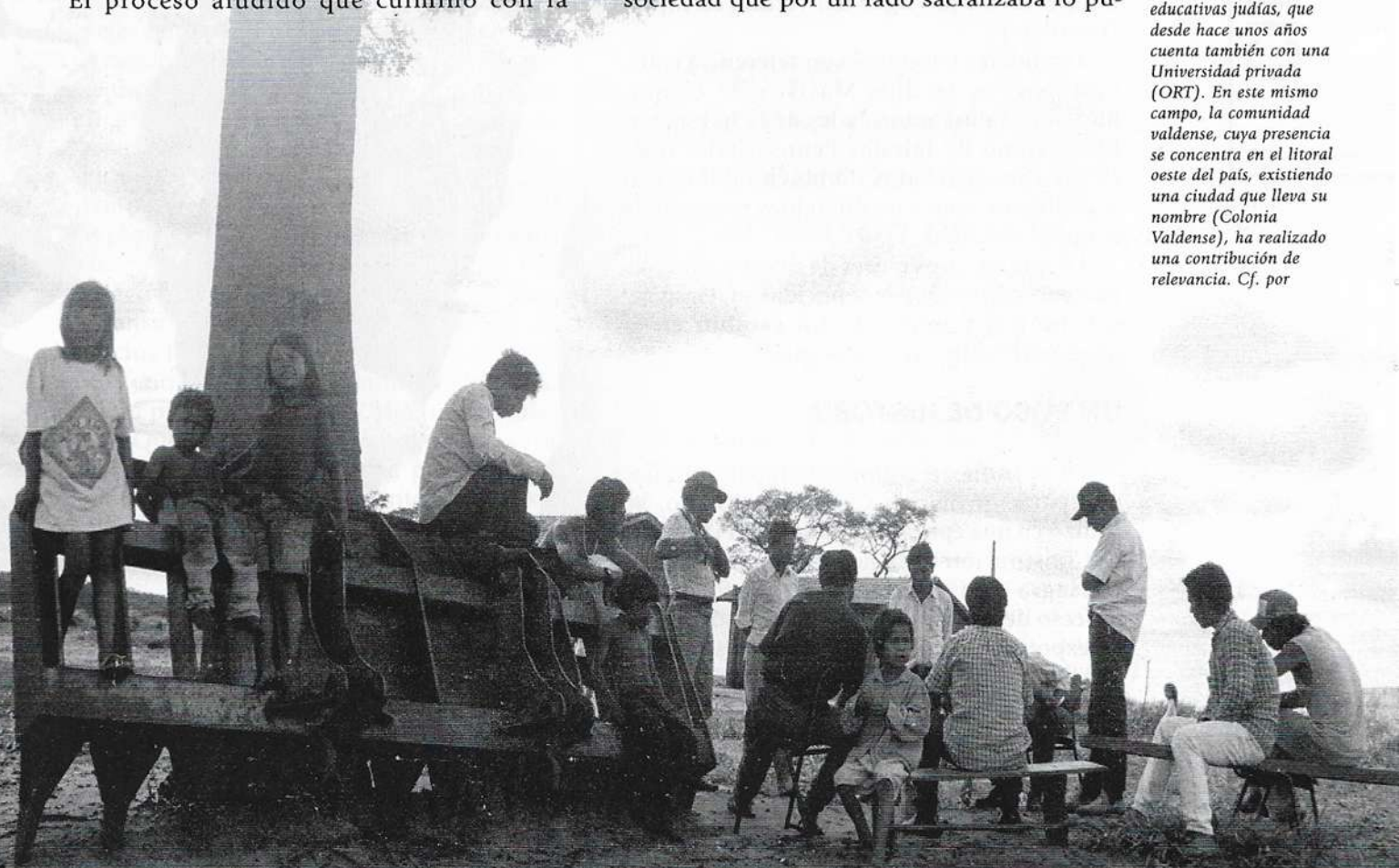
El sentimiento y la práctica religiosa no pudieron ser anulados por el modelo batllista pero sí fueron reducidos en esta sociedad al espacio de lo privado e íntimo. Un movimiento bipolar en lo que tiene que ver con la religión, caracteriza al imaginario social batllista. Por un lado el Estado, que hegemoniza lo público, asume características sagradas. Por otro, la religión, hegemonizada por la religión católica, se ve reducida al campo de lo privado. Como afirma el historiador Gerardo Caetano, "el imaginario uruguayo batllista, por llamarlo de algún modo, se comenzó a construir hacia finales del siglo XIX y se terminó de definir, de configurar en la década de los 20 (...) Una sociedad que por un lado sacralizaba lo pú-

2 Para estos datos, tomamos como referencia noticias aparecidas en los Medios Masivos de Comunicación (prensa escrita, radial y televisiva) en los últimos años en el Uruguay.

3 CAETANO, Gerardo, La cultura uruguaya, en AAVV, El Evangelio y la cultura uruguaya, s/e Montevideo 1996, p. 13 - 14.

4 Cf. un estudio en profundidad del tema en otra obra de Caetano, junto a Geymonat, CAETANO, Gerardo, Geymonat, Roger, La Secularización Uruguay (1859-1919), Catolicismo y privatización de lo religioso, Santillana, Montevideo, 1997.

5 Es altamente importante, por ejemplo el aporte en el campo educativo. Al reconocido Instituto Crandon, de la Iglesia Evangélica Metodista en el Uruguay, con más de un siglo de presencia en el país, hay que agregar las numerosas obras educativas judías, que desde hace unos años cuenta también con una Universidad privada (ORT). En este mismo campo, la comunidad valdense, cuya presencia se concentra en el litoral oeste del país, existiendo una ciudad que lleva su nombre (Colonia Valdense), ha realizado una contribución de relevancia. Cf. por





*ejemplo, GEYMONAT, Roger; El templo y la escuela. Los valdenses en el Uruguay, Cal y Canto, Montevideo 1994*

*6 Una consideración crítica de esta "brasileñización" aparece en MACHADO, Juan Pedro, La religiosidad africana, en AAVV, El evangelio y la cultura uruguaya, p. 59 - 62.*

*7 A continuación expresamos algunas de las hipótesis emergentes de la investigación realizada. Un desarrollo más exhaustivo de las mismas, las encuestas y entrevistas que formaron parte de la investigación pueden ser encontradas en DA COSTA, KERBER, MIERES, Creencias y religiones. La religiosidad de los montevidianos a fin de siglo, Trilce, Montevideo 1995 y en KERBER, Guillermo (editor) Los hombres y una mujer de lo sagrado. Entrevistas a 19 líderes religiosos, Utopía, Montevideo, 1995. Si bien la investigación acotaba la muestra a la población montevidiana, no vacilamos en extenderla al conjunto del Uruguay. Recordemos que la mitad del total de la población uruguaya vive en su capital y el proceso de urbanización y despoblamiento del área rural se ha intensificado en los últimos años.*

blico monopolizado por lo estatal (...) una sociedad que privatizaba lo religioso. Volvía lo religioso en una manifestación que debía darse en lo íntimo, en aquello que no podía estar en el espacio público y que al mismo tiempo que confinaba al territorio de lo privado, lo religioso sacralizaba alternativamente lo público estatal. El estado pasaba a ocupar ese lugar de lo sagrado en esa sociedad".<sup>3</sup>

La privatización de lo religioso es, pues, una característica del imaginario social emergente a principios de siglo y perdura a lo largo de éste <sup>4</sup>. De esta forma, la Iglesia Católica queda con un debilitado poder institucional, a diferencia de los demás países de América Latina.

## LAS ÚLTIMAS DÉCADAS

Desde hace unas décadas, en un cambio que se ha acelerado fuertemente en los últimos años, la realidad de nuestro país ha asumido características diferentes. El modelo batllista que expresaba "a la uruguaya" el modelo de un Estado benefactor, es sustituido en un proceso que aún no ha finalizado, por un Estado que se retrae en las políticas sociales y que consecuentemente pierde su halo sagrado. Concomitantemente, siguiendo los cambios que trascienden el país a nivel internacional, la vivencia de lo religioso ha pasado a ocupar mayores espacios públicos que los que ocupara otrora. Ante la desacralización del Estado, siguiendo la hipótesis de Caetano transcripta más arriba, cabe que nos preguntemos, ¿de qué forma lo religioso ha sido resacralizado en las últimas décadas? ¿Cómo se expresa lo sagrado en la religión hoy en el Uruguay?

Más arriba expresábamos que lo religioso había sido hegemonizado por lo católico. Las iglesias protestantes, anglicana y ortodoxas, dentro de las denominaciones cristianas, y la comunidad judía, que desde mucho tiempo atrás se establecieron en el país, tuvieron una presencia reducida en cuanto a porcentaje de fieles frente a la totalidad de los creyentes religiosos. Sin embargo en algunas áreas pueden sondearse impactos sociales significativos <sup>5</sup>.

En un período no mayor a quince o veinte años, han aparecido y se han desarrollado numerosos movimientos religiosos con mensajes y expresiones muy diversos. Tal vez los más significativos por su presencia visible en la sociedad sean las iglesias pentecostales y los cultos afroamericanos que han entrado

a través de la influencia brasileña<sup>6</sup>. A las manifestaciones pentecostal y umbandista, que tienen su principal desarrollo en la sociedad en las capas medias y bajas, hay que agregar el desarrollo de la Nueva Era, que tiene su influencia en las capas medias e intelectuales.

## HIPÓTESIS EMERGENTES DE UNA INVESTIGACIÓN

Una investigación que realizamos en la última década ofrece elementos significativos para describir la situación del Uruguay religioso<sup>7</sup>. El 81% de los montevidianos afirma que cree en Dios, mientras que un 14% se

*Se debe reconocer la diversidad de lo religioso como una forma fecunda de entender la realidad uruguaya actual.*

declara ateo y un 4% agnóstico. Si se pregunta por la definición religiosa un 48% se define católico, un 13% cristiano no católico, un 8% creyente y un 8% deísta. En síntesis podemos afirmar que la vivencia y expresión de lo religioso ha variado en los últimos años. Esta variación se puede explicitar de la siguiente forma:

- Lo religioso ha pasado a ocupar un mayor espacio en el imaginario social de los montevidianos. Una serie de publicaciones recientes referidas a la cuestión de la identidad cultural integran, en algunos casos más, en otros menos, la vivencia de lo religioso. En algunas de éstas, incluso, lo religioso es instrumento de análisis del comportamiento de la sociedad uruguaya.
- Este cambio no ha sido vivido de la misma manera por las organizaciones religiosas.

Pueden señalarse las siguientes pautas:

- las organizaciones religiosas con más tiempo de presencia en el país viven una



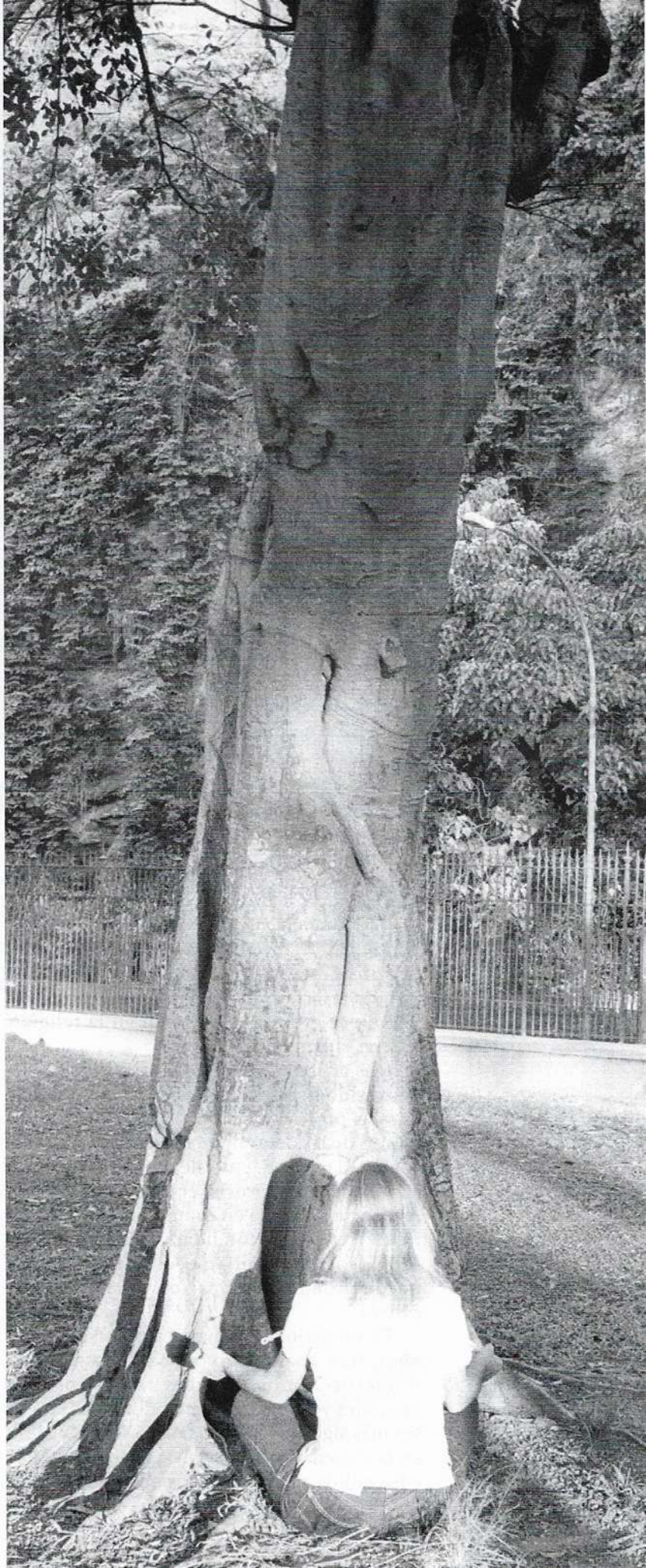
*Ante la diversidad de lo religioso en el seno de la sociedad uruguaya han aparecido diversas tendencias.*

etapa de estancamiento o disminución de sus adherentes (Iglesia católica, Iglesias protestantes, anglicana, evangélicas históricas, vinculadas a la Federación de Iglesias Evangélicas del Uruguay - FIEU);

2. las iglesias evangélicas no históricas han vivido un crecimiento sostenido desde su implantación (ver las vinculadas a ACIERU: Iglesia Armenia de la Hermandad, Asambleas de Dios, etc);
3. las iglesias pentecostales vivieron un fuerte crecimiento en su implantación, con un posterior estancamiento o disminución, con variaciones importantes;
4. los grupos afroamericanos viven un crecimiento significativo en las capas populares de la sociedad. La participación en ellos no excluye la identificación con otras denominaciones religiosas;
5. la Nueva Era parece contar con adeptos en clases medias, intelectuales con una propuesta de Espiritualidad laica, en una amalgama de variadas fuentes (religiones orientales, psicología profunda, naturismo, ecología, etc.). No tienen una referencia institucional concreta.

Las hipótesis expresadas anteriormente pueden sintetizarse de la siguiente forma:

En los últimos años ha crecido la vivencia de lo religioso en los uruguayos. La vivencia de lo religioso, sin embargo, no se ha expresado en una mayor vinculación a las organizaciones religiosas institucionalizadas sino que se ha expresado, por un lado en una adhesión a cultos afroamericanos (en las clases populares) y en diversas manifestaciones de la denominada New Age (en las





clases medias y altas) con poca o ninguna referencia institucional.

Ante la diversidad de lo religioso en el seno de la sociedad uruguaya han aparecido diversas tendencias. Algunas, particularmente desde las iglesias establecidas, han reaccionado catalogando como sectas a estos grupos o alarmándose por la convocatoria de estos nuevos actores en el espectro religioso<sup>8</sup>.

Un tercer camino, a nuestro modo de ver más fecundo, ha intentado reconocer la **diversidad de lo religioso** y una vocación común al seno de la sociedad. En el Uruguay, aquélla se ha expresado, por ejemplo, en la Confraternidad Judeo-cristiana, organización de características inéditas en la región, en el Consejo de Iglesias Cristianas del Uruguay, creado en 1998, y en cuestiones más específicas en el Centro Emmanuel, en el área de la capacitación y la espiritualidad y el Servicio Ecuménico para la Dignidad Humana en áreas como el desarrollo y los derechos humanos. Instancias como éstas que tienden

a respetar lo diverso, pero a la vez comprometerse con la realidad uruguaya, podrían constituirse en ámbitos de expresión de preocupaciones comunes de las diferentes tendencias religiosas.

Las nuevas tendencias religiosas exigen un discernimiento para el *homo religiosus*, pero también para el ciudadano. Este discernimiento no puede ser realizado exclusivamente hacia fuera de las organizaciones religiosas históricas, también debe analizar las prácticas de éstas. En este discernimiento, los criterios éticos para convalidar o rechazar determinadas expresiones religiosas deben ocupar un rol central. Una ética centrada en la vida y en la defensa y promoción de la dignidad de la persona humana puede ofrecer elementos para tal fin<sup>9</sup>. La perspectiva ética puede ser a la vez criterio de discernimiento y punto de encuentro para tradiciones religiosas que, reconociendo y aceptando la diversidad, ofrezcan a la sociedad en su conjunto pautas para una convivencia basada en la paz y la justicia.<sup>10</sup> ■

## EPILOGO

Maritza Trigos T.

Justicia y Paz

Rev. de Derechos Humanos n° 13 abril/junio 2000

*Me dicen que me calle,  
que ya no es hora de cantar,  
pero el canto es la vida,  
es el canto NUNCA MAS,  
un canto de amor y esperanza,  
de memoria y de Verdad.*

*Me dicen que ua no hable,  
no es el momento de hablar,  
si mi voz es la Justicia,  
¿cómo me voy a callar?  
es la voz de NUNCA MAS,  
Justicia, Reparación  
Prevención, Reconciliación.*

*Me dicen que la paz ya no llega,  
es hora de oscuridad,  
El NUNCA MAS prende mil luces,  
con la lucha y resistencia,  
son los sueños y utopías,  
de una Colombia nueva.*

<sup>8</sup> Hemos desarrollado estos temas y los párrafos que siguen en KERBER, Guillermo, Jubileo, santidad y fragmentación religiosa, Misión n° 99 (marzo 2000), p. 45 - 52.

<sup>9</sup> Cf. por ejemplo los análisis sobre la centralidad de la dignidad de la persona humana en la perspectiva ética en CORTINA, Adela, Ética Mínima, Tecnos, Madrid 1994.

<sup>10</sup> Hans Küng en su Proyecto de una ética mundial, Planeta - Agostini, Barcelona 1994, desarrolla el rol que deberían jugar las grandes tradiciones religiosas en la construcción de la paz a nivel mundial.





# Balanço da teologia da libertação

*Congresso organizado pela SOTER*

Consuelo Vélez C.  
Doutora em teologia  
Diretora do Curso de Ciências Religiosas,  
Universidade Javeriana - Bogotá, Colômbia

Consuelo invita a tod@s l@s amig@s de Nuevamerica a conocer parte de las discusiones desarrolladas a lo largo de cuatro días en el Congreso organizado por la Sociedad de Teología y Ciencias de la Religión (SOTER), reflexiones estas que abordan temas polémicos, como los relacionados a la Teología de la Liberación y a algunos de los caminos que se deben seguir en los días de hoy para continuar impulsándola.

**T**em, indubitavelmente, grande interesse a pergunta a respeito da atualidade da teologia da libertação. Neste contexto, realizou-se em Belo Horizonte, Brasil, de 24 a 28 de julho de 2000, o Congresso organizado pela SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião) sobre o tema "Teologia na América Latina: perspectivas".

Participaram cerca de duzentas pessoas de diferentes países da América Latina: Argentina, Uruguai, Peru, Chile, Colômbia, Equador, México, República Dominicana, Cuba, Costa Rica e Brasil. Também estiveram presentes, na qualidade de observadores, alguns teólogos dos Estados Unidos e da Europa.

O encontro começou com um painel sobre



o balanço da teologia da libertação que suscitou perguntas radicais: a teologia da libertação acabou ou estamos em uma nova etapa? Deve-se mudar o nome? Se a teologia não serve para libertar o povo, para que serve?

*A teologia da libertação acabou ou estamos em uma nova etapa? Deve-se mudar o nome? Se a teologia não serve para libertar o povo, para que serve?*

Entre as contribuições dos oradores, pode-se destacar as seguintes: é possível reconhecer crise na teologia da libertação, mas hoje estamos em uma nova etapa em que o seu vigor depende da capacidade que se tenha de responder aos desafios atuais. Há teólogos em crise, mas isto não significa que a teologia da libertação esteja em crise. É preciso dialogar com outras perspectivas e fazer um balanço das críticas formuladas. Sem dúvida, a teologia não é mais uniconfessional (católica) nem masculina (desenvolvimento da teologia feminista).

Vejamos algumas das condições consideradas necessárias para continuar impulsionando a teologia da libertação hoje:

- reafirmar a opção pelos pobres no contexto atual: o sistema neoliberal impera;
- atualizar o método da teologia da libertação no diálogo com as ciências;
- continuar a desenvolver as teologias de gênero e interativas (indígena e afro-americana) com liberdade e autonomia;
- integrar a racionalidade e a intuição dos pobres nesta teologia;
- trabalhar pela inculturação da fé e pela abertura a outras religiões;
- dialogar com a cultura emergente (pós-modernidade: crise na significação da linguagem, crise da razão instrumental, olhar holístico e integrador).

Durante os quatro dias, houve quatro comunicações centrais e grupos de reflexão por diferentes áreas de interesse. A primeira comunicação foi a de Clodovis Boff, que abordou o tema "Teologia e teologias: método". Partiu da indagação a respeito dos problemas do método que devem ser aprofundados. O primeiro problema é a fonte, o ponto de partida do método. O princípio da teologia é a fé, ela é a fonte, o fundamento. O problema da teologia é a falta de fé. Quanto mais a teologia se afasta desta fonte, mais se enfraquece. Raramente se aprofunda a questão da fé como ponto de partida do método. Os congressos de teologia tratam de temas, mas poucas vezes param para aprofundar-se na fonte da teologia. Por isto, é preciso estabelecer uma relação dialética entre fé e método, mas uma dialética com um pólo determinante (a fé). A experiência de fé ou espiritualidade é o ponto de partida do método. O saber teológico é um saber de uma experiência transformada. A vida nova da graça confere uma inteligência nova.

João Ripper





## *A pergunta que hoje nos interpela é: qual é o futuro da terra? O que estamos fazendo? Para que preserve a possibilidade de vida?*

O ato primeiro é o novo ser, a nova criatura. A consequência desta afirmação é a auto-implicação entre o sujeito (teólogo) e o objeto da fé (Deus). Além disto, a vida de santidade do teólogo condiciona sua inteligência. Assim, a teologia é um caminho pessoal de encontro com Deus. Daí decorre o caráter espiritual da teologia. A fé também é o ponto de convergência do pluralismo teológico. Para explicitar esta afirmação, Clodovis ilustrou-a por meio do exemplo de uma roda e seu eixo, raios e aro. O eixo (a fé) é a unidade originária e fundamental dos raios (as diversas perspectivas teológicas), e o aro é a práxis de transformação da realidade. A interdisciplinariedade construída pela relação entre os raios, ou destes com o aro, é fraca demais. O verdadeiro princípio de interdisciplinariedade parte da relação dos raios, inseridos no aro, com o eixo. Por isso, é urgente e indispensável unir a teologia à sua fonte primeira: a fé. Outros dois problemas que devem ser abordados são as questões da exclusão das maiorias e do sentido da vida. Estes dois problemas estão intimamente relacionados entre si: a exclusão leva à crise de sentido, mas sem sentido não há horizonte para lutar contra a exclusão. Um e outro nos remetem à fonte da teologia: a fé.

A segunda comunicação, intitulada "Teologia e sociedade", a cargo de Gustavo Gutiérrez, apresentou a realidade atual em termos dos "insignificantes". Hoje nos encontramos no mundo dos insignificantes por falta de dinheiro, pela cor da pele, pelo gênero, etc. Daí surgiu a necessidade do "reconhecimento do outro". Recuperar a dignidade fundamental do ser humano, seu valor não pelo que tem, mas pelo que é. A opção preferencial pelos pobres, hoje pelos insignificantes, é uma opção profundamente teocêntrica. Baseia-se no amor gratuito de Deus. A teologia deve levar-nos a ver as coisas como elas são do ponto de vista de Deus. Por isto, a teologia da libertação tem de ser hoje uma

hermenêutica da esperança. Há futuro para os insignificantes porque Deus ama-os gratuitamente.

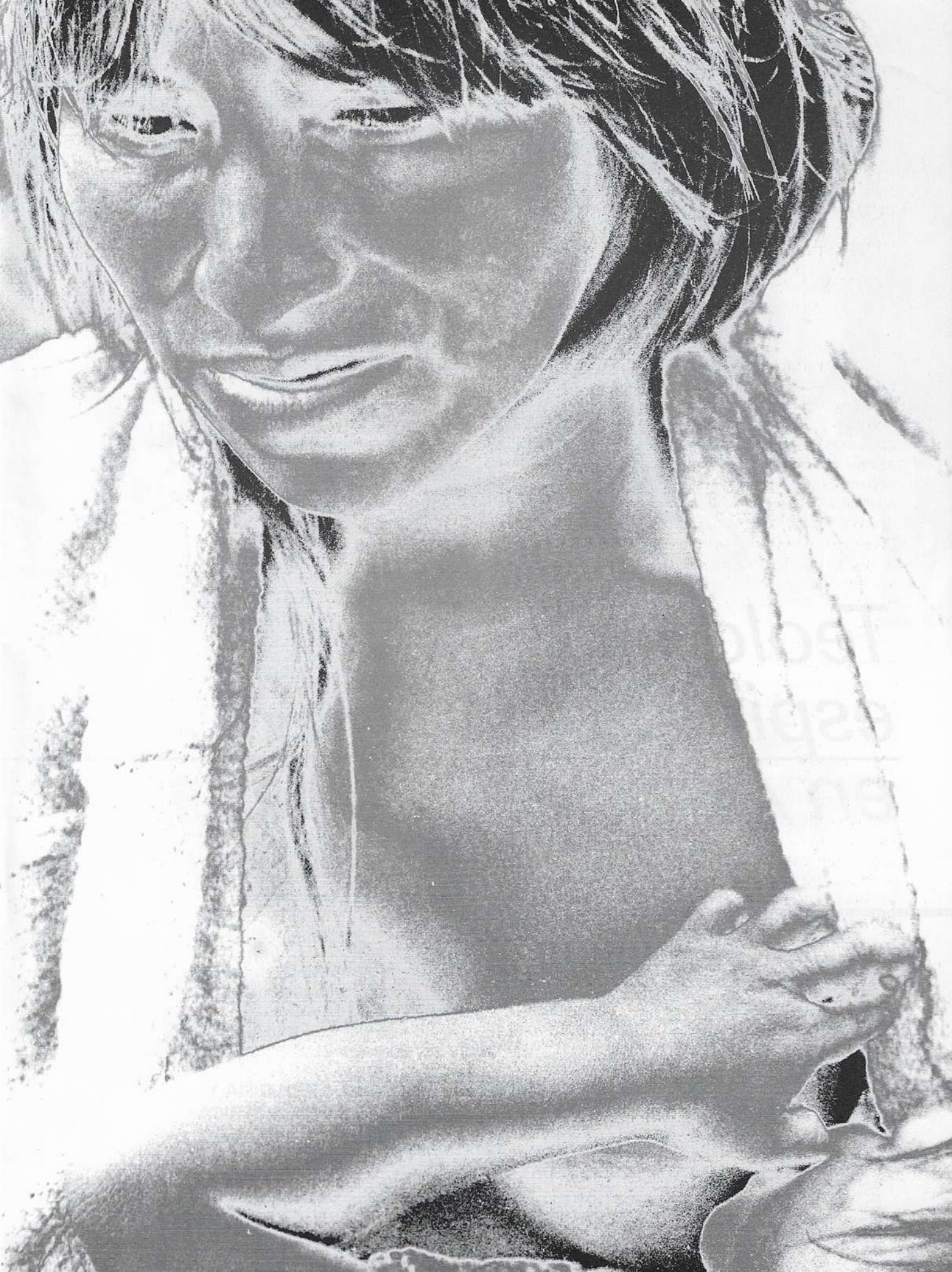
Leonardo Boff encarregou-se da terceira comunicação, sobre "Ecoteologia". Retomando a opção preferencial pelos pobres, Leonardo afirmou que esse amor inclui o maior pobre: a terra. A pergunta que hoje nos interpela é: qual é o futuro da terra? O que estamos fazendo para que preserve a possibilidade de vida? O seu futuro não está garantido. Por isto, a teologia hoje tem de superar todo tipo de antropocentrismo, porque o ser humano entrou no mundo quando tudo já estava feito. Não ter vergonha de ser parte do todo. Esta realidade deve levar-nos a uma nova espiritualidade cósmica que abrange tudo. Abraçar o mundo é abraçar o próprio Deus.

Por fim, João Batista Libânio apresentou sua comunicação sobre "Teologia e religião", mostrando a relação entre estas e afirmando que a religião está relacionada, antes de mais nada, com uma experiência humana do tremendo, do fascinante, mas não necessariamente de Deus, ao passo que a teologia está vinculada à revelação, ao Deus que vem ao encontro do ser humano. É preciso manter o equilíbrio entre religião e teologia.

Estas comunicações suscitaram muitas reflexões, perguntas, concordâncias e controvérsias que mostraram a riqueza da partilha e do pluralismo da assembléia. Além disto, os quatro grandes temas foram aprofundados em pequenos grupos de reflexão a partir de outros subtemas, a saber: Magistério e percepção latino-americana, Escritura e leitura latino-americana, Pais e Mães da Igreja na leitura latino-americana, Que filosofia para que teologia, Economia e política, Ética teológica para o nosso tempo, Pobre / excluído e trabalho da teologia, Relações de gênero, Teologias interativas: indígena e afro-americana, Ecumenismo e diálogo inter-religioso, Liturgia e teologia, Espiritualidade / mística e teologia.

No encontro também houve espaço para a oração compartilhada, na qual a riqueza das diferentes confissões de fé, da criatividade e da inculturação da fé estiveram presentes. A fraternidade, a alegria, a universalidade e a acolhida também foram notas características do congresso. Por fim, conclui-se com a afirmação unânime de que a teologia da libertação conserva sua pertinência, embora em um contexto diferente e com múltiplos desafios. O congresso deixou muitas tarefas para os teolog@s que, nas palavras de Gustavo Gutiérrez, tiradas de Ex 22,26, continuam perguntando-se hoje "onde dormirão os pobres neste tempo que vem?" ■









# Teología y espiritualidad hoy en América Latina

José María Vigil  
Panamá

Teologia da Libertação. Renovação religiosa. Mudança de paradigma. Espiritualidade popular latino-americana. Agenda de mudança obrigatória da Igreja para seguir os ensinamentos do Evangelho. Para mergulhar nestes temas e poder participar do debate, convidamos você à leitura do texto que enviou José María Vigil. Um chamado à reflexão e à ação para todo o Continente!

**N**aturalmente, escribo sobre "teología y espiritualidad de América Latina", no desde otras perspectivas teológicas que también están en el Continente, aunque no procedan del mismo ni piensen ni sientan desde la Patria Grande ni desde las opciones espirituales típicamente latinoamericanas.

Trataré tres puntos.

## 1. SITUACIÓN DE LA "TEOLOGÍA Y ESPIRITUALIDAD HOY EN AMÉRICA LATINA"

Para trazar un balance, hoy día es un punto de referencia obligado el recién pasado



congreso de teología (julio 2000) convocado por la SOTER, Sociedad teológica brasileña, en Belo Horizonte, con la participación de más de 250 teólogos y teólogas, de los que una quinta parte procedían del resto de América Latina, de fuera de Brasil. Tal vez habría que retroceder 20 años para encontrar un Congreso de teología latinoamericano semejante (tal vez el de 1980 en São Paulo).

Pues bien, parafraseando lo que se dijo de Puebla, yo diría que el Congreso fue una «serena afirmación de la Teología de la Liberación» (TL). No era sobre TL el Congreso, ni se convocaba desde esa perspectiva, pero la TL no pudo dejar de aflorar y estar presente desde la primera noche hasta el final. Había algunos grupos que no tenían esa teología, pero la mayor parte de ellos incluso sintonizaban con ella y escucharon con atención. La inmensa mayoría de los teólogos sentía, pensaba y respiraba en TL.

«Estamos vencidos, pero no convencidos», parecía que se podía decir allá. O desde otro punto de vista: estamos bien convencidos de lo que pensamos, aunque en el plano del poder se imponga irracionalmente el «argumento de autoridad», el más débil y hasta cobarde de los argumentos, según Aristóteles.

Ese sería el balance, a mi modo de ver. Sin alaracas, sin entusiasmos propios de otras épocas, con la serenidad de una época de invierno y de recesión eclesial, pero con el optimismo de los que «miran lejos», la teología y la espiritualidad latinoamericanas en el Congreso evidenciaron que están presentes, trabajando silenciosamente, madurando las semillas subterráneamente a la espera de la primavera.

Y quien dice «teología» se refiere a la vez, inevitablemente, a la «espiritualidad» que la sustenta. La espiritualidad latinoamericana, sus opciones, su pasión continental -sin anacronismos, sin nostalgias del pasado, sin lenguajes arcaicos, viviendo muy encarnadamente el hoy neoliberal mundializado...- estaba allí flotando en el aire y empapándolo todo. Seguimos vibrando con la misma pasión de Jesús, ¡el Reino!, sin que ello nos haga estar atados a las mediaciones de las décadas pasadas o sentirnos acomplejados por creer todavía en las utopías (¡más utópicas que nunca!). La espiritualidad latinoamericana está viva y goza de buena salud... aunque sean muchos los teólogos y los cristianos que ya no están tan vivos, porque arrojaron la toalla, prefirieron claudicar -por supuesto: sin confesárselo a sí mismos-, acomodarse a la

corriente, abandonar las «opciones latinoamericanas»...

En este sentido, en algún momento del Congreso se aludió al tema psicológico: necesitamos descubrir el componente psicológico de ese fenómeno, sin confundirlo con lo propiamente teológico: la TL no está en crisis, los que están en crisis son algunos teólogos. Las razones que muchos asumen para cambiar de postura, no son realmente razones (teológicas), sino decisiones personales (psicológicamente muy explicables) que sería muy sano distinguir y concienciar. Queda ahí una tarea por hacer, tal vez en este tiempo más propicio, cuando en la distancia se ven mejor las cosas.

«Serena afirmación de la TL» (y de su espiritualidad) sería pues el balance que ha significado en verdad este Congreso.

*“Quien habla de teología se refiere inevitablemente a la espiritualidad que la sustenta.”*

## 2. CAMBIO DE PARADIGMA...

Yo fui de los que me opuse claramente a la moda de decir que estábamos en un «cambio de paradigma», hace casi diez años, cuando esa afirmación venía a ser el alibi para justificar el abandono de las opciones latinoamericanas y de la TL. «El mundo ha cambiado, ha triunfado el neoliberalismo... luego hay que acomodarse y abandonar aquella perspectiva latinoamericana»... venían a decir entonces muchos con el pretendido «cambio de paradigma». Con muchos otros, yo afirmé, y sigo afirmando, que pueden cambiar «paradigmas menores», pero que «el paradigma» central (el de la lectura histórica de la realidad, el reinocentrismo y la opción por los pobres) no puede cambiar, porque es centralmente «jesuánico» (cfr.: <http://servicioskoinonia.org/relat/193.htm> sin que vaya a repetirlo aquí).

Después de todo este tiempo que ha transcurrido, veo que sí, que hay un cambio de paradigma en curso. Que sigue sin ser



aquél que preconizaban los partidarios de olvidar la perspectiva «latinoamericana». Pero que es un verdadero «cambio de paradigma»: otro, diverso, nuevo y muy profundo. Carlos Palacio (<http://servicioskoinonia.org/relat/227e.htm>) lo considera «comparable, bajo ciertos aspectos, a lo que, a partir de K. Jaspers, se denominó cambio del 'tiempo-eje', tiempo que abarca aproximadamente unos 500 años, entre el 800 y el 200 antes de Cristo, y que introduce en la conciencia humana una ruptura radical, a partir de la cual se operó una profunda inflexión en el curso de la historia y de la civilización tales como las conocemos hasta hoy».

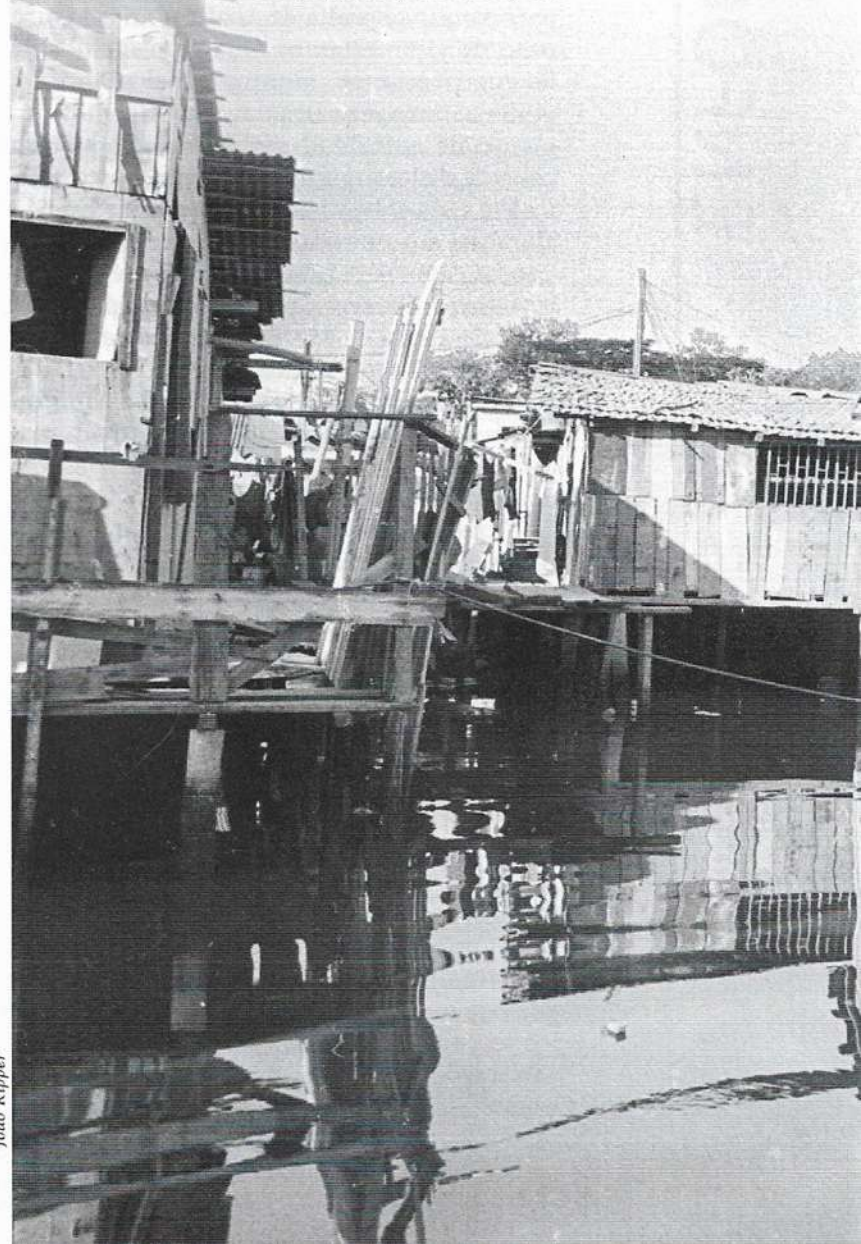
Sin negar que pueda estarse dando una inflexión de tal envergadura en el plano profundo de la civilización humana, hablando más cercanamente de nuestra teología y nuestra espiritualidad, yo creo que casi todos constatamos que hay, efectivamente, un «malestar en la cultura» y una insatisfacción en la religión que denuncian que la barca está haciendo agua por muchas partes, y que se necesita un replanteamiento general de casi todo, un «cambio de paradigma». Son no pocos los teólogos que vienen reclamando ya con nítida expresión que urge «creer de otra manera» (Torres Queiruga), que quizá somos «la última generación cristiana en esta perspectiva, porque la necesidad de un cambio radical se impone inaplazablemente...»

Son demasiadas cosas las que se vienen arrastrando en confrontación con la sociedad y con el pensamiento moderno. La religión en general parece tener todavía la raíz de sus estructuras más profundas en el pensamiento medieval o premoderno, y no muestra celo especial por hacerse definitivamente contemporánea de la humanidad. La primavera del Vaticano II, que rompió con un desencuentro multiseccular con la cultura moderna y abrió la posibilidad de un diálogo, se ha visto frustrada después de la elección de Juan Pablo II, que, como se sabe, fue uno de los principales miembros del «coetus minor» o minoría de oposición, la minoría derrotada en el Concilio. Pero el cambio de paradigma pendiente es todavía más amplio, más profundo, más de fondo... que la problemática -con ser grave- de conservadurismo propia de este pontificado.

Dentro de esta situación general, el gran filón de renovación -todavía desconocido para el gran público- es el del «pluralismo religioso». Se suele llamar «diálogo religioso», un tanto impropia. Lo que está en juego no es sólo ni principalmente dialogar

## *Una verdadera reforma eclesial es indispensable para entrar de verdad en el nuevo milenio.*

con otras religiones (lo cual es sumamente importante, sin duda), sino reformular, reinterpretar todo el cristianismo (todos sus tratados teológicos, su cosmovisión, toda su espiritualidad, y ¡también su práctica!) desde el hecho mayor del descubrimiento más claro que en nuestro tiempo se está dando sobre el valor salvífico de las religiones. El judeocristianismo se originó y creció y se



João Ripper



mantuvo secularmente como aislado, mirándose a sí mismo y mirando a las otras religiones como inexistentes o hasta como diabólicas; todo su lenguaje y sus referencias -no sólo en la teoría sino en la práctica- están como autocentradas en sí mismas, positivamente ignorantes de toda otra presencia de la salvación... Casi no es posible encontrar un pensamiento, una simple frase (en el misal por ejemplo) que no evidencie el lastre de planteamientos pacatos, antiecuménicos, encerrados en sí mismos...

Hoy esta perspectiva se nos presenta como inadecuada, urgentemente necesitada de un replanteamiento a fondo, radical. Muchos conceptos, muy fundamentales, han de ser reelaborados, y mucho lenguaje -teórico y práctico- ha de abrirse a un planteamiento más universal. El «cambio de paradigma» está pendiente sobre nuestras cabezas. Es imposible intentar mantenerse aislados, encerrados en nuestro fanal, y las instituciones

religiosas lo intentarán, sin duda, en fuerza de su instinto defensivo. Pero, en definitiva, será imposible «detener la primavera»...

Ese «cambio de paradigma» no es algo que deberán hacer algunos grandes teólogos... Debe ser elaborado pacientemente, pero con el concurso de todos: abriendo los ojos, dándonos cuenta, renovando el lenguaje, dejándonos cuestionar... Es la teología y la espiritualidad populares latinoamericanas las que tienen que abrirse a este cambio de paradigma, a pesar de las lógicas resistencias institucionales.

### 3. TEOLOGÍA Y ESPIRITUALIDAD DE LA RESISTENCIA...

Me quiero referir a una tarea pendiente, y emergente, concretamente en la Iglesia católica. Hace años que está ahí, esperando, acumulando tensión y problemas, sin que nadie la afronte. La teología y la espiritualidad







latinoamericanas, que tan militantes han sido «ad extra», se han mantenido inactivas ad extra. Hacia fuera compromiso profético, denuncia, lucha solidaria; hacia adentro fidelidad, humildad y obediencia. Viejas concepciones de estas virtudes han impedido acometer la tarea. Todos preferiríamos no emprenderla, que no fuera necesaria... Me refiero a afrontar la situación de involución en la Iglesia.

Durante mucho tiempo hemos pensado que eso era un problema europeo, que aquí nosotros «somos de otra manera» y que «seguimos en lo nuestro sin hacer mucho problema»... Pero la situación se ha agravado hasta niveles impensables hace unos años. Y vienen momentos probablemente más difíciles, en cuyo clímax se va a jugar la posibilidad de dar marcha atrás o -¡Dios no lo quiera!- persistir en el desencuentro.

Son muchos los católicos que sienten la Iglesia como una sociedad disfuncional, enferma, atravesada por tensiones insanas, con un autoritarismo ciego que imposibilita dialogar francamente y responder a las necesidades más sentidas, a las urgencias evangelizadoras más inaplazables. Muchos

problemas están ahí, sin resolver, durante años. La coyuntura de «final de pontificado» que atravesamos refuerza esta situación de pasividad y parálisis. La solución, para muchos, ha consistido en el autoexilio, la emigración interior, la desresponsabilización o la separación entre lo que se hace y se piensa por una parte, y lo que se dice «oficialmente» por otra (cfr.: Reese, <http://servicioskoinonia.org/relat/214.htm>). Sin contar los muchos que abandonaron la Iglesia, o que perdieron enteramente su fe en ella.

Pero al mismo tiempo cada vez más cristianos ven lo incoherente y antievangélico de esta situación, y se niegan a pactar con ella. Esto es de alguna manera nuevo. Crece una difuminada conciencia de la necesidad de poner fin a este estado de cosas y vivir la fe y la pertenencia eclesial como adultos, siendo fieles al Evangelio y coherentes consigo mismos, como el mejor servicio que se puede hacer a la Iglesia, en vez del servilismo, el silencio consentidor, la desresponsabilización, la huida.

La teología tiene obligación de plantearse este tema y debe acompañar a tantos cristianos/as que viven con dolor esta



## *Hay pocos profetas en el interior de la Iglesia y están a la intemperie, rodeados del frío del silencio de sus hermanos...*

situación y que se preguntan con angustia cómo salir de ella. Necesitamos una reflexión y también una espiritualidad eclesiológica práctica, serena y crítica, adulta y responsable, amorosa y a la vez profética, que preste a la gran Iglesia el servicio de sacudirla de su parálisis frente al autoritarismo, el miedo y la involución. Hay demasiado pocos profetas en el interior de la Iglesia y están a la intemperie, rodeados del frío del silencio de sus hermanos... Es preciso despertar el sentido profético dormido del Pueblo de Dios y acompañar no sólo a los más débiles, sino también a los más valientes. Aunque se nos ha enseñado a pensar que el profetismo sólo es hacia afuera (porque la Iglesia sería santa y no pasible de error), hoy es hora de resistencia profética, con la referencia siempre mayor de la fidelidad al evangelio del Reino.

Lógicamente, no se trata de «romper» con nadie; pero se trata de no romper tampoco con la propia coherencia, con la fidelidad a lo que el Espíritu sugiere a tantos cristianos/as de base. No es fidelidad a la Iglesia la que no es por encima de todo fidelidad al evangelio, la que se calla y se desentiende «pro bono pacis», por no perturbar la paz (o por miedo, tan frecuente y enquistado hoy en la Iglesia).

Hay ya una serie de puntos básicos que el «sensus fidelium» (el sentido común de los fieles, la percepción profunda del Pueblo de Dios, ésa que no puede no proceder del Espíritu), evidencia como una plataforma indiscutible, innegociable, imparabile, a la espera sólo de que se haga explícito y visible el clamor soterrado con que el Pueblo de Dios la reclama. Estos serían sus puntos principales:

- la reforma del papado, de su elección y de la Curia Romana;
- la elección de los obispos por parte del Pueblo de Dios;
- la democratización real y sin reservas de la Iglesia en todos sus niveles, el abandono de la ideología monárquico-absolutista y de las relaciones de poder dominantes;
- la igualdad entre la mujer y el varón y la participación plena de la mujer;
- la superación de la división entre clérigos y laicos y el establecimiento de unas relaciones más fraternas e igualitarias;
- la aceptación de otros modelos de ministerio, incluyendo el sacerdocio de personas no célibes;
- el respeto a la libertad para el ministerio teológico;
- la valoración positiva del cuerpo y de la sexualidad...

Para un número creciente de cristianos, también en A.L., esto no es una moda o una «teología progresista», sino un paso obligado para ser fieles hoy al Evangelio. Sienten que no pueden ser cristianos si no luchan por construir el Reino de Dios «también dentro» de la Iglesia, creando en ella condiciones de más amor, justicia, igualdad y libertad. Una verdadera reforma eclesial, para entrar de verdad en un nuevo milenio...

Sin duda, la construcción del Reino de Dios en el interior de la Iglesia suscitará conflictos, tantos como suscita el construirlo fuera. Habrá -ya los hay- «mártires» víctimas de la intolerancia y del autoritarismo, un martirio más difícil de sobrellevar, porque está revestido de satanización... Hará falta una Iglesia «confesante» dentro de la propia Iglesia... Cuando llegue la primavera se sabrá agradecer a los que aguantando lo crudo del invierno supieron sembrar evangélicamente sin miedo y con coraje.

Todo esto es una tarea sin duda universal, pero es también una tarea que A.L. debe plantearse explícitamente, sin pensar que sea una tarea más bien europea, por ejemplo. Nuestro Continente debe incorporarse más activamente a la vida universal de la Iglesia. Somos más de la mitad de la Iglesia y es hora de hacerse plenamente responsables y de hacer la propia aportación específica latinoamericana.

La teología y la espiritualidad latinoamericanas están obligadas a hacer su aporte a esta tarea común de la Iglesia universal. Es la hora. ■





# Confissões

---

Elsa Tamez  
Professora da ULB\*  
Costa Rica

---

Poema em forma de confesiones. Confesiones em forma de poema. Así se nos presenta el texto de Elsa, teóloga que intenta romper con la racionalidad occidental y para entrar en un mundo de sentimientos para con el Señor y el prójimo, llamándonos a mantener siempre encendida la llama de la fe.

**C**onfessar-se é entrar no campo da vulnerabilidade, expor-se gratuitamente. Sobretudo quando não se procura nenhuma absolvição, mas, simplesmente e por pura ousadia, alguém decide falar sem que ninguém tenha pedido. Por necessidade talvez. Confessar-se é falar consigo mesmo, é falar com Deus. Esta é parte da minha confissão e, através dela, alguns dos meus confusos pensamentos sobre Deus. Eu não poderia fazer de outra maneira. A esta altura, repetir o catecismo é tedioso e insuficiente diante das complexidades humana e divina.



## EU NÃO PODERIA VIVER SEM TI, MEU DEUS

Os seres humanos não poderiam viver sem pão nem bebidas. Feneceríamos e morreríamos. É preciso comer para viver. E, para viver com vontade, é preciso comer com sabor e acompanhados. Vivemos melhor se a comida for preparada com o ritmo adequado, sem pressa e com prazer. Transformar o feijão, a fritada, o milho, o arroz, as verduras, as carnes e – se houver – as frutas em delícias para o paladar é viver com vontade, compartilhando a comida e comentando as receitas.

Mas comer e beber não é suficiente para viver humanamente. Precisamos do amor.

Os seres humanos não poderiam viver sem amar e serem amados, sem desejar e serem desejados, sem tocar e serem tocados. Isto não exclui os “contratempos do amor”, quando amamos sem sermos correspondidos, ou quando somos amados sem que queiramos amar; ou quando damos as costas a alguém que nos estende seus braços ou estendemos os braços sem que ninguém venha preenchê-los. Os estremecimentos do corpo nos tempos e contratempos do amor são sintomas de que estamos vivendo a vida, com seus risos e prantos. Nem os amores platônicos estão isentos dos estremecimentos do corpo.

Amar e comer são duas faces da mesma moeda. O corpo reage diante de ambos os verbos. Tem-se prazer ao sentir um bocado passar pela garganta, e o corpo sente prazer ou dor na presença ou ausência da pessoa amada. O amor, como o pão, tem sabor, doce ou amargo, dependendo das receitas ou das vicissitudes. O amor tem sabor e o sabor é preparado com amor. Enfim, o espírito é amado na matéria e a matéria manifesta o espírito. Coitado do bispo de Hipona, Santo Agostinho, que pensou estar pecando ao desfrutar a leitura de Homero ou amar Flória, sua noiva.

Dizemos que Deus é o Deus da vida não só porque a dá e a tira quando quer, mas porque Deus é amor e pão. E confesso que não posso viver sem Deus, porque não posso viver sem amor e sem pão.

Para mim, não há maneira mais completa de entender, perceber e sentir Deus do que como amor-pão. As imagens - criador, juiz, pai, mãe, libertador, guerreiro, rei, senhor e outras - não passam de projeções da matriz amor-pão, os nutrientes fundamentais para a vida. Por amor se liberta, se julga, se governa com justiça, se gera, se molda, se sofre, -

*Comer e beber não é suficiente para viver humanamente, necessitamos do amor que, como o pão, tem sabor.*

como o Deus crucificado - e se interpela. O pão, por sua vez, faz com que o amor não se torne etéreo. O criador cria o pão por amor para dá-lo a suas criaturas, o juiz julga contra os que tiram o pão dos que não o têm, a mãe e o pai dão pão a seus filhos e filhas porque os amam, liberta-se para comer pão, luta-se pelo pão, governa-se para obter uma distribuição equitativa do pão.

Deus é pão, pão de vida, dado com amor. A utopia judaico-cristã vê o banquete escatológico como o grande festim de todos e todas, celebrando o amor de Deus, o encontro pleno com Deus.

Amor e pão não são dois atributos abstratos para Deus, mas atualizam-se na ação. O amor assume vida na relação e a dádiva do pão sustenta essa vida interrelacionada. É assim que o Deus da vida, percebido como amor-pão, contrapõe-se às situações de injustiça, alienação e sujeição. A ausência do amor-pão marca a ausência de Deus, ou sua presença como ausente. Fome de Deus é fome de humanidade, e fome de humanidade é fome de pão-amor: fome de Deus.

Confesso que amo a Deus e não me envergonho. Amo a Deus porque amo a vida. E, quando luto pelo pão e pelo amor, luto pela causa de Deus, que é a minha vida. Deus é a minha vida. De Deus procede e a Deus a devo e, na medida em que nela existo, vivo em Deus e Deus em mim. Quando atento contra mim, contra meu corpo e o do meu próximo, atento contra Deus. As Escrituras não afirmam que nosso corpo é o corpo do Espírito Santo? Se entendêssemos a vida dos seres humanos e de todos os seres vivos como sacramento de Deus, nosso mundo seria outro.

## MINHA RAZÃO NÃO TE COMPREENDE, DEVE COMPREENDER?

Muito se escreveu sobre Deus. Coisas bonitas e feias. Algumas tediosas, outras fasci-



nantes e outras simplesmente complicadas. Mas nenhuma consegue decifrar o mistério de Deus. As que tentam tirar o véu do indecifrável, definitivamente tornam-se sem graça e caem no abismo da desilusão. Minha confissão anterior não está isenta desta des-  
graça. Porque não é possível escrever sobre Deus no mesmo nível que sobre as incógnitas da álgebra: primeiro esta, depois aquela, para que o resultado seja exato. Mais próximo se está do sentido de Deus ao descrevê-lo no sorriso de meninos e meninas com bigodes brancos de leite, ou na indignação de uma mulher espancada que clama por justiça, ou na frustração de um homem sem trabalho; ou simplesmente, no impreciso (ou preciso?)

*Não há maneira de entender, perceber e sentir a Deus sem ser amor-pão.*

momento do prazer de desfrutar uma xícara de café com os amigos e amigas, surpreender-se com um quadro, ser cativado por um poema, uma canção ou um beijo.

Mas uma das melhores maneiras de falar de Deus é guardando silêncio primeiro. É escutando-o, sentindo-o no corpo e na mente. Sempre. Na vida cotidiana, dentro e fora da comunidade de fé – com suas bondades e maldades. Ali, no universo e nos ecossistemas, no movimento das células, nas palavras da Escritura, nos livros, ou inclusive no pedacinho de fruta não contaminada. Mas aqui também: no choro das pessoas doentes, na ausência de solidariedade, na faca de um menino de rua que se crava no ventre de um idoso para roubar-lhe dois reais. Percebe-se sua presença bem ali, quando o palpitar do coração sai do seu ritmo habitual, e frases impensadas emergem sem controle, tais como “graças a Deus” ou “onde estás, meu Deus?”. Ou quando não há frase alguma, só um peito dilatado diante de uma imensa montanha dourada, como os Andes da Bolívia.

Os que fomos ocidentalizados e educados na academia clássica envergonhamo-nos de falar de Deus de maneira alheia ao discurso

analítico. É difícil para nós falar de sentimentos, pois acreditamos que isto é assunto para poetas ou mulheres. No entanto, se é verdade que os sentimentos e a paixão estão mais próximos da profundidade do humano do que as idéias – que também são humanas, embora etéreas –, então devemos teologizar com os sentimentos, pois creio que, quanto mais humanamente falarmos de Deus, mais honestamente e a partir da nudez nos aproximaremos do divino. A força da palavra doxológica está em sair do coração sem o controle da cabeça. Se a mente – treinada – interviesse, anularia o discurso por considerá-lo brega ou absurdo. “Senhor, Tu me olhaste nos olhos, a sorrir pronunciaste meu nome...” são frases bregas, super-românticas (como a letra do bolero que diz “Rejoj, no marques las horas, porque voy a enloquecer...”), mas, com consciência disto, muitos as cantamos com vontade (como o bolero) e nos sentimos desculpados porque as lemos no hinário, no contexto de uma liturgia em que se permite falar de Deus, com Deus e a Deus a partir dos sentimentos. Se Juan Luis Guerra tivesse compreendido que Deus e o *merengue* não se contradizem, mas se interpenetram, não teria parado de cantar e continuaria sendo uma bênção para o povo dominicano e de toda a América Latina.

Sente-se Deus de dentro para fora e vice-versa. São desdobramentos que ocorrem na inter-relação do divino com o humano. Racionalmente é possível discutir se Deus é algo externo – uma pessoa – e quais são os perigos que uma concepção absoluta de Deus nestes termos acarreta; ou se pode dizer o contrário, que Deus é algo que está em mim, e então debater todos os riscos que esta afirmação acarreta. Contudo, ambas as coisas acontecem na vida cotidiana e na inter-relação divino-humana. Há momentos em que conversamos com Deus como com uma amiga, e outros em que sentimos tanto Deus em nós que é como se nós mesmos irradiássemos divindade.

Já afirmaram que as mulheres sentem Deus de maneira diferente dos homens, e que as comunidades indígenas e negras sentem Deus a seu modo. Racionalmente, seria possível explicar que a vivência corporal, étnica e cultural colaboram em



uma visão e percepção de Deus com colorido distinto. No entanto, o que é se deve destacar é que o fato de uns sentirem Deus de uma maneira e outros de outra aponta para o sentido que Deus tem para as pessoas ou comunidades que o sentem. Os diversos sentimentos sobre Deus revelam a diversidade do seu rosto no planeta de todos e todas. Assim, não é complicado distinguir a unicidade e a multiplicidade de rostos de Deus.

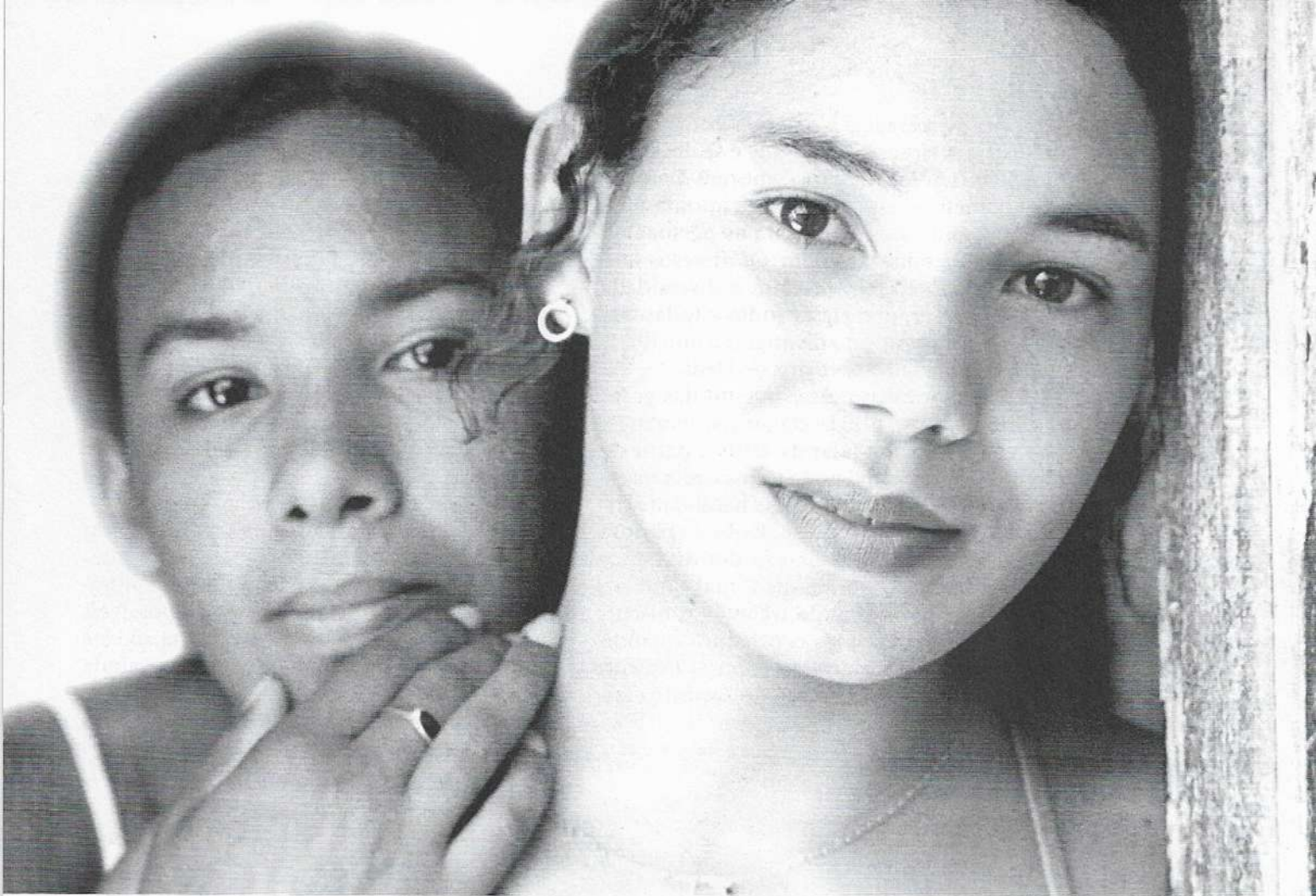
Embora deva confessar que muitas vezes acho tediosa a teologia clássica sistemática, não vou negar que falar de Deus a partir de um discurso racional pode transcender os estados de tédio, dependendo da habilidade criativa do teólogo ou teóloga. E que a criadora de produção teológica não só desfruta e sofre na construção do discurso, mas também pode sentir Deus quando trabalha o discurso. Na verdade, às vezes ocorre que, quando procuramos balbuciar algo sobre o Espírito Santo, nos sentimos cheias do Espírito. En-

tão, o discurso racional ou é sabotado ou sai enriquecido, inexplicavelmente.

Creio que, quando nós, teólogas e teólogos, construímos, polimos e cultivamos o discurso sobre Deus, Deus brinca conosco, ri conosco e de nós. Porque fazer teologia é como brincar, e não o digo com ironia ou desprezo, mas de forma positiva e com agrado. Penso que, quando se assume conscientemente a teologia como brincadeira, o humano entra na roda de modo prazeroso e natural, cumprimentando (com a mão ou com um beijo no rosto, ou tirando o chapéu ou as sandálias, dependendo do tipo e da solenidade do tema) as articulações que compõem o corpo do discurso que tenta mostrar Deus à racionalidade humana. Belo é o símbolo do Deus Trino, que convida à exploração infinita de centenas de ângulos possíveis por sua relacionalidade. Mas não há só este símbolo, há outros referentes divinos ainda não descobertos, talvez mais incluídos e empolgantes. Eis aqui uma tarefa para teólogas e teólogos ousados.







Também li discursos analíticos sobre Deus que brotaram de um coração atormentado. E penso que as mãos da pessoa que constrói esse discurso sangram a cada tijolo-palavra que escolhe para reedificar seu texto, quer dizer, seu pequeno canto escuro onde pode habitar junto com seus mártires e vítimas iluminados pela luz de um Deus ao qual não se quer renunciar, embora não apareça em parte alguma aos olhos da razão comum.

É por isto que também não renuncio aos discursos analíticos racionais sobre Deus, mesmo se muitos deles, especialmente os elaborados com idéias abstratas, beiram o pedantismo.

#### **DE NOSSAS CUMPLICIDADES**

Algo que me chama a atenção na teologia sistemática, e inclusive me incomoda, é que sempre se tem de salvar Deus no discurso e, se necessário, falar mal dos seres humanos para que Deus sempre faça boa figura. É como se o drama de Jó se eternizasse na teologia. Até para encontrar-me com Deus tenho de esperar que ele me procure, me ame primeiro e me ame melhor. Assim como o homem

*Os diversos  
sentimentos sobre  
Deus revelam a  
diversidade do seu  
rosto.*

sempre deve tomar a iniciativa nas coisas do amor, assim também Deus tem de ser o primeiro. Não gosto deste esquema. Não entendo por que tenho de inventar que Deus pôs em mim o desejo de fazer algo bom quando quero fazê-lo, ou de procurá-lo quando simplesmente quero expressar-lhe o meu amor e louvor desinteressados. Creio que não é bom criar uma concorrência entre Deus e o seres humanos, porque assim estaremos perdidos antes de qualquer movimento. Os humanos, por sermos humanos, e Deus, porque não tem graça triunfar sobre a fragilidade. É suficiente afirmar que os seres humanos somos pe-



cadores e pecadoras – faz parte da nossa humanidade – e que, apesar disto, damo-nos bem com Deus porque ele é misericordioso e fiel para com a sua criação, da qual fazemos parte. A graça é o paradigma que deveria envolver nossa relação humano-divina e inter-humana. Se Deus é Senhor e os humanos somos seus escravos e escravas, não há espaço para a graça.

Isto é o que a minha cabeça pensa. Mas o meu coração muitas vezes chama Deus de Senhor, e não me desagrada, porque é um ato de vontade e reconhecimento de Deus e de sua grandeza na pequenez dos movimentos cotidianos. Às vezes me desagrada que não me desagrade chamar Deus de Senhor, porque a analogia de amigo, amiga, está mais de acordo com a minha teologia. Comove-me ler que Deus chamou Abraão de amigo por sua fé. Mas me parece que aquela frase confessional, a de invocar Deus como Senhor ou Rei, surge não só por causa da tradição enraizada desde a infância, mas também porque nesses momentos realmente quero invocá-lo como Senhor. É como uma necessidade do Espírito, sem que eu, como ser humano, perca minha liberdade e identidade. Então penso nos namorados que tive, que me chamavam de “minha rainha” sem que a relação fosse de vassalagem. E dou-me conta da grande distância que existe entre a minha teologia, que surge da cabeça, e a minha espiritualidade, e da necessidade de integrá-las.

Tenho de confessar que às vezes me surpreendo orando a sós e dizendo que devo a Deus, não a mim, tudo o que sei e tenho, e que é graças a Deus que posso avançar em minha vida. Estou cansada de saber que trabalho muito, às vezes de bom grado, às vezes não. Mas digo que é Deus que me dá tudo o que tenho. E no fundo do coração, é o que creio. E não sei por quê. A tradição? A fé? Ou o medo de perder tudo? Não me preocupa se a tradição ou a fé forem a razão. Mas se a minha afirmação doxológica repousar no terceiro motivo, coitada de mim, pois minha relação com a transcendência estaria baseada no utilitarismo, o que minha cabeça e meu coração combatem.

Confesso que muitas vezes também tive de defender Deus e cobrir suas costas diante dos desastres do mundo e da escassez de pão e amor. Sinto que, se não o tivesse feito, há muito teria deixado de crer em Deus. Tive de construir discursos e confissões apresentando razões para seus silêncios ou sua presença oculta diante das injustiças e impunidades da realidade miserável. Mas creio que o fato de

terem sido construídos com esse fim não os torna discursos mentirosos: são discursos que a realidade me faz descobrir para ajudar-nos, a mim e a outros e outras, a entender esses lados escuros de Deus e dos seres humanos, lados incompreensíveis e contrários à luminosidade com que estamos familiarizados. Eu os crio e neles creio. Esta é a tarefa que me cabe como teóloga. Creio que Deus gosta que eu faça teologia desta maneira. Não porque “o esteja defendendo”, pois não precisa de defesa alguma, mas porque, de algum modo, tento manter acesa a chama, tantas vezes esquálida, da esperança na presença plena de Deus como amor e como pão compartilhados. ■

## Preguntas de Dios

*¿Dónde estás?,  
dice el Creador.*

*¿Dónde está tu hermano?,  
dice el Padre.*

*¿Quién te liberó?,  
dice el Señor.*

*¿Dónde están tus acusadores?,  
dice el Pastor.*

*¿Por qué me persigues?,  
dice el Hermano.*

*¿Por qué temés?,  
dice el Amigo.*

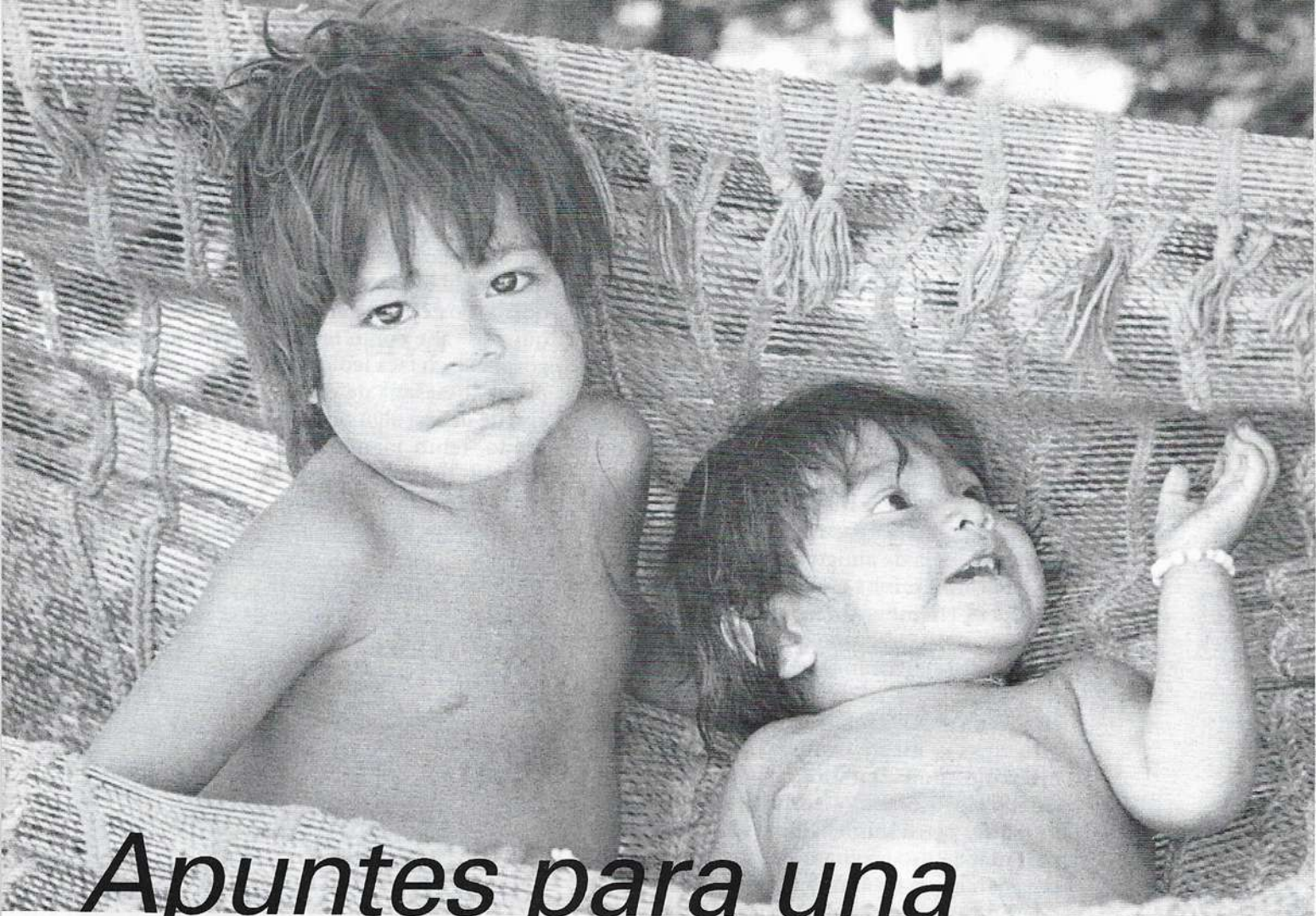
*Preguntas de Dios  
en nuestra tierra,  
como la lluvia  
que baja del cielo  
y al cielo sube,  
preguntas sin final,  
preguntas eternas  
en la vida que nos traen,  
en la muerte  
que se llevan*

*Acogidas  
como la lluvia,  
ya nos van haciendo  
eternidad ahora.*

*Benjamín González Buelta, S.J*

*“La utopia ya está en lo germinal”.  
Ediciones MSC. Santo Domingo.*





João Ripper

# Apuntes para una espiritualidad en la encrucijada del 2000

Oscar A. Campana  
Teólogo laico. Secretario académico del  
Instituto Superior de Estudios Teológicos  
(ISET) "Cristo Buen Pastor", del Centro de  
Estudios Salesiano de Buenos Aires,  
Argentina.

Sem afirmações conclusivas, no contexto de uma sociedade «partida» e desigual, o autor ensaia algumas idéias que apostam na «fidelidade do Deus da vida», considerando que a questão dos pobres e excluídos deve localiza-se no centro da reflexão e do coração da espiritualidade cristã. Para ler e discutir com seus amigos!

*En una época signada por el desconcierto, la apatía, la perplejidad y hasta la desesperanza; en la que una pequeña parte de la humanidad disfruta de un consumo deshumanizante mientras la gran mayoría navega entre la angustia y la supervivencia, en medio de un sistema que hasta los excluye de sus propias migajas; en esta época en la que tanto se ha desfigurado el rostro de Cristo en los pobres, la pregunta por el seguimiento de Jesús no puede si no ser respondida con esbozos y tanteos dados, muchas veces, en la oscuridad de una fe que sabe de la fragilidad de la epopeya humana, pero cree en la fidelidad del Dios de la vida. Desde esta sensación se ensayan las líneas que siguen, que no quieren ser totalizadoras, sino sólo un pensamiento en voz alta.*



## EL ADVIENTO DEL MUNDO Y DE LA IGLESIA EN ÉL

Hablar de espiritualidad es hablar del seguimiento de Jesús en un aquí y en un ahora. El aquí y el ahora del mundo y de la Iglesia que en él peregrina. ¡Hay tanto por decir, por pensar y por hacer! Tan sólo para empezar por algún lado, queremos decir algunas palabras sobre el aquí y ahora de esta Iglesia peregrina en cuyo seno insistimos en seguir a Jesús, sobre todo en una época en que se nos ha invitado a repensarla y recrearla.

Bien o mal, a nuestro gusto o a nuestro disgusto, a lo largo de su historia la Iglesia siempre se ha reinventado a sí misma. Y así como en determinado momento tomó al imperio romano como modelo de organización –modelo que en buena medida aún perdura–, así también existió un Francisco de Asís a quien Jesús –en el momento de mayor asimilación de la Iglesia al modelo imperial– le pide que *reconstruya su casa*.

Porque la Iglesia no sólo es lo que es: también es lo que querramos que sea. Como hace ya muchos años afirmaba Leonardo Boff: “No basta con que la Iglesia exista: es preciso además construirla continuamente”<sup>1</sup>.

Y esto es como decir que la Iglesia no es sólo lo dado: también es lo por-venir. Pero aquel por-venir que seamos capaces de construir. Esta es la tarea: hacer la Iglesia. Hacerla sin mirar atrás. Construirla sin pedir permiso. Escribirla sin esperar el *imprimatur*.

Pero hay que decir –parafraseando a dos poetas latinoamericanos<sup>2</sup>– que no se puede arar “el porvenir con viejos bueyes”. En todo caso, “los bueyes con que aramos se deben cambiar”. No se trata de pactar con la letra para ahogar el Espíritu...

La respuesta a los desafíos que supone recrear la Iglesia está en nuestras manos, si entendemos, como decía el cardenal Roger Etchegaray, que la Iglesia abre entre los hombres un taller abierto hasta más allá del año 2.000<sup>3</sup>. Y en un taller se crea, se proyecta, se ensaya, se arriesga, se prueba, se intenta, se inventa, se suda, se duda, se arma, se desarma y se sangra.

La Iglesia no dejará nunca de ser una construcción provisoria, tentada por edificaciones estables; un pueblo nómada, tentado por ciudades y Estados; una comunidad, tentada por la institución; una creencia, tentada por las certidumbres.

Mucho se habló antes, durante y después del Concilio Vaticano II acerca de un nuevo Pentecostés en la Iglesia. Quizás nos falló el

«Si hay algo que la Iglesia no puede dejar de hacer es, precisamente, construir comunidades.»

calendario litúrgico. Y lo que estemos viviendo sea, ni más ni menos, un Adviento. Y ya no sólo el de la Iglesia, sino el de toda la humanidad. Una humanidad que, a veces sin saberlo y a veces sin poder contar con nosotros, sigue, a su manera, desentrañando el Evangelio.

En este tiempo de desconcierto en el que todo el mundo pregunta *qué hay que hacer* quizás debamos responder que no sabemos. O mejor, que no queremos decirle a nadie qué es lo que hay que hacer. Para que sin ataduras, y en el aparente vacío de la incertidumbre, seamos capaces de dejar lugar al Espíritu de la libertad, que nos hace libres y liberadores.

## EL ÉXODO

Vivimos en una época de transición, donde, usando palabras de A. Gramsci, lo nuevo no termina de nacer y lo viejo no acaba de morir. En esta tensión, muchas veces dolorosa, entre lo nuevo y lo viejo se desarrolla el drama de los hombres y la aventura de la fe. Época polisémica, imposible de ser dicha con una sola palabra, nos trae al corazón *la imagen del desierto*.

Al igual que en este tiempo, en él no abundan las referencias: el horizonte es continuo y homogéneo en todas las direcciones. Todas las opciones parecen ser iguales. Ningún paso parece valer más que otro. Por eso es el lugar de la tentación. Se extrañan las cebollas de Egipto. Se añoran las seguridades de otros tiempos, sean sociales, religiosas, ideológicas. Queremos ver y sentir a algún dios, aunque sea hecho por nuestras manos.

Pero en el desierto también habla Dios, y al corazón. La revelación misma parte del acontecimiento de un Dios que nos habla. Y este hablar de Dios no ha cesado. ¿Qué nos dirá hoy entre el farrago de un mundo que nos agobia? ¿Dónde soplará su suave brisa? ¿En qué dirección? Ante el Dios oculto que no nos resuelve los interrogantes sino que nos invita siempre a ir más lejos y a buscar en otra parte, el seguimiento de Jesús se vuelve una experiencia

1 L. BOFF, Iglesia: carisma y poder. Ensayos de eclesiología militante, Santander, 21984, 9.

2 Silvio Rodríguez y Santiago Feliú, respectivamente.

3 Cf. CARD. R. ETCHEGARAY, La doctrina social de la Iglesia, en Crecer 35 (1990) 6.



cada día inédita y desafiante. Y más que a la marcha en el desierto a paso redoblado, nuestro tiempo parece invitarnos a una de las actitudes más auténticas de la fe: la espera, la fecunda espera de un Dios que acontece en lo débil, lo oculto y lo pequeño.

## LOS POBRES

Desde la variedad de imágenes y categorías en que se abordó la cuestión en América Latina, Gustavo Gutiérrez ha hablado de la "insignificancia" de los pobres<sup>4</sup>: ellos ya no significan nada, más que un frío dato estadístico que da cuenta de cómo crece, incluso en los países del llamado Primer Mundo, el número de los que van quedando afuera de la fiesta.

En el mundo de la retirada del Estado y de la intemperie social los cristianos están llamados a *hacerse cargo* del inmenso dolor de los pobres y excluidos, sabiendo que en ello radica tanto su fidelidad al Evangelio como su credibilidad histórica.

La cuestión de los pobres debe estar en el corazón de la espiritualidad cristiana. Como lo ha sido siempre, desde la proclamación de las bienaventuranzas hasta nuestros días, la cercanía a los pobres pone el dedo en la llaga de las sacralizaciones sociales y los sistemas establecidos para venir a decir simplemente lo siguiente: "Aquí hay algo que anda mal".

En la medida en que los actuales niveles de pobreza y exclusión ponen a la mayor parte de nuestras poblaciones en el desafío cotidiano por lo "mínimo de lo mínimo", los cristianos no pueden desentenderse del costado doloroso sobre el que se hunde nuestra sociedad. Nunca la opción por los pobres ha sido tan auténtica como en estos tiempos que corren, donde uno debe compartir con ellos hasta la propia escasez de perspectivas inmediatas de cambio.

La opción por los pobres, expresión y dimensión eclesial parida con el dolor de tantos mártires en América Latina, aparece como el criterio evangélico básico en todas las circunstancias. Antes de pensar *qué hacer* la Iglesia debe responder a otra pregunta: *dónde piensa estar*. La *presencia* entre los pobres se transforma así en un elemento central de la espiritualidad cristiana, si es que con su vida los cristianos quieren dar testimonio de aquel Dios que como reiteradamente nos lo relata la Escritura, escucha el clamor de los que sufren y termina identificándose con ellos en la cruz. Del lado de las víctimas. No de los victimarios.

Lo cierto es que desde Jesús para aquí, los creyentes parecemos vivir anunciando algo, pero lo que llega es otra cosa. Debo decir que a veces

## ¿No habrá que dejar de construir y empezar a sembrar?

percibo una cierta neo-certidumbre en nuestros discursos.

¿No habremos comprado muy pronto el paquete de los '90? Y no pregunto esto movido por una nostalgia setentista de teoría y praxis. Pero temo que detrás de la dispersión hermenéutica en la que nos hemos sumergido, nos hayamos quedado con el gesto setentista más que con su sustancia.

Es verdad que la opción por los pobres se ha ido desovillando cada vez con mayor detalle y sutileza: ong's, movimientos sociales, perspectiva de género, tercer sector, redes alternativas, interculturalidad, ecología, holística... Pero a veces me asusta un poco la complacencia y hasta el financiamiento del sistema hacia muchas de estas iniciativas. No quiero instaurar una crítica hacia ellas: de una o de otra manera todos estamos vinculados a alguna de estas alternativas. Sólo constato que hoy nos falta algo que nos embargue el corazón...

## LA COMUNIDAD

Desde el Evangelio asoman verdades y actitudes que se tornan relevantes para el seguimiento de Jesús ante la realidad que hoy vivimos. Si hay algo que la Iglesia no puede dejar de hacer es, precisamente, construir comunidades. Bien podríamos decir que los primeros cristianos, tras la Pascua, espontáneamente dedicaron sus esfuerzos a la vivencia de lo comunitario. El lugar de privilegio que en la memoria de los creyentes ocupa la Iglesia de los primeros siglos tiene que ver, entre otros factores, con esa experiencia auténtica de lo comunitario.

En ella la Iglesia, más allá –o más acá– del anuncio explícito del Evangelio, proyecta en la historia un ideal de vida y de convivencia humana donde las diferencias –vididas como diversidad de carismas y ministerios– son integradas en la celebración de lo común.

La cuestión de lo comunitario ha ocupado un amplio espacio tanto en la literatura como en la praxis de la Iglesia de América Latina en los últimos decenios. Se hace necesario decir que, más allá de los nombres y de las

<sup>4</sup> ¿Dónde dormirán los pobres?, en *Nuevas Voces* 30 (1997).





formulaciones, el retorno a lo comunitario constituye una de las características de la espiritualidad cristiana de estos tiempos. Y con ello se asiste a un redescubrimiento de aquello que está en el *corazón del Evangelio*.

No hay Iglesia sin comunidad. Y donde hay comunidad comienza a insinuarse lo eclesial. Comunidad que es reflejo histórico de un Dios que en lo más íntimo de su ser no es soledad sino comunión de personas y que por eso llama a los hombres a la comunión. No hay otra "ayuda adecuada" para el hombre que no sea la de lo comunitario. Y no hay otra tarea para el cristiano que la creación y recreación de lo comunitario allí donde se encuentre.

Entre las veredas de esta posmodernidad neoliberal que pregonan por un lado un renovado y cruel individualismo y por otro lado que no hay salvación para todos, la Iglesia debe vivir y levantar el pasacalles de lo comunitario, no en la declamación ni en la declaración de principios sino en la praxis cotidiana. En ninguna época de la historia hay mayor mensaje revolucionario que aquel que tiene que ver con las cosas más simples que Jesús anunció: el Reino para los pobres, el perdón de la deuda y el pan para todos. Sin vivencia de lo comunitario estas ideas son simplemente *ideo-logía*.

## ¿CONSTRUIR O SEMBRAR?

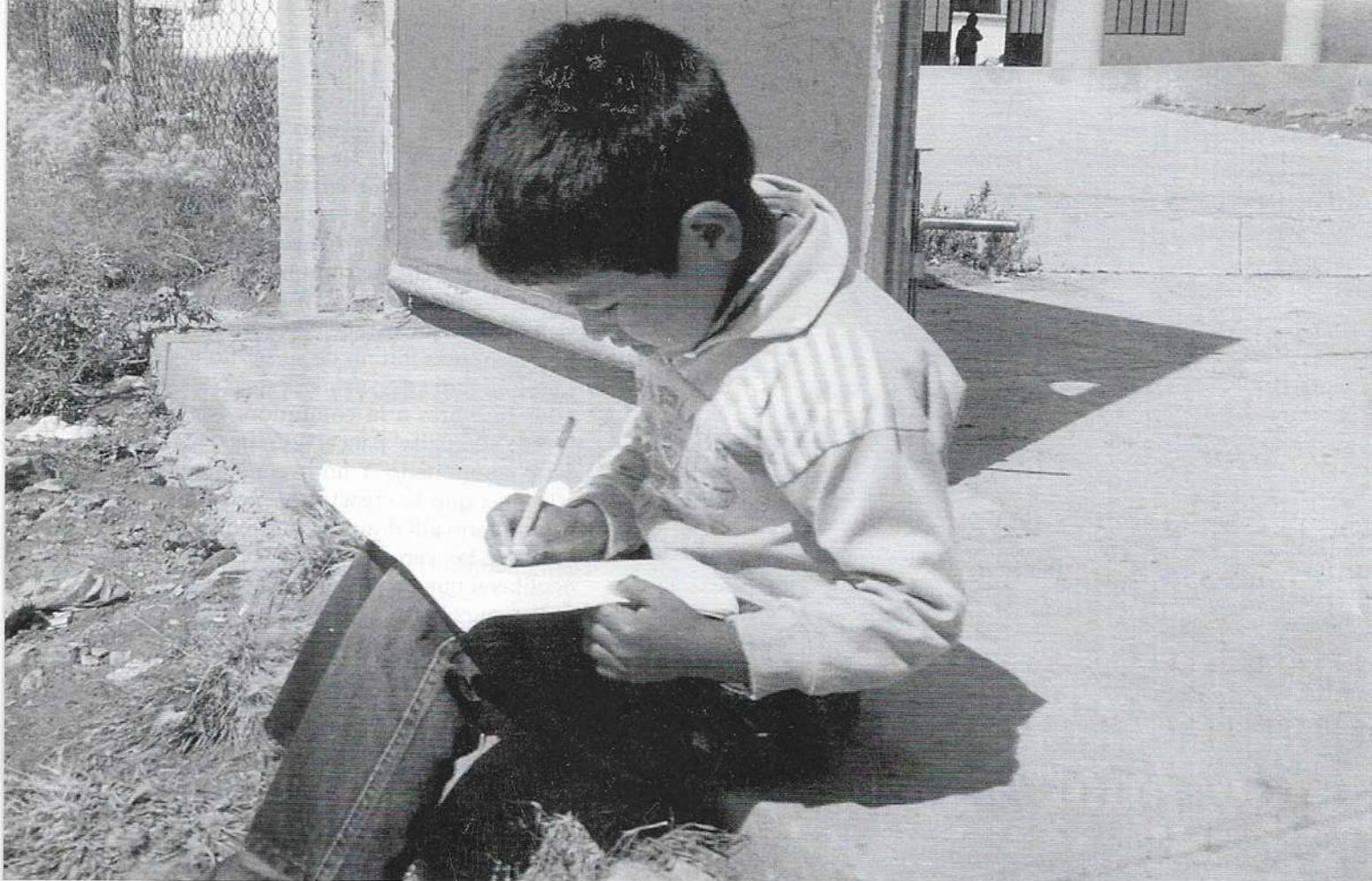
Hay quienes dicen que este es el dilema de aquellos que hacen -o quieren hacer- algo en la historia. ¿Construir o sembrar?

Quien construye espera ver la edificación terminada y ante ella sería capaz de decirnos cuál fue su participación en cada etapa. La memoria de la construcción se termina convirtiendo en su propia memoria. Una placa lo recordará para la inmortalidad. Figurará en los anales de la arquitectura. Las plazas y las escuelas llevarán su nombre.

Quien siembra, creo, tiene mayores posibilidades de comprender cuántas cosas no dependen de él. La tierra, el clima, las estaciones y, sobre todo, el milagro inasible de la vida que brota más allá de nuestro esfuerzo. La vida que en su fruto es absolutamente desproporcionada en relación a sus comienzos. El grano de mostaza... La gratuidad... El amor de Dios.

¿No habrá que dejar de construir y comenzar a sembrar? ¿No parte la siembra de mayores incertidumbres que la construcción? Tan sólo se nos pedirá, entonces, estar atentos al tiempo y acompañar la vida. Quizás, seguramente, muchos ya lo estén haciendo, alimentando, grano a grano, la nube de testigos del mañana. ■





# *Una nueva Educación Religiosa para Bolivia – una mirada me habla de un camino*

Lic.-teol. Onno Meyer  
Instituto Normal Superior Católico  
"Sedes Sapientiae"  
Cochabamba - Bolivia

Se quiser conhecer os caminhos e des-caminhos pelos quais atravessaram os/as professores/as de religião na Bolívia, as lutas mas, sobretudo, os resultados dessa jornada que recém está começando a construir uma nova proposta de formação para a área, nada melhor que o texto de Onno Meyer.

**R**ecuerdo un episodio el año pasado en mi casa: *estaba trabajando en la computadora, con los pensamientos dirigidos a elaborar un documento en Religión, Ética y Moral. De pronto mi hijita Edith de tres años entró a mi habitación, puso su cabecita al lado del teclado, me miró y preguntó: "¿Qué haces, papá?" "Estoy trabajando." Y otra vez: "¿Qué haces?" Ya no pude responder como antes, le expliqué que tenía que escribir algo para la escuela, para niños, algo muy difícil... Y Edith me miró, con sus ojos llenos de un brillo tan fuerte, como un espejo y no dijo nada más que: Ah!*



Y en este espejo reconocí y recordé con mucho cariño las caras de tantos niños, niñas y jóvenes bolivianos:

- de Gustavito que cada mañana está ofreciendo su trabajo como lustrabotas en nuestra oficina,
- de innumerables voceros y voceras en los trufis y micros de La Paz y las otras ciudades del país,
- de los chicos que se lanzan encima de los autos para pedir algunos centavos por haber limpiado los parabrisas,
- de los cargadores, menores de edad, pero que ya tienen una expresión de adulto en sus rostros por la experiencia de vida y de lucha por la sobrevivencia,
- de los niños que entran a cualquier hora en las flotas, cantando, recitando poemas para conseguir algo para vivir,
- de los jóvenes cleferos en la plaza San Francisco de La Paz, a veces las jovencitas con sus bebés sobre su espalda, dándoles clefa para tranquilizar el hambre,
- de alumnos y alumnas que conocí en mis viajes en las distintas regiones del país, con ojos de esperanza para lograr algo en su vida, para mejorar su situación y la de sus familias...

En ese momento me pregunté: ¿Qué sentido tiene todo nuestro trabajo en educación, en la elaboración de una nueva visión de Religión dentro del Sistema Educativo Nacional de Bolivia, si no partimos desde la óptica de nuestra niñez y juventud, desde sus necesidades y problemas, si no dejamos hablar a nuestros niños y reflejamos sus esperanzas?

Estaba todavía pensando en los rostros de los niños y niñas, de pronto me di cuenta que mi esposa Any había entrado en el cuarto para sacar a nuestra hijita. "Es tiempo de dormir, Edith." Yo miré a mi esposa, ella es profesora de Religión, con muchos años del servicio, de experiencias y conflictos... *y recuerdo los problemas que enfrentaron nuestros maestros y maestras en Bolivia en los últimos años:*

- Conseguir una mejor y más justa remuneración de su labor educativa.
- sentir que, como maestros de Religión, Ética y Moral, están en el último rango de la jerarquía de los especialistas en educación, con menos valor y prestigio que los educadores de las demás

1 Comisión Episcopal de Educación - CEB, *Diseño Curricular Base, Educación Religiosa, Nivel Primario, La Paz 1999, Presentación.*

2 cfr. *Ibid.*

## *El Documento de la Fundamentación del Área de Religión, Ética y Moral está compuesto por cinco dimensiones: histórico-cultural, antropológico-psicológica, filosófico-teológica, ético-moral y sociológico-política.*

asignaturas, muchas veces experimentando la marginación de actividades formativas en los colegios y escuelas.

- ser símbolo viviente, en muchos casos, de una formación profesional deficiente o inadecuada que en gran parte refleja enfoques pedagógicos del pasado, orientados hacia una catequesis escolar, y que no responde a los nuevos desafíos de la educación, especialmente provocados por la Reforma Educativa Boliviana de 1994.
- Enfrentarse con una crisis de identidad como educadores: ¿Somos profesionales como los demás profesores, con fundamentos sólidos en pedagogía y en nuestra especialidad? ¿O somos catequistas, mandados por las parroquias para ejercer este ministerio en el ambiente escolar? ¿Quiénes somos? ¿Quiénes queremos ser?

Recuerdo en 1998 haber escuchado noticias de profesores de Religión, sobre todo del Oriente boliviano, que tenían que luchar por su trabajo en sus establecimientos educativos. A nivel nacional había una tendencia a eliminar y deshacerse de la materia de Religión en la Educación Regular, pese a un Convenio Marco Interinstitucional entre el Estado Boliviano y la Iglesia Católica del año 1997 donde Religión estaba claramente ubicada en el área curricular de Ciencias de la Vida en el Nivel Primario. También se pensó y discutió la posibilidad de dejar la materia de Religión en manos y responsabilidad de las parroquias.



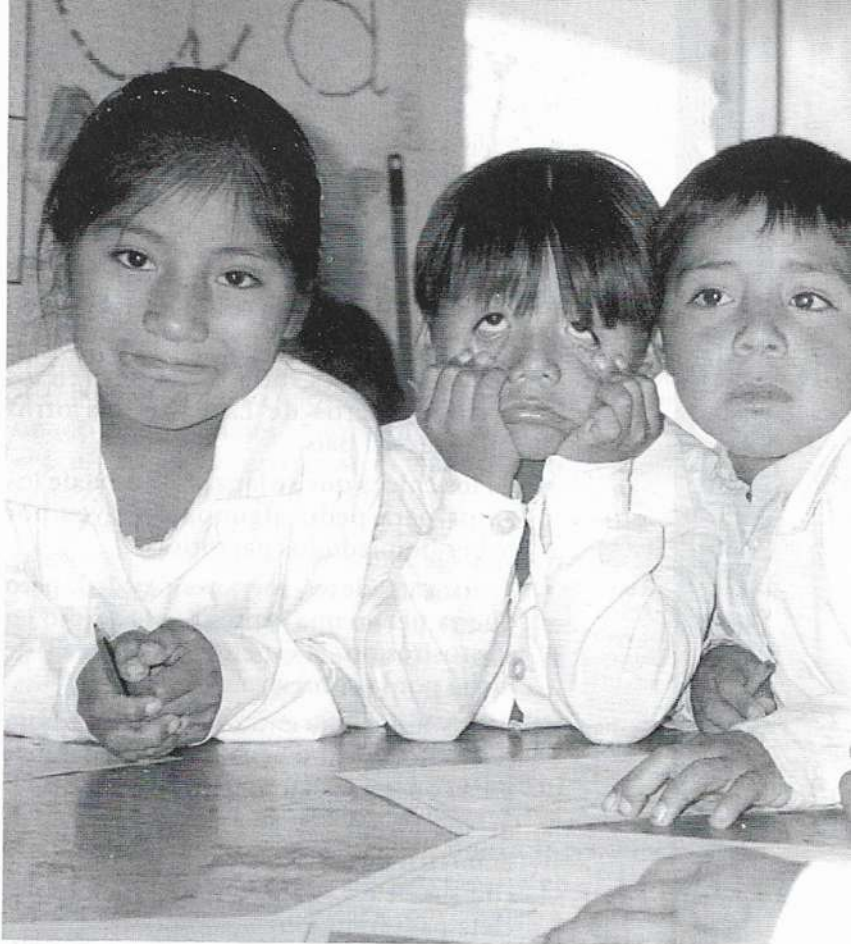
Recuerdo nuestros esfuerzos a nivel local y nacional para crear una nueva visión de Educación Religiosa, con nuevos enfoques, nueva dinámica, nueva propuesta formativa para nuestros futuros maestros y maestras.

Recuerdo que nuestro **primer documento** a fines de 1998 fue el "Diseño Curricular Base del Nivel Primario de Educación Religiosa", fruto de un trabajo de expertos en Religión, Ética y Moral y de una consulta a nivel nacional de educadores con experiencia y trayectoria educativa. Lo que elaboramos, era, como se expresa en la presentación del documento, "un instrumento educativo - pastoral que toma en cuenta los avances de la moderna ciencia de la Educación y quiere ofrecer respuestas eficaces a la luz del Evangelio, frente a las necesidades del pueblo boliviano, en especial de los sectores más pobres y marginados de nuestra sociedad... Nos anima la voluntad de servir... y colocar el Evangelio de Jesucristo en el corazón de cada persona y en el corazón de las estructuras políticas, sociales, económicas y culturales de nuestro país."<sup>1</sup>

Basándonos en la rica experiencia educativa de nuestra Iglesia en los últimos años, intentamos con este documento presentar un compendio de los fundamentos, los ejes centrales y principales fuentes de una Educación Religiosa renovada; sobre todo, dar impulsos para la construcción de una teología educativa, con una nueva mirada de la educación desde la óptica de nuestro Dios - Educador. ¿Y con qué fin? Sobre todo para promover y despertar el ánimo y el compromiso de cada uno de nuestros/as educadores/as.<sup>2</sup>

Recuerdo los encuentros con los responsables de la Unidad Nacional de Servicios Técnico - Pedagógicos (UNSTP) del Ministerio de Educación, Cultura y Deportes, cuando presentábamos el Diseño Curricular Base. ¡Qué difícil es superar prejuicios, abrir la mente y el corazón de una persona para nuevas ideas y visiones; cuánto nos cuesta dejar atrás lo que siempre se hizo y confiar que sea posible crear algo distinto, inesperado!

Qué alegría sentí en mi corazón al ver y escuchar que se habían entendido nuestras intenciones: no presentar una catequesis escolar del pasado, no un catecismo "en miniature" de nuestra fe cristiana, sino un documento educativo que, por un lado, había asumido nuestra realidad religiosa boliviana en sus múltiples dimensiones antropológica, sociológica y psicológica, y los elementos



Rina López

## *La Educación Religiosa puede contribuir con la construcción de una nueva educación.*

fundamentales de la Reforma Educativa, como las competencias con la integralidad de sus contenidos conceptuales, procedimentales y actitudinales.

Por otro lado, la Educación Religiosa quería y podía aportar a la construcción de una nueva educación en general, por medio de su larga trayectoria y experiencia educativa, del Proyecto Educativo Católico de la Iglesia Católica Boliviana y su enfoque curricular específico EPCI<sup>3</sup>, del acercamiento de la teología a la educación<sup>4</sup>, sobre todo para llegar al desarrollo integral del ser humano, sin ignorar o perder de la vista la dimensión esencial de su ser, la dimensión religiosa /





trascendental.

Recuerdo mi sorpresa y emoción, viendo el cambio de actitud en el Ministerio de Educación, cuando en 1999 se inició el proceso de la creación de una nueva área curricular de Religión, Ética y Moral para el Nivel Primario, y se empezó mediante una comisión conformada por representantes de la UNSTP y de la Comisión Episcopal de Educación, con la elaboración de un documento, para fundamentar educativamente aquella nueva área. Ya no era *tiempo de dormir y desaparecer*, sino *tiempo de despertar y crear algo nuevo para la educación boliviana*.

*Pero recuerdo también en estos momentos mis preocupaciones y angustias: ¿podremos realmente crear este "algo" que responda a las necesidades verdaderas de nuestra niñez y juventud y que ofrezca una nueva perspectiva para nuestros educadores?*

Reflexionando el camino de la elaboración del **Documento de la Fundamentación del Área de Religión, Ética y Moral**, están presentes...

- reuniones con representantes del Ministerio para concentrar nuestros pensamientos alrededor del desafío de una Educación Religiosa renovada;
- trabajos en las noches, para repensar y reformular propuestas e ideas;
- intentos de hacer y deshacer, de encontrar

un lenguaje educativo para la dimensión religiosa, pero sobre todo de reconocer y respetar lo que necesitan nuestros educandos;

- esfuerzos para explicar e integrar lo propio de la educación desde nuestra identidad eclesial, para promover la transdisciplinariedad y el enfoque holístico y sinérgico en Religión, Ética y Moral;
- momentos difíciles de críticas: de parte de algunas autoridades eclesiásticas que decían que este documento no reflejaba la identidad católica; de parte de autoridades educativas que era demasiado eclesial.... Todo esto nos impulsó a buscar permanentemente una posición de equilibrio y consenso, sin perder la propia identidad;
- también: encuentros de trabajo con educadores de la UNSTP que se hicieron amigos y amigas, buscando más y más el entendimiento, enriqueciendo nuestras posiciones y comprensiones.

Y por fin, salió este **Documento de la Fundamentación** tan esperado, listo para entregar a nuestra Iglesia, al Ministerio de Educación, a los educadores de Religión, Ética y Moral, con los elementos que reflejan en gran parte la realidad religiosa de nuestros educandos en Bolivia, sus esperanzas e interrogantes más profundos, un documento sobre Educación Religiosa en lenguaje educativo y con una visión de una Iglesia de comunión y participación, sal y fermento en una sociedad en proceso de renovación frente a los grandes desafíos del tercer milenio.

Como una parte elemental del **Documento de la Fundamentación**, los propósitos del área de Religión, Ética y Moral expresan las dimensiones que queremos promover en los niños y niñas<sup>5</sup>:

- **la dimensión histórico – cultural**, para que conozcan, profundicen y comprendan la tradición religiosa cristiana del pueblo boliviano y sus culturas, sus valores, su historia y sus vivencias, para afirmar su identidad personal y comunitaria, superando prejuicios y estereotipos;
- **la dimensión antropológico – psicológica**, para que encuentren iluminaciones e impulsos para construir su proyecto de vida a nivel personal y en comunión con otros/as, desarrollando sus conocimientos, habilidades y capacidades, valores, actitudes y aptitudes;

3 cfr. *Ibid*, págs. 29ss. La abreviatura EPCI significa: E = Educación evangelizadora – liberadora; P = Educación permanente, popular, procesual, participativa; C = Educación científica y de praxis comunitaria; I = Educación integral que informe, forme y capacite, interactiva, intercultural.

4 cfr. *Ibid*, págs. 63ss.

5 Tomado de Comisión Episcopal de Educación – CEB, *Fundamentación del Área Religión, Ética y Moral, Nivel Primario, La Paz 1999, cap. 2, Propósitos del Área.*



## *Se deben formar nuevos maestros de Religión, Ética y Moral.*

- **la dimensión filosófico – teológica**, para que desarrollen sus capacidades de descubrir y discernir los interrogantes fundamentales de la humanidad para encontrar el sentido de las cosas, de su propia vida y del mundo, desde la propuesta de sentido, encarnada en la persona de Jesucristo;
- **la dimensión ético – moral**, para que – a partir de una reflexión crítica de su realidad, la tradición moral cristiana, y la reflexión sobre la vida de las personas y los valores que las orientan – desarrollen criterios de juicio sobre la moralidad de las acciones personales y comunitarias;
- **la dimensión sociológico – política**, para que, interpelados e impulsados por el ideal del Reino de Dios, descubran su responsabilidad como miembros de nuestra sociedad y del mundo y – si es el caso – como miembros de la comunidad cristiana, para tomar posición activa contra un mundo inhumano, lleno de injusticias y una existencia humana crucificada.

Aparte de una alegría profunda sobre lo logrado y mucho más todavía en marzo de 2000, cuando se consolidó el Área de Religión, Ética y Moral para los niveles de

Primaria y Secundaria del Sistema Educativo Nacional en un Decreto Supremo<sup>6</sup>, con la firma del Presidente de la República y los Ministros del Estado, sentí y percibí estos momentos no como el fin de un proceso, sino más bien como el comienzo de un largo caminar, con muchas piedras, seguramente con algunos desvíos, pero sobre todo con preguntas:

- ¿Cómo podemos lograr que nuestros maestros y maestras desde sus experiencias educativas, asuman la nueva propuesta de Religión, Ética y Moral, viendo el desarrollo de la dimensión religiosa con los ojos y desde la realidad de nuestros educandos?
- ¿De qué manera podemos ayudar para que los educadores descubran en el **Documento de la Fundamentación** estos elementos que exigen un cambio radical en sus personas, pero también para que se abran nuevos horizontes en su labor educativa

*6 Decreto Supremo  
25697 del 10 de marzo  
de 2000.*





para responder mejor y adecuadamente a las necesidades religiosas de la gente de hoy?

- ¿Cómo llegar con esta **Fundamentación** y sus explicaciones a los responsables del Ministerio de Educación a nivel distrital y departamental para que no solamente se trate del cumplimiento de un Decreto Supremo, sino de un conocimiento profundo de las intenciones de la nueva Educación Religiosa?
- ¿Qué significan los conceptos de este nuevo documento para la formación de nuevos maestros de Religión, Ética y Moral en el Instituto Normal Superior Católico, y también para los procesos de actualización de los profesores en servicio?...

En este momento, no hay ninguna respuesta

final a estas preguntas, pero sí: los primeros intentos de encontrar posibles soluciones y alternativas, los primeros pasos para cambiar poco a poco el rumbo de la formación de nuestros educadores de Religión, Ética y Moral.

Mi esposa junto con mi hijita, me habían dejado solo delante de mi computadora. No sé cuánto tiempo he estado mirando la pantalla, sin ver nada. Me di cuenta que mis pensamientos se habían dirigido completamente hacia los niños y niñas, hacia los jóvenes de nuestro país, hacia nuestros educadores y su realidad educativa tan difícil. Empecé a leer lo que había trabajado una hora antes de las inquietudes de Edith. Sentí que era necesario continuar de nuevo con mi tarea, pero esta vez con los ojos y desde la vida de nuestros niños y niñas, como me había enseñado a mí la mirada de mi pequeña hijita. ■

## Escojo la vida

*Esta mañana  
Enderezo mi espalda,  
Abro mi rostro  
Respiro la aurora,  
escojo la vida.*

*Esta mañana  
acojo mis golpes,  
acallo mis límites,  
disuelvo mis miedos,  
escojo la vida.*

*Esta mañana  
miro a los ojos,  
abrazo una espalda,  
doy mi palabra,  
escojo la vida.*

*Esta mañana  
remanso la paz,  
alimento el futuro,  
comparto alegría,  
escojo la vida.*

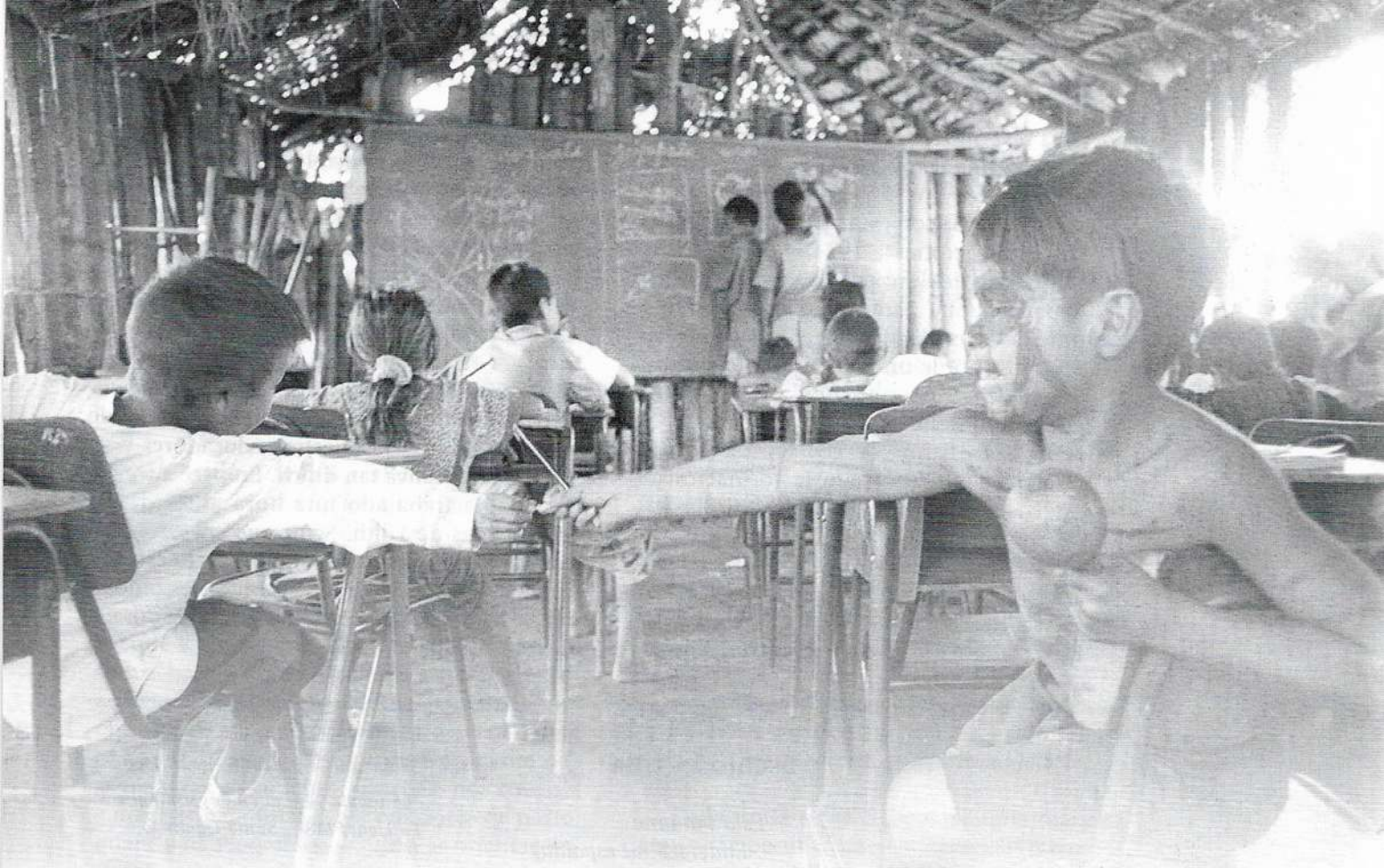
*Esta mañana  
te busco en la muerte,  
te alzo del fango,  
te cargo tan frágil,  
escojo la vida.*

*Esta mañana  
te escucho en silencio,  
te dejo llenarme  
te sigo de cerca,  
escojo la vida*



Efeito gráfico s/foto de Rina López





# *O Ensino Religioso abrindo caminhos*

Carmencita Seffrin  
Mestre e Doutoranda em Teologia  
Sistemática Pastoral  
Profª. de Cultura Religiosa PUC/Rio  
Profª. de Catequética Escola Teológica  
Beneditina - Brasil

## **O ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL**

Enseñanza religiosa, catequesis y evangelización en la historia brasileña. Desafíos y avances de la disciplina en los días de hoy en Brasil y América Latina. Enseñanza religiosa en escuelas públicas y la preocupación de que sea considerada la pluralidad cultural y religiosa del pueblo brasileño. La urgencia de la formación continuada de profesores del área. Estos son algunos de los temas que son discutidos en las páginas que presentamos a continuación.

O Ensino Religioso no Brasil nasceu na colonização com o ler, escrever e contar, tendo como objetivo a Catequese. A distinção entre os dois, Ensino Religioso e Catequese, levou muito tempo para ser apreendida devido à identificação no nascedouro.

Os pioneiros em inserir a catequese na educação escolar, principalmente os jesuítas e franciscanos, tiveram o seu tempo áureo. Podemos dizer que isto aconteceu com os jesuítas antes da expulsão dos missionários do Brasil pelo Marquês de Pombal. O Marquês considerava-os inaptos à educação democrática e pluralista vislum-



brada na filosofia moderna.<sup>1</sup>

Os franciscanos, entretanto, tiveram seu tempo áureo durante a expulsão, quando conseguiram uma licença régia para abrir seus conventos (Rio de Janeiro e Bahia), onde começaram a receber os leigos que rejeitavam as aulas régias.<sup>2</sup> Mais tarde, os planos do Marquês fracassaram porque, entre outros motivos, faltava a figura principal: o professor. Diante do fato, a família patriarcal só teve uma alternativa: convocar os padres-mestres.<sup>3</sup> Estes padres tiveram cargos e funções no Brasil.<sup>4</sup>

A volta dos jesuítas não trouxe o mesmo efeito anterior: o domínio de toda a educação. Mas, continuaram com o mesmo ideal de formação do homem integral, através da orientação específica dos professores, dos estudos das letras latinas e gregas, do teatro e da competição considerada sadia.

Os franciscanos chegaram a transformar seu convento do Rio de Janeiro numa verdadeira universidade. Mas, tanto a Companhia de Jesus como a Ordem Franciscana tinham sempre o objetivo de evangelizar. O convento era um centro de formação de missionários.

Aos poucos as congregações com carisma para a educação foram ensinando religião através da educação católica, hegemônica naquele momento histórico. Entretanto, as congregações femininas aconteceram algum tempo depois. O divisor de águas no ensino religioso vai se dar na República, precisamente na separação entre a Igreja e o Estado. Esta divisão traz para a educação os termos confessional e pública, criando também duas formas diferentes de manter o Ensino Religioso na escola.

A escola confessional católica continuou a evangelizar de acordo com o carisma do seu patrono. A escola pública estatal passou a depender do relacionamento Igreja/Estado, das filosofias, metodologias, e ideologias educacionais de acordo com o momento nacional; por vezes, as questões se tornaram localizadas.

Com o movimento que nasceu em 1930 e culminou com o famoso Manifesto dos Professores em 1942, inspirado no Iluminismo e projetado numa idéia de democracia, propõe-se um plano para a escola pública estatal no Brasil. Ao mesmo tempo surge uma laicidade exacerbada e com ela vários conflitos para o Ensino Religioso. A inclusão da disciplina, entre as outras, torna-se fator de diversas polêmicas como: a confessionalidade, a metodologia, o programa e a si-

tuação do professor de Ensino Religioso com os mesmos direitos dos que ministram outras disciplinas.

Neste momento a lei vigente do Ensino Religioso no Brasil proíbe, entre outras cláusulas, o proselitismo. Parece-nos que foi uma tentativa de atender a pluralidade, resguardando a identidade de cada religião. Os Estados, com o direito que lhes é dado, têm elaborado projetos de leis diferentes, de acordo com a reeleitura local da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

*Os pioneiros em inserir a catequese na educação escolar foram principalmente os jesuítas e os franciscanos.*

## O ENSINO RELIGIOSO NA CULTURA MODERNA.

A cultura moderna transformou o mundo num grande shopping, onde há também consumo de religiões. A heterogeneidade das opções, das idéias, inclusive religiosas, conseqüência de um individualismo, causa à direção da escola uma certa perplexidade. Isto acontece tanto na escola pública como na católica.

A reação diante de como estabelecer o Ensino Religioso, em geral, recai num conteúdo vazio, no máximo no que rotulam como ética. Questionamos neste ponto se os valores podem ser ensinados. Acreditamos que a assimilação e a vivência desses valores dependem muito da vinculação e da veiculação feita pela escola. Além disto Ensino Religioso é uma disciplina como qualquer outra e pode levar a uma ética que considerada como um tema transversal deve perpassar todo o currículo.

A propósito do referido retomamos as palavras da Congregação para a Educação Católica sobre as características da "escola católica como um lugar de educação integral da pessoa humana, através de um projeto

(1) Cf. Willeke, Frei Venâncio O.F.M., *Missões Franciscanas no Brasil*, 86, 118, 127, 144, 153, 158.

(2) Cf. Rower, Basílio, *O Convento de Santo Antônio*, 47 ss.

(3) Cf. Freire, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*, 336 ss.

(4) Cf. Moura, Pe. Laércio dias SJ. *A Educação Católica no Brasil*, 66 ss.



educativo, tem seus fundamentos em Cristo; sua identidade eclesial e cultural; sua missão de caridade educativa; seu serviço social, seu estilo educativo, que deve caracterizar a toda sua comunidade educativa."

Na escola pública estatal estas características e desejo de promovê-las devem estar no coração do professor e da professora de Ensino Religioso. Mesmo que a lei e o procedimento tanto das Secretarias, como das direções escolares não colaborem para isto, o professor e a professora católicos não podem perder de vista a educação integral para a formação da pessoa humana, tendo como modelo Cristo. Ou seja, deve manter sua identidade, atendendo à pluralidade.

### O ENSINO RELIGIOSO ABRINDO CAMINHOS.

A partir do Congresso da Organização Internacional da Escolas Católicas o mundo católico, a América Latina e Caribe e, especificamente, o Brasil continuou abrindo seus caminhos para o Ensino Religioso.

O Congresso teve como temas:

a - A avaliação da entidade (OIEC). b - Cidadania e Ecologia. c - Promoção e Justiça. d - Atenção aos pobres, marginalizados e excluídos. e - Educação intercultural. f - Evangelização e Pastoral. g - Novas tecnologias de informação e escola. Os propósitos estão na opção por uma educação de qualidade e equidade nas dimensões da éti-

ca, solidariedade, cidadania e evangelização; favorecendo a inculturação da fé.

O passo seguinte aconteceu em Santa Fé de Bogotá. Houve uma reunião dos Bispos Presidentes e Secretários Executivos das Comissões Episcopais de Educação e Presidentes de Confederações Nacionais de Educação Católica. Esta reunião foi promovida pelo Departamento de Educação do Conselho Episcopal Latino-americano (DEC-CELAM), pela Confederação Latino-americana dos Religiosos (CLAR) e pela Confederação Interamericana de Educação Católica (CIEC).

O encontro teve como objetivo a situação da Escola Católica diante dos novos desafios e definições orientadas para o futuro. Os prin-

*"O desafio da escola católica é o desenvolvimento de um Ensino Religioso que atenda à pluralidade cultural religiosa do povo brasileiro."*





cipais aspectos evidenciados pela delegação brasileira foram: a identidade da escola católica; sua dimensão pública; sua posição na Pastoral Educativa e na Pastoral de Conjunto; a missão partilhada por leigos, religiosos, sacerdotes; lugar privilegiado de Evangelização; espaço próprio para o protagonismo do leigo.

A Educação Religiosa Escolar na América Latina e Caribe teve sua reflexão no mesmo encontro, a partir de um texto pré-elaborado em três marcos: situacional, doutrinal e operativo. Neste item a delegação brasileira destacou a questão da nomenclatura da disciplina, que ficou definida como "Educação Religiosa Escolar", exceto para o Brasil que manteve e mantém a denominação de Ensino Religioso.

Algumas constatações destacaram o avanço do Brasil no que se refere ao Ensino Religioso. A primeira constatação foi sobre Ensino Religioso e Catequese. Distinção esta feita no documento de 1988 sobre a "Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica" (66-97) e no "Diretório Geral para a Catequese" em 1997 (73-74). As expressões usadas nos dois documentos foram de distinção e complementaridade.

A Segunda constatação foi sobre a importância e a urgência da formação de professores de Ensino Religioso. O Brasil tem percebido a questão através de encontros nacionais, regionais e locais. O empenho tem sido a regularização de cursos diante do Ministério de Educação e Cultura (MEC). Os projetos devem atender as necessidades da cultura moderna pluralista e globalizada. Alguns estados mantêm cursos há muitos anos.

Uma terceira constatação é o avanço do Brasil no que se refere à reflexão, compreensão e prática do Ensino Religioso na Escola Pública. Existem na CNBB dois grupos de reflexão: sobre Educação em geral e Ensino Religioso. Há um documentário considerável sobre o ensino Religioso nos diversos regionais e sobre o empenho em manter esta disciplina, através de leis, no currículo da Escola Pública. Cada regional tem um Bispo representante e um Coordenador Estatal.

O Ensino Religioso da Escola Pública Estatal no Brasil começou a ser implantado em todos os Estados entre os anos 1970 a 1973. O Estado da Guanabara, atual Estado do Rio de Janeiro foi precursor desse processo em 1966. Neste Estado a lei estatal permitia uma equipe interreligiosa composta por católicos, evangélicos e judaicos; sediada na Secretaria de Educação. Mais, tarde em quase todos os

João Ripper

Estados existia uma equipe ecumênica, ou seja, composta por católicos e evangélicos. O sul do País implantou desde o início o ensino Religioso com cursos, programas, apostilas, reuniões, sempre ecumênicos.<sup>5</sup>

Hoje, diante da nova lei mencionada, que contempla a pluralidade religiosa e proíbe o proselitismo, impõe-se a abertura de novos caminhos. Seja qual for a decisão assumida em cada Igreja local e respectivo Estado, em termos legais, o diálogo interreligioso e o ecumenismo devem ser preservados. Disto depende a paz interna da escola e a formação de homens e mulheres em busca de uma paz transformadora.

Assim, o Estado do Rio de Janeiro, que estabeleceu o Ensino Religioso confessional, tem um longo caminho para estruturar esta modalidade em cada Município, em cada escola. Mas, continua em diálogo com as igrejas cristãs e o Rabinado. Outros Estados, que pretendem formar um entidade civil com as diversas religiões, começarão o diálogo a partir das respectivas autoridades religiosas. Nas duas modalidades: a formação sólida do professor e das professoras é emergencial. Não há diálogo sem alteridade e, ao mesmo tempo, sem uma identidade religiosa bem definida. ■

(5) Cf. Arquivo CNBB/ Setor Ensino Religioso.





# *Protestantismo e espiritualidade*

Edson Fernando de Almeida  
Pastor da Igreja Cristã de Ipanema  
Doutorando em Teologia pela PUC-RJ

Partindo de la dificuldade de abarcar la heterogeneidad de la espiritualidade protestante en tan pocas páginas, el autor nos invita a entender algunas de sus características fundamentales, a entender sus dos polos: el ideológico y el utópico, y a conocer la experiencia que está desarrollando en la ciudad de Rio de Janeiro-Brasil.

**O** que define a espiritualidade protestante? O que singulariza essa forma de espiritualidade quando comparada a outras tradições religiosas? O que é viver de maneira protestante a experiência de Deus?

Proponho, neste trabalho, responder essas questões a partir de duas direções: De um lado, pelo destaque de algumas das características fundamentais do protestantismo; de outro, a partir de uma experiência comunitária que desde 1992 temos tido, convivendo com uma comunidade de tradição reformada, de origem presbiteriana, localizada na cidade do Rio de Janeiro: a Igreja Cristã de Ipanema.



## I. A ESPIRITUALIDADE PROTESTANTE

Na introdução do livro *Protestantismo e Repressão* - um clássico para a compreensão do protestantismo brasileiro - Rubem Alves aponta para a pluralidade de significações a que o termo Protestantismo conduz. Portanto é o caso de aqui nos perguntarmos: Sobre que Protestantismo estamos nos referindo ao tentarmos definir sua espiritualidade? Se o tomássemos em sua dinâmica denominacional teríamos que nos perguntar sobre as diversas espiritualidades que enseja, quais sejam, as espiritualidades Luterana, Calvinista, Anglicana, Congregacionalista, Anabatista, Batista, Pentecostal, neo-Pentecostal. É tarefa muito grande para os limites deste trabalho.

Fiquemos com a intuição de Paul Tillich para uma definição menos imprecisa do que estamos chamando de protestantismo. Para este teólogo o que caracteriza e singulariza o Protestantismo, sobretudo em sua origem, é o *espírito protestante*. Trata-se, segundo Tillich, "do julgamento profético contra o orgulho religioso, a auto-suficiência secular e suas conseqüências destrutivas". Em outras palavras, trata-se do julgamento divino e ao mesmo tempo humano sobre toda forma de totalitarismo, sobre qualquer tentativa de absolutização de uma realidade que desde sempre é relativa. A erupção do *espírito protestante*, esse "guardião contras as tentativas daquilo que é finito e condicionado, de usurpar o lugar do incondicional no pensar e no agir", é, para Paul Tillich, o momento fundante da identidade protestante.

Derivam deste momento fundante as diversas características que, não obstante a pluralidade de protestantismos, são como fios a perpassá-los. Destacamos aqui quatro dessas características para em seguida pensarmos em que sentido essas marcas definem uma determinada espiritualidade.

### A ESPIRITUALIDADE DO PROTESTANTISMO UTÓPICO

A primeira característica: o protesto contra o sacerdócio de um só e a proposição de um ministério plural. Todos os fiéis são sacerdotes. Mais que sacerdotes individualmente, a comunidade como um todo é sacerdote que vai a Deus. Ou seja, a função sacerdotal compete à comunidade, sem distinção entre cleros e leigos. Um novo ordenamento daí

*Se defende a proposição de um ministério plural, onde todos os fiéis são sacerdotes.*

deriva: nenhuma hierarquia é possível no que se refere aos dons e ministérios concedidos por Deus à Igreja. Ao povo não compete apenas o direito ao governo da Igreja, mas também o direito de eleger e nomear os ministros que a comunidade considera chamados por Deus para o exercício desse ofício.

A segunda característica diz respeito a ênfase no valor e prioridade das Escrituras na relação do fiel com Deus. *Sola Scriptura*. O Velho e Novo Testamentos são o cânon fundamental que constituem norma para se avaliar e julgar todo o desenvolvimento da ortodoxia cristã. Os fiéis não apenas podem ler o texto bíblico, mas também interpretá-lo. Como veremos adiante, a centralidade das Escrituras acabam por definir uma espiritualidade bastante marcada pelo elemento racional. O púlpito ocupa o centro da liturgia protestante, assim como a consciência racional do fiel tornou-se o centro da experiência de Deus.

A terceira característica tem a ver com a ênfase na salvação pela graça por meio da fé. O protesto aqui se apresenta de maneira ainda mais radical. As obras humanas não têm nenhum valor meritório e salvífico para a relação do fiel com Deus. A salvação fundamenta-se na ação livre, soberana e amorosa de Deus, na ação da graça, não dependendo de quaisquer avaliações empíricas do grau de santificação alcançada na vida.

Deus é absolutamente graça, liberdade. Ao homem é absolutamente impossível dominá-lo, seja por sacrifícios, seja pelo viver correto. Eis o cerne da tradição protestante: o fiel é justificado pela graça, por meio da fé.

Por fim, a quarta característica evidencia o espírito do protesto pela radicalização da condição provisória da Igreja. *Igreja reformada sempre reformando*. Uma Igreja aberta para o hoje, uma Igreja que se deixa atravessar pelos clamores do seu tempo. Disposta a correr os riscos de sair dos castelos ideológicos para os quais o orgulho religi-



oso e as pretensões totalitárias a convidam, e pôr-se a serviço. Ser para o outro. Isso implicará uma volta constante ao seu momento fundante, ao seu fundamento. Ao endurecimento, ao enrijecimento em uma determinada manifestação histórico-ideológica, em outras palavras, à tentação fundamentalista, ouvir-se á o grito protestante: *Igreja reformada sempre reformando*.

Estas e outras características apontam para a dinâmica carismática, revolucionária, libertária, contidas no originário grito protestante. A questão é se o protestantismo historicamente preservou essa intuição primeira.

## *As características da espiritualidade protestante contemporânea tem a ver com a oposição espírito-matéria.*

É importante colocarmos essa questão já que de alguma maneira a resposta que historicamente se deu a ela, acabou por definir os rumos da espiritualidade desta tradição.

Entre esses dois pólos – o ideológico e o utópico – tem oscilado o pêndulo do protestantismo. O utópico como retorno ao caráter profético, presente na recusa de ajustar-se ao *status quo*, na negação em obedecer qualquer ordem estabelecida, no manter-se vigilante contra todos os ídolos seculares ou sagrados. De outro lado a ideologização da realidade, a adaptação ao *status quo*, a ideologia religiosa como justificação da dominação, da negação do humano. Para Paul Tillich a história do Protestantismo histórico é a história da traição ao *espírito protestante*. A forte afirmação de Tillich parece fazer sentido

quando nos aproximamos da história contemporânea da espiritualidade protestante, fortemente ideologizada.

### **A ESPIRITUALIDADE DO PROTESTANTISMO IDEOLOGIZADO**

A primeira marca da espiritualidade protestante contemporânea tem a ver com o que podemos chamar de ênfase *espiritualóide*. Trata-se de uma espiritualidade que se evidencia na insistência dos fiéis em reduzirem a experiência do real a causalidades espirituais. O protestantismo dessacralizou o mundo e sacralizou a consciência do fiel; esvaziou o caráter misterioso da realidade, transferindo-a para a consciência do indivíduo. O mal e o bem parecem ser estados dessa consciência sacralizada ou demonizada. Como resultado desta espiritualidade, há quase que uma







impossibilidade de se perceber a irrupção tanto do sagrado quanto do diabólico nos sistemas e lógicas que estruturam o real.

Fortemente relacionada com a primeira, destaca-se como segunda característica da espiritualidade protestante ideologizada a forte oposição entre espírito e matéria. O corpo é um grande empecilho nesta espiritualidade protestante. Podemos nos perguntar se o primado da Palavra, do racional, em detrimento do afetivo/sensori-

*Se propõe uma  
espiritualidade  
comunitária e  
pessoal, ecumênica,  
mística e prática,  
uma espiritualidade  
da graça....*

al como meio para a experiência do Sagrado, não está na base desse forte dualismo. As espiritualidades protestantes de corte mais pentecostal, não obstante a visão marcadamente espiritualóide, redescobrem o valor do corpo sobretudo na liturgia. Parece-nos que esse fenômeno se explica muito mais pelos traços étnicos e culturais dessas comunidades – pela rebelde e resistente alegria de corpos cujos requebros a opressão colonizadora não conseguiu apagar – do que por qualquer elemento da tradição protestante propriamente dita.

O terceiro elemento da espiritualidade protestante tem a ver com o forte individualismo que a caracteriza. As práticas bíblicas e tradicionais da Igreja, tais como a oração, o jejum, a leitura bíblica, são sempre vividas como práticas espirituais do indivíduo. O importante é a salvação pessoal, o encontro individual com a divindade. Uma espécie de salvação pela responsabilidade individual. A perspectiva soli-





Somos seres em relações. Somos formados, deformados e transformados no conjunto de nossas relações com tantos outros que jazem fora, dentro e adiante de nós. A oração e o estudo da Bíblia, que no imaginário protestante sempre se prestaram às práticas individuais, podem ser vividas na dinâmica de nossas relações comunitárias.

Uma espiritualidade na *materialidade* – Fascina-nos e desafia-nos acolher a vida em sua materialidade mais profunda. Nossos corpos não são meios, são fins. Estão desde sempre acolhidos pelo grande corpo divino. A espiritualidade protestante há que, como Deus, encarnar-se. Assumir a matéria não como inimiga, mas como parceira, redescobrimo sua sacralidade. Reencarnar-se - em linguagem teológica reconciliar-se - com o grande corpo do universo, de cuja substância também nossos pequenos corpos são feitos, para a be-

leza, para o prazer, para a criatividade. Corpos marcados pela transitoriedade, pela finitude e eternidade da dor e do amor. É de se perguntar se a tendência ideologizada do espírito protestante de alimentar o caráter extra-mundano da experiência de Deus, com uma conseqüente tendência ao esquecimento da vida, não transformou sua espiritualidade em mais um daqueles ideais que negam a vida, ao invés de afirmá-la. O espírito protestante haverá de deixar-se abraçar pelo mistério da encarnação.

Uma espiritualidade ecumênica – Por ecumênica aqui imaginamos e buscamos uma espiritualidade que acolha o desafio de deixar-se atravessar pela pluralidade, pela diferença, pelas singularidades de pessoas e grupos, de gêneros, de religiões. O Espírito é *ruah*, a dimensão feminina que se manifesta como, quando e onde quer. Valorizar essa dimensão, reconhecer-se nela, é abrir-se ao espírito ecumênico. Celebrar nossa diversidade e acolher toda a conflitividade derivante desse acolhimento, eis o desafio de uma espiritualidade

## II. UTOPIA PROTESTANTE E UMA EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA RADICAL.

Uma espiritualidade *comunitária e pessoal* – Ante o individualismo tão característico destes tempos, buscamos uma espiritualidade comunitária e pessoal. Ressaltamos assim o valor da subjetividade sobretudo na sua dimensão inominável, incognoscível, na riqueza de sua singularidade, ao mesmo tempo na profundidade de seu caráter relacional.

Uma espiritualidade ecumênica – Por ecumênica aqui imaginamos e buscamos uma espiritualidade que acolha o desafio de deixar-se atravessar pela pluralidade, pela diferença, pelas singularidades de pessoas e grupos, de gêneros, de religiões. O Espírito é *ruah*, a dimensão feminina que se manifesta como, quando e onde quer. Valorizar essa dimensão, reconhecer-se nela, é abrir-se ao espírito ecumênico. Celebrar nossa diversidade e acolher toda a conflitividade derivante desse acolhimento, eis o desafio de uma espiritualidade



*Nossos corpos não  
são meios, são fins.  
Estão desde sempre  
acolhidos pelo  
grande corpo divino.  
A espiritualidade  
protestante há que,  
como Deus,  
encarnar-se.*

verdadeiramente ecumênica. Esse ecumenismo acontece na própria casa, no próprio convívio dos fiéis. Ali, onde todos se chamam pelo mesmo nome de irmão e irmã, também há um convite silencioso e forte à ecumenicidade.

Uma espiritualidade da graça - A luta com o mundo, a inimizade com os sentidos, a atrofia da autonomia humana, fruto da imposição de imperativos morais, religiosos e éticos sempre inatingíveis; o medo do encontro com o 'olho sem pálpebras' a vigiar os mínimos passos do crente - derivante de uma certa leitura do sacerdócio universal que coloca o fiel culpado sob o ameaçador olhar divino, só podem trazer como resultado uma espiritualidade da desgraça. Sentimo-nos desafiados e buscamos uma espiritualidade da graça, da alegria, do bom-humor. Cativa-nos a gratuidade divina. A vida divina se apresenta como um fruto a ser degustado, não como um peso a ser carregado. Mesmo a fé justificadora é dádiva da gratuidade divina, é graça.

ALVES, Rubem, *Protestantismo e Repressão*. São Paulo, Ática, 1979.

BOFF, Leonardo, *Igreja Carisma e Poder*, Petrópolis, Vozes, 1981.

CASTILLO, José Maria, *La alternativa cristiana*. Hacia una Iglesia Del pueblo.

Salamanca, Sigueme, 1981.

LEITH, John H, *A tradição Reformada*, uma maneira de ser a comunidade cristã. São Paulo

Pendão Real, 1997.

TILLICH, Paul, *A era protestante*. São Paulo. Traço a Traço Editorial, 1992.

Uma espiritualidade *mística e prática* - A experiência de Deus não pode ser presa da racionalidade humana, seja ela moral, política, religiosa, ou o que for. Deus, ou qualquer nome que ao Grande Outro, a Grande Outra se possa dar, é sempre mais. Nenhuma experiência, nenhum nome, nenhuma racionalidade pode esgotar o mistério divino. A experiência de Deus é sempre experiência de encontro com o insondável, com o que faz tremer. Essa mística nos tem convidado ao esvaziamento humilde, a experiência de nos sentirmos habitados pela graça em quaisquer contextos, sejam eles cultivos, domésticos ou profissionais. Essa espiritualidade mística é indissociável de uma experiência prática. Sentir-se habitado pelo Outro é sentir-se convidado aos muitos outros que nos rodeiam, sobretudo os mais pobres, aqueles para os quais a esperança sequer é uma promessa. ■

## ***Igreja Cristã de Ipanema***

*A Igreja Cristã de Ipanema nasceu no ano de 1963, acolhendo em seu recém adquirido templo um grupo de favelados desabrigados por uma forte enchente que destruiu grande parte dos barracos da favela do morro Cantagalo, no Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano gerou um filho muito especial: o Centro de Recuperação Infantil, para salvar crianças da morte pela desnutrição. Atravessou os anos de chumbo da ditadura militar brasileira, sendo refúgio para muitos perseguidos pelo regime de força imposto pelo golpe militar de abril de 1964. Seu primeiro pastor, perseguido pelo aparelho repressivo, teve que exilar-se nos Estados Unidos. Em 1978 a comunidade desligou-se da Igreja Presbiteriana do Brasil, por defender a liberdade de seu Pastor expressar-se livremente, ainda que contra os interesses daquela denominação. Elegeu a primeira mulher presbítera de uma Igreja de tradição presbiteriana no Brasil. Elegeu essa mesma mulher, aos 77 anos, Pastora da Igreja. Atravessa todos esses acontecimentos um grito humano que exemplifica bem a busca por essa espiritualidade mística e prática: "Queremos louvar a Deus em serviço, queremos servi-lo em louvor."*





# *La fuerza espiritual de los indios*

P. Eleazar López Hernández  
Centro Nacional de Ayuda a Misiones  
Indígenas, CENAMI, 2000  
México

Apesar das injustiças que há mais de quinhentos anos os povos indígenas vem sofrendo, apesar de que repetidas vezes foram silenciadas suas vozes e desmontadas suas construções, sua espiritualidade não deixa de se fazer presente no continente e, aos poucos, vai abrindo espaço na Igreja, apresentando-se como aliada na causa da vida e de Deus. A seguir, uma mensagem de fé, amor e esperança.

## **¿PODEMOS LOS INDIOS ESPERAR ALGO DEL FUTURO?**

En los tiempos actuales de noche, de frío invernal, cuando todos (gobiernos, sociedades, partidos, y hasta iglesias) parecen haber conspirado, en los quinientos años, para borrarlos del mapa; cuando avanza inexorable el poder de la muerte sobre nuestra Madre Tierra, sobre nuestras culturas ancestrales, sobre nuestra fe milenaria; cuando a la palabra y a los aportes indios la sociedad dominante pone oídos sordos o prejuicios inveterados; cuando la reducción de los espacios para la vida nos lleva a la angustia existencial del etnocidio y del genocidio, ¿qué espacio queda para la esperanza india en el pró-



ximo milenio? ¿En base a qué elementos podemos seguir soñando?

## HAY MUCHAS RAZONES PARA DESESPERAR

En la segunda mitad del milenio transcurrido no hemos recibido más que afrentas, sojuzgamiento, despojo, opresión, negación de nuestros derechos, olvido de nuestra existencia, abandono de nuestra causa. ¿Podemos esperar otra cosa en el futuro, cuando hasta Dios parece habernos olvidado?

Ante esta "situación que continúa siendo alarmante, no muchas veces mejor, y a veces aún peor" (Juan Pablo II, Cuilapan, 1979) los indios sentimos turbado el rostro y acongojado el corazón, igual que los Apóstoles cuando el mar embravecido de Galilea azotaba por todos lados la embarcación y amenazaba con hundirla, mientras Jesús se hallaba aparentemente dormido en la proa (cf. Mc. 4,35-38). Más aún, en medio del huracán de los tiempos modernos nos resulta difícil creer y sostener en esa fe a los hermanos de que *el Señor está con nosotros*. A menudo la sensación que nos invade es que *Dios nos ha desamparado* (cf. Sal 22 y 35). Y, por eso, apesadumbrados acudimos en la oración a El para decirle: *Dios mío, Dios mío, ¿por qué me has abandonado?* (cf. Mt. 27,46) o para reprocharle: *Señor, ¿no te importa que nos hundamos?* (cf. Mc. 4,38).

El Papa, reflexionando sobre el texto de Isaías 49,14: *'Me ha abandonado el Señor, mi Dueño me ha olvidado'*, nos recordó hace diez años, precisamente ahí donde ahora se dan los hechos más violentos de México, que: *"en algunas ocasiones es tanta la injusticia, el dolor y el sufrimiento..., que se explica la tentación de repetir esas palabras de Isaías, (que) son como un lamento continuo que recorre la historia de cada hombre y de toda la humanidad"* (Juan Pablo II, Tuxtla Gutiérrez, Chis. mayo de 1990)

Los pueblos indígenas de México y de todo el continente nos sentimos hoy como aquel paralítico que llevaba años y años a la orilla de la piscina de Betesda (cf. Jn. 5), en espera no sólo de que las aguas de la historia sean sacudidas por el Ángel del Señor, sino que haya alguien que nos ayude a meternos en ella para ser curados. Hay incluso hermanos indígenas que, como Lázaro en su tumba, llevan siglos esperando que alguien se dé cuenta de que *no están muertos sino dormidos* y les ayuden a quitarse las piedras que los sepultan y las ataduras de pies y manos que les impiden salir al descubierto libres y plenos de vida (cf. Jn 11).

*¿Qué podemos esperar del futuro los pueblos indígenas, si hasta Dios parece habernos olvidado?*

Sin embargo, aunque el proyecto neoliberal se impone sin piedad y la violencia se desata contra los pobres, los pueblos indígenas somos como la zarza del Exodo (cf. Ex.3) que está siendo quemada a propósito mediante modernos tizones de intolerancia, xenofobia, racismo, abandono, indiferencia; pero no se consume. Y este prodigio sólo es explicable por la fuerza espiritual que nuestros pueblos conservan desde antiguo. Poder espiritual que muchos no indígenas desconocen o menosprecian cuando podría ser el aporte indio para tramontar las crisis de nuestro tiempo y construir posibilidades de vida hacia el futuro.

## LOS INDIOS SOMOS PUEBLOS DE FE Y ESPERANZA

Dice el libro sagrado de los Mayas: *"Y llegando a un cerro, ahí se juntaron todos los quichés con los pueblos y ahí se juntaron a consejo todos... Ahí se juntaron a aguardar que amaneciese... Y por eso estaban con gran pena y padecían gran dolor, porque no tenían comida ni sustento... Eran ayunadores en la obscuridad y la noche y tenían gran tristeza cuando estaban sobre el monte... Y estaban en vela sin dormir y era grande su llanto porque amaneciese y aclarase... Y decían: ¡Ay de nosotros amargamente hemos venido! ¡Ay que habiendo venido a ver el amanecer, no amanece!... Hemos sido desamparados... Y (entonces) fue el esclarecer y manifestarse el Sol, la luna y las estrellas... cuando se vio el lucero, que salió primero ante el Sol. Y entonces desataron los tres dones que habían pensado en su corazón. Y de dulzura lloraban, y cuando bailaron quemaron su copal, el amado y precioso incienso... Y allí les amaneció a los pueblos... Y cuando salió el Sol se alegraron (también) todos los animales chicos y grandes... Y luego todos cantaron y gritaron... Y estaban de rodillas los Señores y sus vasallos, los de Tamub e Ilocab, con los de Rabinal y Cacchiqueles, los de Tziquinahá y Tuhalhá, Uchabahá, Quibahá, Ahbatená y los de Yaqui Tepeu y cuantos pueblos había y hay ahora que no son*



contables. Y juntamente a todos les amaneció." (Pop Wuj 642-671)

Cuando en el pasado sobrevinieron varias veces la oscuridad y la *noche*, como resultado de crisis globales o parciales de nuestros pueblos, los pobres buscaron la seguridad de un pequeño *cerro* y ahí, en *ayuno y oración*, esperaron apesadumbrados el advenimiento del *Sol* que debía calentar la vida del mundo nuevo. Y la señal que les llenó de gozo era la *estrella de la mañana*, que precede al amanecer.

Hoy, en circunstancias similares a las del pasado, los hijos de los pueblos originarios de este continente, nos reunimos también en oración, al amparo de los cerros o *Apus* de Abyayala para compartir nuestros *gozos y esperanzas, nuestras tristezas y angustias*, ante realidades nuevas y estrujantes que nos vienen del mundo actual. Juntos hacemos una experiencia de fe, y testimoniamos que el Dios de nuestros padres, que es el mismo que el Dios de Nuestro Señor Jesucristo, no nos ha abandonado, y que, a pesar de plagas y sequías incontables, en los sembradíos de los tiempos modernos está germinando la semilla indígena de la vida que sembraron en nosotros los antepasados.

Nuestras iglesias, aún en medio de contradicciones, van abriendo espacio a la presencia indígena en ellas. "Se les apareció Juan Diego" en los últimos años, el indio está resucitando de la tumba de siglos a que lo han metido y entra en contacto con la Iglesia. Los rostros milenarios de Dios, que celosamente guardan nuestros pueblos y que antes eran ignorados y hasta condenados, están ahora apareciendo, ante la mirada de fieles y pastores de la Iglesia, como admirables rosas, que fueron cultivadas en el *invierno frío* impuesto sobre nuestros pueblos. Estas flores son las que queremos entregar como ofrenda de solidaridad para todos los que quieren recibirlas.

Podemos decir que la voz indígena de nuestros días es como la *moneda perdida* y olvidada de la parábola de Jesús, que volvemos a encontrar, después de barrer cuidadosamente nuestra casa, para volver a ponerla en orden, ya no desde la perspectiva de quienes buscan dominarnos, sino desde nosotros mismos. Esa moneda perdida y encontrada puede ser acogida por los demás con la alegría de quien halla un tesoro muy valioso (Cf. Lc. 15, 8-10), si unos y otros nos abrimos al don de Dios y de los hermanos.

A quienes dudan de que de Nazaret, es decir, de los pobres pude venir algo bueno, nosotros los indígenas, con los hechos, podemos responderles: Hermano, hermana, ciertamente no tenemos oro ni plata, pero lo que tenemos

eso compartimos contigo: nuestra fe inquebrantable en el Dios de la Vida, ven y bebe de nuestros cántaros ancestrales.

## NUEVO PAPEL DE LAS IGLESIAS

A los hermanos de las iglesias que nos han visto como presas a conquistar o como enemigos a vencer, les reiteramos que somos aliados de la misma causa: la causa de Dios, la causa de la vida, la causa del bien. Unamos todas nuestras fuerzas para que triunfe la vida frente a los proyectos de muerte que los poderosos tratan de imponer al mundo entero. Para la Iglesia y para la sociedad debemos de sostener lo que un hermano de Paraguay dijo recientemente: *Los indios no somos el problema, somos más bien la solución*. Dicho esto con la humildad y la responsabilidad que el caso amerita.

En el III Encuentro latinoamericano de Teología india, en 1997, afirmamos lo siguiente: "Creemos que Dios, quien es Nana/Mama y Tata, es el fundamento de la armonía entre mujeres y hombres, y de ellas y ellos con la naturaleza. ¿Por qué, entonces, nos preguntamos, se priva a las mujeres de los derechos que tienen los hombres en nuestros pueblos y en nuestras iglesias? ¿Por qué hemos roto la armonía con la naturaleza?"

Nuestra sabiduría indígena enseña que para recuperar la armonía debe darse un verdadero diálogo respetando la dignidad de los otros y sus diferencias, escuchando su mensaje y su palabra. La palabra más sabia la da quien está dando su vida por el pueblo, quien sabe de cargos y servicios porque ya los ha cumplido, quien sabe mandar porque ha obedecido, quien sabe de Dios porque habla con él en la vida.

Estamos convencidos que son los pueblos indígenas mismos, los jardineros privilegiados, llamados a abrir los parques de estas rosas perfumadas a hombres y mujeres de otros pueblos, para que su fragancia se esparza por doquier: es la fragancia de DIOS.

Somos las hijas y los hijos





*“A los hermanos de las iglesias que nos han visto como presas a conquistar o como enemigos a vencer, les reiteramos que somos aliados en la causa de Dios, de la vida, del bien.”*

de los pueblos indígenas quienes debemos decir y proclamar a los cuatro vientos la sabiduría que anida en nuestro corazón y en nuestra mente. De este modo evitaremos el peligro de que otras personas traicionen nuestra sabiduría.

*Delante del veneno del materialismo económico y tecnicista del modernismo que pretende destruir el jardín de flores, debemos reforzar la energía existencial de nuestras raíces y la fortaleza de nuestros tallos, con la autodeterminación y gestión de nuestros pueblos indígenas, con el reforzamiento de la organización, con la difusión de la sabiduría indígena, en la reconquista de los espacios perdidos en la Sociedad y con acciones eficaces que aseguren la participación decisiva de los pueblos indígenas en la realización y ejecución de leyes favorables a ellos mismos.*

*Queremos producir un cambio verdadero que construya una casa grande en donde vivamos todos los pueblos de la humanidad, de manera más digna, más humana, más divina.*

*Reconocemos que el único dueño del jardín es DIOS. Nosotras y nosotros somos sus cuidadores. Con esta convicción, conscientes que hay otros pueblos diferentes a nosotros, queremos ofrecer, a América Latina, sin pretensiones y arrogancias, por medio del diálogo, la Cosecha abundante de las flores hermosas de la solidaridad, la libertad*

Archivo Novamérica



verdadera, el respeto mutuo, el respeto a la naturaleza y la fe en DIOS.

Deberemos, para lograr esta cosecha, profundizar más y más en nuestras propias culturas, volver sin cesar a las fuentes de nuestra sabiduría y descubrir, en las vidas de nuestros pueblos, las manifestaciones de DIOS, Madre y Padre, revelado también en CRISTO JESÚS.

Finalmente, reafirmamos nuestra esperanza regada por la sangre de miles de indígenas mártires en que: Los árboles den fruto, los ríos no se sequen, reverdezcan los cerros. Que en un nuevo amanecer, juntos todos los pueblos, dancemos la danza de la vida en plenitud, comamos y bebamos saboreando juntos lo que Dios, Madre y Padre nos ofrece. ¡Jallalla, Jallalla!”

## EL KAIRÓS DE LOS TIEMPOS PRESENTES

Hoy nos encontramos en verdad en un *Kairós* de gracia, que podemos aprovechar para bien de toda la creación. Que el Espíritu nos ayude a vivir plenamente este tiempo propicio. Y los antepasados nos guíen por el camino correcto.

Esto lo creemos firmemente los indios de Abyayala. Por eso oramos a Dios como nuestras abuelas y abuelos lo hacían en el pasado: *“Ometéotl, nuestro Digno Padre Dios, Nuestra Digna Madre Diosa, tienes cuatrocientos nombres, eres principio y fin de todo, creador y conservador, acompañas toda nuestra vida, sufres y te alegras con nosotros, trabajas y te sacrificas, cuidas el mundo y conviertes para nuestro bien las fuerzas contrarias de la naturaleza. Dependemos de ti. Esto nos da seguridad. ¡Gracias!*

Te haces pobre, humilde, servidor, proveedor de nuestro sustento. Eres sabio, penetras lo más hondo del corazón de la mujer y del hombre, donde nadie puede entrar. Estás en la naturaleza con cara firme y vientre profundo en la Madre Tierra. Válete de diferentes medios para que vivamos la unidad contigo, en comunión con nosotros y en armonía con el mundo.

Estás presente aquí y ahora. Eres flor de la existencia y de la vida en plenitud. Eres Señor y Señora de la esperanza realizada, de la palabra cumplida y de la tierra florida. Permítenos ser colaboradores tuyos, trabajando juntos en la nueva creación.

*Eres comunitario. Consérvanos comunitarios. Dale sentido y plenitud a la vida nuestra, pues quieres el bien de todos. Cuídanos, reconcílianos, reconstrúyenos. Confía en nosotros para sostener la historia. Somos tu pueblo, tus servidores, suba nuestro copal por los tres escalones, desde nuestro Anáhuac hasta tu Cemanáhuac”. ¡Así sea!* ■



**SALAS ASTRAIN, Ricardo** *Lo Sagrado y lo Humano. Para una hermenéutica de los símbolos religiosos.* San Pablo, Santiago, 1996, 211 pp.

En esta obra, Ricardo Salas, filósofo e investigador chileno, nos presenta siete estudios de filosofía de la religión. Recogiendo el lenguaje popular de pobladores, cantores a lo divino, sabios mapuches y campesinos, el autor apuesta en un ejercicio de hermenéutica filosófica que permita desentrañar el significado epistemológico y ontológico encerrado en los significantes culturales de la tradición religiosa chilena. Su perspectiva reconoce en el lenguaje un elemento que constituye al hombre, otorgándole un sentido a su cotidianidad. De esta forma estos estudios no sólo dan cuenta externamente de elementos propios de la religiosidad popular, sino que apuntan a mostrar el carácter dinámico y vivo de estas manifestaciones.

Frente al desafío de una «cultura mediática» donde la imagen es articuladora del imaginario colectivo, el ejercicio hermenéutico de Salas presenta la continua interacción y recreación que vive el lenguaje en las culturas tradicionales, la relación entre la tradición oral y el narrador, que actualiza de un modo singular este universo simbólico, permite afirmar el carácter dinámico, creativo y el cambio permanente de la religiosidad del pueblo. Esto permite superar visiones que califican de alienantes y escleróticas a las manifestaciones de la fe popular.

Para este refuerzo se recurre al instrumental filosófico de autores como Ricoeur, Ladrrière, Gadamer, Cassirer y otros. Es interesante y provechoso descubrir a lo largo de estas páginas un método de acercamiento al lenguaje cotidiano y simbólico que aprovechando las categorías filosóficas no sólo muestran lo que estas expresiones han significado, sino que es lo que significan hoy, a qué universo nos transportan.

Los temas de esta obra evidencian la perspectiva «crítica del sentido», que en el caso de los estudios del Tue-tue (cabeza del brujo que vuela) y en la animita (creencia en el poder de un espacio donde alguien murió violentamente) permiten descubrir en el contexto social pistas esclarecedoras de las conductas de nuestros pueblos latinoamericanos. Asimismo nos entrega en varios capítulos las transformaciones religiosas que viven las comunidades mapuches, permitiendo captar su particular forma de asumir las contradicciones de la modernidad.

Esta perspectiva me parece de especial relevancia en una tarea evangelizadora y pastoral: ¿Cómo valorar el imaginario religioso popular desde «dentro» y a la vez permitirle seguir evolucionando en perspectivas más crecedoras y evangélicas? Sin duda, penetrar en

este tipo de estudio es abrir la puerta a múltiples cuestionamientos, a la comprensión y praxis pastoral de nuestra Iglesia.

En síntesis, una obra doblemente valiosa: tanto en su contenido formal, revelador de dinamismos y significaciones profundas de variados tópicos de la religiosidad popular, como en su contenido metodológico, que nos permite iniciarnos en el mundo de la filosofía de la religión y la hermenéutica simbólica.

Estudiosos de la cultura, educadores, pastores y profesionales que trabajan en el mundo socio-cultural de los diversos grupos de pobres encontrarán diversos elementos que ayudarán a comprender la acción dentro de contextos culturales específicos.

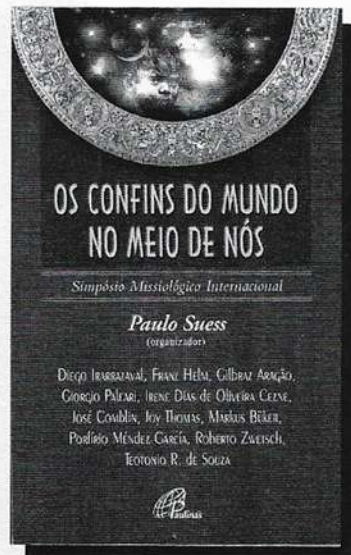
María Inés Wuth

**SUESS, Paulo (org.)** *Os confins do mundo no meio de nós - Simpósio Missiológico Internacional*, São Paulo: Paulinas, 2000, 254 p.

Os textos de “*Os confins do mundo no meio de nós*” são as contribuições apresentadas durante o Simpósio Missiológico Internacional, celebrado em São Paulo, em maio de 1999. A temática desse simpósio aponta para os desafios do mundo globalizado: a proximidade dos pobres e dos outros e, ao mesmo tempo, sua exclusão do convívio social. Organizado por Paulo Suess, assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e presidente da Associação Internacional de Missiologia (IAMS), o livro traz contribuições de José Comblin, Irene Cezne, Joy Thomas, entre outros.

Na América Latina, Missão significa memória de um passado colonial ainda próximo e projeto de libertação em curso. Memória e projeto configuram, nesta perspectiva, a caminhada missionária. E, segundo Paulo Suess, caminhar é a forma mais radical de partilha. Aberto às vozes vindas da Ásia, África, Europa e América do Norte, o movimento missionário na América Latina tem procurado compreender os desafios que emergem no atual contexto de uma nova ordem mundial, globalizada e excludente.

A partir de contextos diferentes, os autores apresentam a inspiração do transcendente presente na caminhada dos pobres deste mundo. Apontam para a força ética e espiritual dos apelos do Evangelho, que





desestabilizam as estruturas institucionais e mentais que não estão a serviço ao projeto do Reino. Crítica o engodo que as práticas espirituais descomprometidas com a mensagem central do cristianismo acabam por levar, tais como a alienação e a legitimação das desigualdades sociais.

Nesta perspectiva, Paulo Suess apresenta, na introdução, um projeto de Missão em torno de cinco eixos: *contemplação* do mundo tal como ele é, sem subterfúgios; *indignação* como uma forma de reagir a toda realidade que se distancia do projeto de vida pretendido por Deus; *visão* de um horizonte utópico que deve ser buscado a fim de se construir um mundo que favoreça a vida de todos e todas; *ruptura* com os obstáculos e entraves para a realização da justiça e do amor, tais como: alienação e exclusão; *articulação e organização* principalmente dos pobres e também dos movimentos e pessoas que se comprometem com as causas dos pobres, afim de se mudar o rumo da história.

Marcelo Gustavo Andrade de Souza  
Novamerica – Brasil.

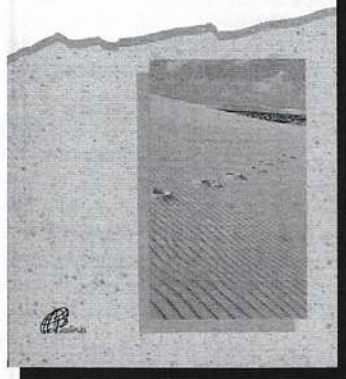
TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto **A espiritualidade do seguimento**, São Paulo: Paulinas, 1994, 69 p.

Ao contrário de algumas previsões, vivemos um momento histórico de crescente interesse pela espiritualidade. Segundo Faustino Teixeira, isso se deve principalmente devido a uma crise generalizada dos paradigmas da modernidade. Afirma que, a partir de um contexto de hegemonia da razão instrumental e como uma reação crítica a este contexto, têm emergido com força três fenômenos neste fim de milênio: a retomada da espiritualidade, o movimento ecológico e os novos movimentos de identidade. Estes movimentos apresentam uma crítica ética aos princípios da modernidade, tais como o individualismo e o anonimato.

Normalmente quando se fala em espiritualidade esta vem associada a uma idéia de experiência religiosa

## A ESPIRITUALIDADE DO SEGUIMENTO

Faustino Luiz Couto Teixeira



desligada do contexto social, ou seja, a espiritualidade como fuga da realidade, como desprezo pelas coisas do mundo e, conseqüentemente, do corpo. Crítica esta postura dualista que só entende a espiritualidade como realidade ultraterrena e que se afirma em oposição à vida. Recorrendo a Teilhard de Chardin, afirma que *“antigamente, parecia haver só duas as atitudes geometricamente possíveis ao homem: amar o Céu ou amar a Terra. Eis que, no novo espaço, uma terceira via se revela: ir ao Céu através da Terra. Existe uma comunhão (a verdadeira) com Deus pelo Mundo. E entregar-se a ela não é fazer o gesto impossível de servir a dois Senhores”* (p. 09).

Hoje na América Latina há uma singular preocupação em compreender a espiritualidade na sua integralidade, ou seja, numa dinâmica que implica, por um lado, a interiorização e a contemplação do mistério profundo da presença do sagrado em cada ser humano, e, por outro lado, uma dimensão exterior de solidariedade e reciprocidade em relação ao outro (o homem e a mulher, a sociedade e a natureza). Sendo assim, questiona as práticas espirituais de evasão, dualistas, que não atribuem valor à história, que se cerram no individualismo intimista de projeção ultramundana. Práticas, inclusive, que têm sido retomadas atualmente, como novas roupagens, em várias tradições religiosas.

O elemento de compromisso com o mundo e suas problemáticas é fundamental para a compreensão da espiritualidade na América Latina, mas isto não significa que a compreensão da mística se reduza a uma prática política ou a uma reflexão ética. Alerta que a espiritualidade não pode ser reduzida a uma função utilitarista que exclui a dimensão da gratuidade.

Para Faustino Teixeira, *“o que enriquece a dinâmica da espiritualidade libertadora na América Latina é a sua relação com o seguimento de Jesus. Falar de espiritualidade hoje na América Latina é falar da espiritualidade do seguimento de Jesus”* (p. 11). O seguimento constitui um tema central para a vida cristã e deve ser entendido não como uma atitude genérica, mas como realização histórica da forma de vida de Jesus, de implementação de seu “sonho” de uma história solidária e fraterna.

Defende o seguimento como proximidade. Os Evangelhos destacam a proximidade como traço essencial da espiritualidade do seguidor. Seguir alguém em seu significado mais profundo quer dizer “estar próximo”, “estar junto” de quem convoca para o caminho.

Desenvolve também, de forma sintética, os elementos que compõem a espiritualidade do seguimento, com atenção voltada para a realidade latino-americana e a experiência das comunidades eclesiais de base. Enfatiza também a importância da oração conjugada com uma efetiva ação política e também com a ecologia e o ecumenismo.

Marcelo Gustavo Andrade de Souza  
Novamerica – Brasil



## INSTRUÇÕES PARA OS COLABORADORES

A Revista NOVAMERICA/NUEVAMERICA publica artigos, objetivando colaborar com a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e democrática, promover o diálogo entre distintas culturas, propiciar elementos para uma reflexão crítica sobre a problemática latino-americana, bem como apoiar os movimentos sociais que reforcem a sociedade civil, promovam os direitos humanos e a afirmação das diferentes identidades presentes no continente.

Os trabalhos enviados serão apreciados e revistos pelos Conselhos Editorial e Técnico, que opinarão sobre a possibilidade de sua publicação. Qualquer modificação substancial indicada na revisão será submetida ao autor. Os autores cederão os seus direitos de reprodução dos artigos aceitos à Revista NOVAMERICA/NUEVAMERICA que, entretanto, autoriza a reprodução dos mesmos em outras publicações, com a citação da fonte original e o envio do(s) respectivo(s) exemplar(es).

Os artigos deverão ter no mínimo 2 laudas e no máximo 4 laudas (70 toques x 30 linhas, letra times new roman, corpo 12, espaço 1, 5 linhas, em formato A4). As citações de até três linhas deverão ser feitas no próprio texto entre aspas e em itálico. Já aquelas com mais de três linhas deverão ser feitas, usando parágrafo, em espaço simples, sem aspas e em itálico. As notas deverão ser numeradas na ordem em que surgem no texto e listadas no final do trabalho. Indicar fontes e/ou referência bibliográfica.

As colaborações deverão ser enviadas em disquete 3 1/2 (além do texto impresso), editados em Microsoft Word for Windows, versão 6.0 ou 7.0, salvo em Documento do Word ou RTF. Além disso, devem ser acompanhadas de um resumo de até 100 palavras e de uma folha de identificação contendo: título do artigo, nome do autor/a, nacionalidade, título acadêmico, função principal, endereço, telefone e/ou fax.

## SUSCRIPCION ANUAL

Brasil: R\$30,00

Otros Países Latinoamericanos

y África: U\$15,00

Europa, Asia y Estados Unidos: U\$30,00

Suscripción de ayuda: U\$50,00

Cada número: R\$8,00/U\$6,00

Las suscripciones podrán hacerse directamente a Nuevamerica (Brasil), con tarjeta de crédito: Visa, Diners Club International, Master-Card/Credicard, Maestro.

### PUEDA SUSCRIBIRSE O ADQUIRIRLA EN:

**Argentina:** Elena Picasso

Moreno 935 3560 - Reconquista - Santa Fe  
Tel: 03482-421794

E-mail: elenapicasso@ciudad.com.ar

**Bolivia:** Ruth Riskowsky

Calle Aureleo Meléan 0753, Calilla 2419

Cochabamba Tel/Fax: /2/223237

E-mail: rilov@comteco.entelnet.bo

**Brasil:** Giovanina Pedroza

Rua 19 de Fevereiro, 160, Botafogo

Rio de Janeiro - RJ - Cep:22.280-030

Tel/Fax: 021 295-8033/542-6244

E-mail: novamerica@ax.apc.org

**Chile:** María Paz Sanches y Antonia Altuna

Vergara 174, Santiago 3

Tel: /2/6966880 Fax: /2/6988844

E-mail: poveda@interaccess.cl

**Colombia:** Consuelo Vélez

Avda. Caracas 41-44 Apto.503

Santafé de Bogotá - Colombia Tel: /1/ 2327179

E-mail: ccaro@multiphone.net.co

**Europa, Ásia África y Estados Unidos:**

María Isabel Ruiz

Calle Antonio Arias nº 15, 3º C

28009 - Madrid Mobil/celular 686226488

**Guatemala:** María del Carmen Aguilar

6ª Calle 2-42. Zona 1 010001 Guatemala

Tel: /502/2323388 Fax: 2325261

E-mail: instere@infovia.com.gt

**México:** Cláudia Villagómez Díaz

Mexicali 608 Planta Baja,

Colonia San Felipe de Jesús 37250

León, Guanajuato, México

Tel: /47/724 109 Fax: /47/165726

E-mail: jvdirect@dfi.telmex.net.mx

**Perú:** Carmela Zumarán

Islas Canarias 164, Lima 21 Tel: /1/ 4632252

E-mail: acogida@terra.com.pe

**República Dominicana:** Irene Veras

Juan Pablo Pina 14, Santo Domingo,

Fax: /809/ 6899276.

**Centro Cultural Poveda**

Pina 210 A - Ciudad Nueva - Santo Domingo

D.N. Fone: /809/6895689 - 6854635

E-mail: ctro.poveda@codetel.net.do

**Uruguay:** Carolina Mancini

Lindoro Forteza 2496, 11400

Casilla 15250, Montevideo,

Tel/Fax: /2/ 5083395

Marisa Salum - Bartolomé Mitre 1510

Apto. 201, Montevideo

Silvia Rivero - Vizconde de María 669

Paysandú, Tel: /72/25897

Rosario Alves - 19 de Abril 1461 - Salto

Tel: /73/32823 E-mail: rosall@adinet.com.uy

**Venezuela:** María Isabel Martínez Mercado

De Platanal a Desamparados, Edif. Platanal 37,

Piso 1º, Apto 1ª

La Candelaria, 1001, Caracas 1011

Tel: /2/ 5624248

E-mail: misabel2000@yahoo.com

## REVISTA NOVAMERICA NUEVAMERICA

*Diretora*

Susana Beatriz Sacavino

*Conselho Editorial*

Argentina - Elena Picasso

Bolívia - Ruth Riskowsky

Brasil - M.ª Guadalupe Pedrero

Chile - María Inés Wuth

Peru - Carmela Zumarán

Uruguai - Rosario Alves

*Comitê Técnico*

Ana Waleska P. Mendonça

Janett Ramírez

María del Carmen López

Susana Beatriz Sacavino

Vera María F. Candau

*Coordenação Editorial*

e *Supervisão Gráfica*

Adélia M.ª Nehme Simão e Koff

*Revisão*

Adélia M.ª Nehme Simão e Koff

Silvia Alicia Martínez

*Secretária*

Giovanina Pedroza

*Administração*

Jayme da Silva Corrêa Filho

*Projeto Gráfico e*

*Programação Visual*

Rodolpho Oliva

*Capa*

Néstor Sacavino *Projeto Gráfico*

Rodolpho Oliva *Criação e execução  
da ilustração*

NOVAMERICA

Rua 19 de Fevereiro, 160,

Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil

CEP: 22280 - 030

Tel./Fax: (021) 542-6244/295-8033

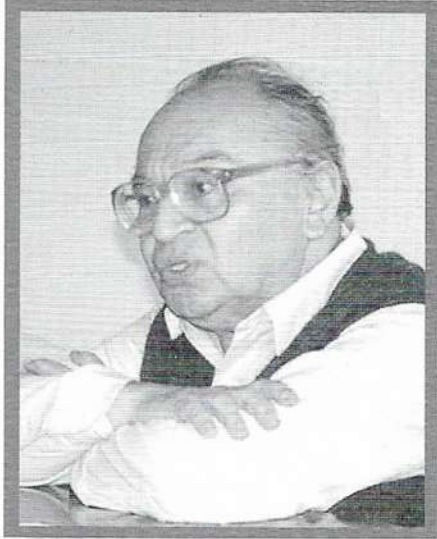
E-mail: novamerica@ax.apc.org

www.novamerica.org.br

*A direção da revista não se  
responsabiliza pelas opiniões  
disseminadas nos artigos.*

*Publicação indexada em CLASE*





## *Espiritualidade: uma maneira de seguir Jesus*

*Gustavo Gutiérrez\**

*"Uma espiritualidade é uma forma de seguir Jesus. Seguimento que tem necessariamente a marca do mundo em que se vive. Como entender Francisco de Assis e sua insistência na pobreza sem levar em conta o momento que a Igreja da época atravessava? É verdade que vivemos em um universo globalizado, no sentido de uma comunicação rápida que elimina certas barreiras e aproxima-nos em matéria de informação. Contudo, ao contrário do que muitas vezes se diz, não estamos rumando para um mundo único, mas para dois mundos. Todos os relatórios dos organismos internacionais nos dizem que nunca foi maior o abismo entre ricos e pobres (nações e pessoas). Polarização cruel que parece destinar centenas de milhões de pessoas ("insignificantes" e excluídos) a uma situação desumana. Um dos grandes desafios para o discípulo de Jesus Cristo é ser testemunha de uma autêntica comunhão entre as pessoas, da defesa da vida e da justiça em um mundo de exacerbado individualismo".*

Caso não se situe no terreno da espiritualidade, a opção preferencial pelos pobres não terá vitalidade e sentido no campo do anúncio do Evangelho e no da reflexão teológica. Não se deve esquecer que essa opção é, antes de mais nada, uma opção pelo Deus do Reino que Jesus nos comunica.

As experiências destes anos em que procuramos pôr esta opção em prática, as dificuldades encontradas para vivê-la e o alto preço – até o da própria vida – que muitos tiveram de pagar revelaram-nos dimensões da pobreza que de início não estavam claras. Mas também ratificaram o profundo sentido espiritual que comporta e, por conseguinte, a convicção de que ela nos põe a caminho no seguimento de Jesus.

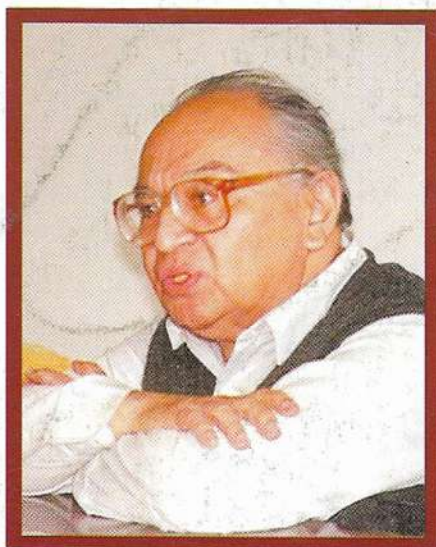
A opção preferencial pelo pobre nasceu como realidade e como expressão dos cristãos que, nas décadas de 1970 e 80, descobriram a solidariedade com o pobre como uma forma muito concreta, e exigente, de ser discípulos do Senhor. Esta perspectiva foi acolhida pelos grandes documentos do episcopado latino-americano e está presente em diferentes textos de João Paulo II. Como todas as coisas difíceis e que tocam assuntos conflitivos, também houve interpretações reducionistas e práticas discutíveis, em relação às quais são indispensáveis o discernimento e a firmeza na fidelidade à mensagem cristã. Mas isto faz parte da vida da Igreja. Por acaso o mesmo não ocorreu com grandes temas do Concílio Vaticano II, e, no transcurso da história, inclusive com grandes temas evangélicos, como a caridade, por exemplo?"

Para mim, a fonte de uma reflexão sobre a fé é o seguimento de Jesus, uma espiritualidade. Mas precisamente uma espiritualidade que não se justaponha à preocupação com o outro, em particular o mais pobre e oprimido. Grandes textos do Magistério eclesial nos recordaram a relação intrínseca entre evangelização e justiça social. Apesar disto, continuamos pensando que espiritualidade é uma coisa, e outra é a solidariedade com os demais, justamente aqueles em quem os evangelhos nos dizem que encontramos Jesus!

Aqui também seria necessário precisar termos. Tudo que diz respeito à pessoa é importante para a espiritualidade, na medida em que lhe permite uma comunhão fecunda com Deus e com os outros. Isto está longe de uma concepção individualista da subjetividade."

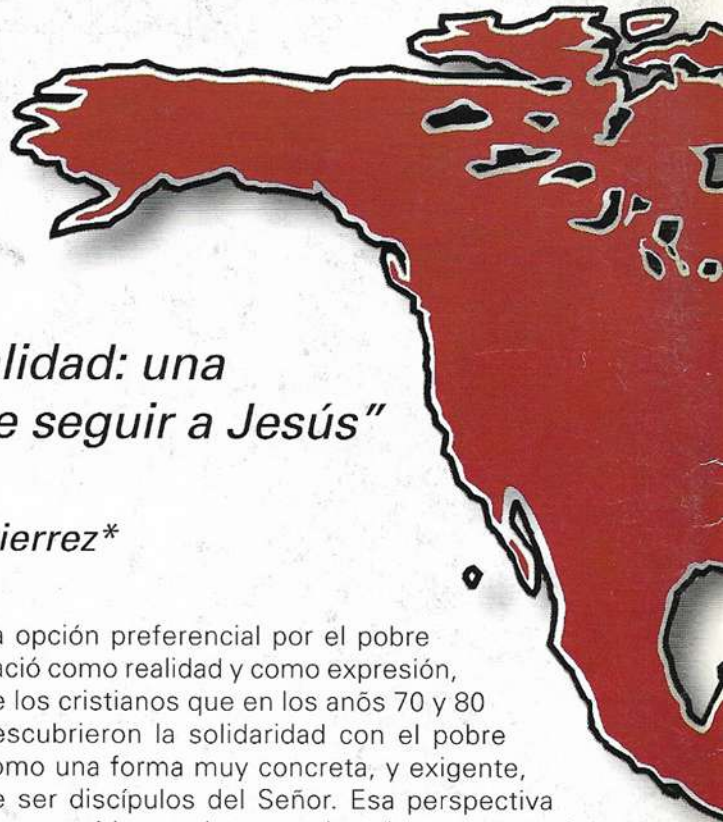
*\* Peruano. Um dos principais teólogos latino-americanos. Fundador do Centro Bartolomé de las Casas em Lima, Peru. Possui uma significativa produção nas áreas de Teologia e Espiritualidade. Destacamos uma pequena obra especialmente interessante: "Donde Dormirón los Pobres", 1996.*





## *"Espiritualidad: una manera de seguir a Jesús"*

*Gustavo Gutierrez\**



"Una espiritualidad es una manera de seguir a Jesús. Seguimiento que lleva necesariamente la marca del mundo en que se vive. ¿Cómo entender a Francisco de Asís, y su insistencia en la pobreza, sin tener en cuenta el momento que atravesaba la Iglesia en su tiempo? Es cierto que vivimos en un universo globalizado en el sentido de una comunicación rápida que borra ciertas barreras y nos acerca en materia de información; pero, contrariamente a lo que se dice muchas veces, no estamos yendo hacia un mundo uno, sino hacia dos mundos. Todos los informes de los organismos internacionales nos dicen que nunca fue mayor la brecha entre ricos y pobres (naciones y personas). Polarización cruel que parece destinar cientos de millones de personas («insignificantes» y excluidos) a una situación inhumana. Uno de los grandes desafíos para un discípulo de Jesucristo es ser testigos de una auténtica comunión entre las personas, de la defensa de la vida y de la justicia en un mundo de exacerbado individualismo".

La opción preferencial por los pobres sino se sitúa en el terreno de la espiritualidad no tendrá vitalidad y sentido en el campo del anuncio del Evangelio y en el de la reflexión teológica. No hay que olvidar que dicha opción es ante todo una opción por el Dios del Reino que nos comunica Jesús.

Las experiencias de estos años buscando poner en práctica esa opción, las dificultades encontradas para vivirla, el alto precio -hasta el de la propia vida- que muchos han debido pagar nos han revelado dimensiones de la pobreza que no se tenían claras en un comienzo. Pero han ratificado también el profundo sentido espiritual que ella comporta y por consiguiente la convicción de que ella nos pone en ruta en seguimiento de Jesús.

La opción preferencial por el pobre nació como realidad y como expresión, de los cristianos que en los años 70 y 80 descubrieron la solidaridad con el pobre como una forma muy concreta, y exigente, de ser discípulos del Señor. Esa perspectiva fue acogida por los grandes documentos del episcopado latinoamericano y se encuentra en diferentes textos de Juan Pablo II. Como todas las cosas difíciles y que tocan asuntos conflictivos, se dieron también interpretaciones reductoras y prácticas discutibles frente a las que se impone el discernimiento y la firmeza en la fidelidad al mensaje cristiano. Pero esto forma parte de la vida de la Iglesia. ¿no ha sucedido acaso con grandes temas del Concilio Vaticano II, y, a lo largo de la historia, incluso evangélicos, como la caridad, por ejemplo?"

Para mí la fuente de una reflexión sobre la fe es el seguimiento de Jesús, una espiritualidad. Pero precisamente una espiritualidad que no se yuxtapone a la preocupación por el otro, en particular el más pobre y oprimido. Grandes textos del Magisterio eclesial nos han recordado la relación intrínseca entre evangelización y justicia social. Pese a eso seguimos pensando que una cosa es la espiritualidad y otra la solidaridad con los otros, aquellos en quienes, justamente, nos dicen los evangelios, ¡encontramos a Jesús!

También aquí habría que precisar términos. Todo lo que atañe a la persona es importante para la espiritualidad, en la medida en que eso le permite una comunión fecunda con Dios y con los otros. Ello está lejos de una concepción individualista de la subjetividad."

*\* Peruano. Uno de los principales teólogos latinoamericanos. Fundador del Centro Bartolomé de las Casas en Lima, Perú. Posue una significativa producción en el área de Teología y Espiritualidad. Destacamos una pequeña obra especialmente interesante: "Donde Dormirón los Pobres", 1996.*

